



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletras.uefs.com.br

MARIA NIVANEIDE DE SOUZA ANDRADE

**LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UMA PROPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”**

FEIRA DE SANTANA

2016

MARIA NIVANEIDE DE SOUZA ANDRADE

**LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UMA PROPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira

FEIRA DE SANTANA

2016

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A5681 Andrade, Maria Nivaneide de Souza
Leitura literária no ensino fundamental : uma proposta para além das “fichas” / Maria Nivaneide de Souza Andrade. – Feira de Santana, 2016.

123 f. : il.

Orientador: Rubens Edson Alves Pereira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

1. Leitura - Estudo e ensino (Ensino fundamental) – Conceição do Coité, BA. 2. Letramento. I. Pereira, Rubens Edson Alves, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 028.1

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA NIVANEIDE DE SOUZA ANDRADE

LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas.

Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira
Orientador, Departamento de Letras e Artes, UEFS

Profa. Dra. Mirian Sumica Carneiro Reis
Examinadora Externa, UNILABEFS

Profa. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha UEFS
Examinadora Interna, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

Feria de Santana, 19 de dezembro

DEDICATÓRIA

À minha avó, mestra sem diploma na arte de amar;

A meu esposo Luciano, meu porto seguro, por todo amor expresso em incentivo, carinho e solidariedade.

Aos meus pais, especialmente, à minha amada mãe, por ter dedicado a mim o mais puro de todos os sentimentos: o amor Ágape.

À minha amada irmã pela sua cumplicidade e amor.

Aos meus amados Júnior e Gustavo, minha maior riqueza.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos recebidas.

À minha família, por compreender as ausências e pelo conforto recebido nas horas difíceis.

Ao prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira, pelas orientações concedidas, mas, sobretudo, pela compreensão e atenção.

Ao Mestrado Profissional em Letras da UEFS, pela valiosa contribuição para meu crescimento profissional e pessoal.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

À irreverente e inesquecível turma, pelos maravilhosos momentos partilhados, pela ajuda mútua e os laços construídos.

A todos os admiráveis mestres, com quem aprendi não somente lições acadêmicas, mas, especialmente, a lição da amizade e da humanidade que ultrapassa os trâmites acadêmicos.

Aos amigos-irmãos de caminhada que acreditaram em mim, rezaram e torceram para essa vitória fosse alcançada.

Às Rosas do meu jardim, Rosa Maria, Zenilda, Rosa Alba e Gelinha que de perto acompanharam a minha luta e nunca me deixaram desistir.

À Adriana por cuidar dos meus filhos e das obrigações que me pertenciam sempre com disposição e carinho.

“Tudo o que é bom dura o tempo
necessário para ser inesquecível.”
Fernando Pessoa

RESUMO

O projeto de pesquisa **Leitura Literária no Ensino Fundamental: uma proposta para além das “fichas”** objetiva contribuir com as práticas leitoras já existentes no contexto escolar, implementando uma intervenção pedagógica através do letramento literário compreendido como indispensável na construção do leitor. A proposta será desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Conceição do Coité. O trabalho centra-se na leitura do gênero conto em uma perspectiva intersemiótica que permite o diálogo com outras linguagens, favorecendo a compreensão do texto, a ampliação da competência leitora, bem como a construção do pensamento crítico do educando. Para isso, foi aplicada uma Sequência Didática organizada em módulos com os desdobramentos referentes aos contos que foram trabalhados. Faz-se necessário destacar que, nesse processo, o professor tem papel relevante como mediador entre o texto e os alunos, propiciando condições para que a leitura seja interativa e significativa. A pesquisa está embasada nos escritos de Solé (1998), Cosson (2014), Kleiman (2002), Silva (2000), Rojo (2009), PCN (1998), Dolz e Schneuwly (1997). Tendo em vista a função social que tem a leitura para a emancipação do indivíduo, considera-se importante que o texto literário esteja sempre presente na esfera escolar, visto que este pode trazer valiosa contribuição na construção de um homem mais humanizado, capaz de perceber a realidade refletida nos textos.

Palavras-chave: Literatura. Mediação. Competência Leitora.

RESUMEN

The research project **Literary Reading in Elementary School: a proposal in addition to the "fichas"** aims to contribute to existing reading practices in the school context, implementing a pedagogical intervention through literary literacy understood as indispensable in the construction of the reader. The proposal will be developed with students of the 9th grade of Elementary School of a state public school in the municipality of Conceição do Coité. The work focuses on the reading of the literary text - Tale - in an intersemiotic perspective that allows the dialogue with other languages favoring the comprehension of the text, the amplification of the reading competence as well as the construction of the critical thinking of the learner. For this, a Teaching Sequence organized in modules will be applied with the unfolding related to the stories that will be worked on. It is necessary to emphasize that, in this process, the teacher has a relevant role as mediator between the text and the students, providing conditions for the reading to be interactive and meaningful. The research is based on the writings of Solé (1998), Cosson (2014), Kleiman (2002), Silva (2000), Rojo (2009), PCN (1998), Dolz and Schneuwly (1997). Considering the social function of reading for the emancipation of the individual, it is considered important that the literary text is always present in the school sphere, since it can bring valuable contribution in the construction of a more humanized man capable of perceiving reality Reflected in the texts.

Keywords: Literature. Mediation. Reading. Competence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL	14
2. A LEITURA LITERÁRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR	22
2.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO, ORIGEM E TIPOLOGIA DO CONTO	26
3. PRÁTICAS DE EXPLORAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL	31
3.1 CÍRCULOS DE LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA	34
4. INTERVENÇÃO: POR UMA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA ALÉM DAS “FICHAS”	36
4.1 CARACTERIZAÇÕES DO <i>LOCUS</i>	36
4.2 CARACTERIZAÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA	37
4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.3.1 A sequência didática organizada em módulos:	39
4.3.2 Contos trabalhados	39
4.3.3 Descrição da sequência	39
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	87
5.1 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS TEXTOS	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE	101

INTRODUÇÃO

À escola é conferida a responsabilidade de contribuir na formação global do indivíduo de maneira que este venha a tornar-se crítico, autônomo e transformador do meio no qual está inserido. E para que a escola possa colaborar na construção do ser humano de modo mais amplo, faz-se necessário trabalhar os aspectos cognitivos e os socioformativos que darão condições ao sujeito de compreender seu papel no mundo enquanto cidadão atuante que interage e busca sempre uma vida melhor para si e para o outro.

É bom ver um número cada vez maior de pessoas tendo acesso ao conhecimento construído pela humanidade ao longo de anos e anos, mas não podemos esquecer que, durante muito tempo, esse conhecimento foi negado a quem não pertencia a um grupo social de prestígio e tal segregação consolidou a sociedade desigual que ainda prevalece no século XXI. Desse modo, a luta por uma educação de qualidade deve tornar-se incessante, pois o desenvolvimento pleno de uma nação se dá na medida em que os cidadãos se tornam autônomos, conscientes de seus direitos e deveres e buscam melhorias para a coletividade.

Temos avançado muito em aspectos importantes como, por exemplo, a ampliação de vagas em todos os níveis de ensino, livros, recursos descentralizados para a aquisição de material de consumo e pedagógico, transporte, aumento do número de docentes da educação básica com nível superior, cursos para formação continuada, programas de educação de tempo integral com o intuito de fortalecer o ensino público, tanto para o Ensino Fundamental – Mais Educação –, quanto para o Ensino Médio – PROEMI, com propostas de atividades que visam contribuir na formação intelectual, humana e social do sujeito, pois os temas trabalhados abarcam cidadania, esporte e cultura, além do reforço nas disciplinas consideradas críticas como Matemática e Português. É importante destacar a reorganização do currículo subsidiada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), documento que traz em sua essência os princípios norteadores para o trabalho didático em todas as áreas do conhecimento.

Apesar disso, no contexto escolar no qual estou inserida, vejo que a escola tem, ainda, muitos obstáculos a serem superados para que sua ação pedagógica resulte na realização do seu objetivo primeiro: formar cidadãos.

Sou professora há mais de vinte anos no Ensino Básico e, ao longo desse tempo, acompanhei as mudanças acima citadas e observo que não podemos desmerecer os avanços. Contudo, na última década a indisciplina tem aumentado, provavelmente, como consequência da quebra dos valores que orientam a vida em sociedade. E como consequência disso, impera o descaso, a falta de compromisso com o estudo, o fracasso escolar e a desvalorização da escola

pública. Entende-se que o papel do aluno, nesse processo, é imprescindível para que aconteça o aprendizado. O certo é que se ampliou o acesso, mas a qualidade no ensino não caminhou *pari passu* a essa inclusão.

A democratização do acesso à educação – anseio que ecoa dos ideais de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* – trouxe a necessidade de se pensar uma educação democrática e participativa que fizesse valer efetivamente o princípio, assegurado na Constituição, da igualdade de direitos e deveres entre os cidadãos.

Assim, faz-se necessário refletir sobre outros aspectos que impedem o envolvimento dos alunos nas atividades para que não se atribua apenas a estes a culpa pela falta de qualidade no ensino. Primeiramente, é inegável a importância de se ter metas, sonhos, motivação própria, mas, infelizmente, isso não há em muitos dos nossos jovens, pois estão imersos em uma sociedade imediatista e materialista que defende um tipo de felicidade pautada no ter. A influência da cultura de massa faz do jovem um ser manipulável, com a ingênua ideia de que é livre para fazer suas escolhas. A causa do desinteresse também pode estar relacionada às propostas didáticas, ao déficit de habilidades das séries anteriores, ao sistema de avaliação que estabelece um parâmetro mínimo para a aprovação, além da influência das mídias digitais que ampliaram o entretenimento, desfocando a atenção dos educandos das questões de aprendizagem ao invés de favorecê-las.

A escola figurou durante muito tempo como única forma de acesso ao conhecimento. Contudo, com as novas tecnologias, ela perdeu essa exclusividade, pois as informações multiplicam-se com uma incrível velocidade, desafiando a escola a renovar seus métodos e a implementar um ensino significativo, usando tais recursos como instrumentos que potencializem o desenvolvimento das competências dos educandos. Portanto, é preciso, como afirma Roxane Rojo (2009), [...] tornar a experiência da escola em um percurso significativo em termos de letramentos e de acesso ao conhecimento e à informação – o que temos chamado, bastante genericamente, de “melhorar a qualidade de ensino”. (ROJO, 2009, p.23)

Acredito que, para se trabalhar em favor da qualidade do ensino público e de modo inclusivo, necessariamente, não seja necessário “facilitar” para o aluno, oferecendo-lhe o mínimo, mas exigindo dele compromisso e participação, num percurso em que as habilidades desenvolvidas serão muito importantes para sua vida. Promover um ensino inclusivo e de qualidade é dar condições para que o sujeito seja inserido na sociedade de maneira plena e autônoma.

O desinteresse e a indisciplina são problemas a serem enfrentados por meio de uma ação pedagógica, alicerçada em um projeto político-pedagógico, construído com base nas demandas da coletividade escolar. Práticas educativas emancipatórias podem oportunizar ao jovem que não nasceu em classe privilegiada galgar um caminho oposto àquele que leva à exclusão social. É preciso caminhar na contramão da ideologia dominante. Nesse sentido, pretendo oportunizar, através desse trabalho, uma leitura reflexiva que instigue o aluno a ler os fatos do mundo através dos textos.

O início da minha atuação como professora concursada da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia coincidiu com o meu ingresso no curso de Letras Vernáculas na cidade de Conceição do Coité-BA, onde lecionei no Ensino Fundamental I e II, passando a trabalhar no Ensino Médio após a conclusão do curso. Imaginei que no curso de Letras encontraria a resolução para todos os problemas do cotidiano escolar, especificamente, no tocante à leitura, sempre muito rejeitada pelos alunos. Embora estivesse, teoricamente, embasada, não conseguia aplicar esse conhecimento na prática de ensino. Então, seguia trabalhando a gramática normativa e a leitura sempre orientada pelo que propunham os livros didáticos, entretanto sentia necessidade de ir além.

Ter buscado a continuidade dos estudos, fazendo pós-graduação e participando sempre de cursos na área de linguagem, ajudaram-me a compreender a complexidade do ensino e seus entraves, e ainda mais, que as respostas prontas não existiam, pois cada professor, com base no seu conhecimento, construirá sua prática de acordo com as necessidades e especificidades das turmas com as quais trabalha. Contudo, a prática individual de sala de aula tem de estar interrelacionada com as propostas estabelecidas no projeto pedagógico da unidade escolar, de modo que as disciplinas explorem seus conteúdos específicos, tendo sempre como norte o objetivo maior da escola.

A leitura deve estar no centro das discussões coletivas da escola, pois constitui-se em uma atividade que emancipa, enriquece, proporciona o acesso à cultura e permite uma compreensão mais abrangente dos fatos que movimentam o mundo. No entanto, conforme os resultados das avaliações externas, os índices de leitura demonstram o quanto a escola pública necessita avançar nesse aspecto.

Para a maioria dos alunos que participaram da pesquisa, a leitura está relacionada, unicamente, às tarefas escolares, e de acordo com os relatos dos mesmos, salvo algumas exceções, não realizam leituras extraclasse tais como, de revistas, jornais, quadrinhos ou textos literários, a não ser que estes sejam apresentados pela escola.

Embora se saiba que as causas desse comportamento sejam históricas e sociais, compete à escola trabalhar a leitura em cada ciclo de acordo com as especificidades de cada gênero textual, ajudando o aluno a perceber que o autor se vale da língua para enredar suas histórias, relatar fatos verídicos e opinar sobre eles, legalizar decisões, divulgar produtos, e ainda compreender que em cada texto oral ou escrito há sempre uma intencionalidade.

A decisão de propor um trabalho com leitura literária no 9º ano do Ensino Fundamental surgiu nas aulas do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – que nos provocavam a reflexão, gerando em cada um de nós o anseio de redimensionar a nossa prática. Enfim, motivada pelas leituras, discussões calorosas acerca do ensino de linguagem, e ainda, pela percepção de que os educandos não têm as habilidades exigidas pela série em que estão matriculados é que apresentei uma proposta de intervenção com a leitura de contos literários no contexto da sala de aula, através dos “Círculos de Leitura”.

Primeiro, porque sinto falta de uma atenção maior à literatura, nesse segmento de ensino; segundo, por entender que a leitura de textos literários pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades de leitura do educando, visto que o texto literário pode comunicar “[...] pelo conteúdo existencial das obras, pelos valores éticos e estéticos de que são portadoras”. (ROUXEL, 2013, p.18) Se o papel da escola, dentre outras competências, é a de formar o sujeito crítico, acredita-se que a leitura literária possa constituir-se em um instrumento potencializador para se alcançar esse objetivo.

A proposta de intervenção pedagógica “*Leitura Literária no Ensino Fundamental: uma proposta para além das “fichas”*”, tenciona trabalhar a leitura literária embasada nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Matriz de Referência do Ensino Fundamental. A Sequência Didática para o trabalho com os contos literários está organizada em módulos, contendo o passo a passo das atividades desenvolvidas no percurso da intervenção. É importante destacar que esse modelo de sequência didática baseia-se na proposta de Dolz e Schneuwly (1997), porém, foi adaptada pelo Professor Dr. Patrício Barreiros na disciplina Texto e Ensino.

Este trabalho teve uma abordagem interativa, buscando ressignificar a leitura literária através do diálogo com outras linguagens como, por exemplo, a música, o filme, história em quadrinhos e reportagens, incentivando o aluno a fazer inferências, estabelecer relações com as temáticas abordadas nos contos, construir um pensamento crítico, alargando, assim, sua visão do mundo.

1. A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Os homens se organizam em grupos e defendem interesses que lhes são comuns desde os tempos mais primitivos da história da humanidade. Com a evolução da espécie, a necessidade de comunicar-se e interagir com o outro se torna cada vez mais premente em virtude da necessidade de sobreviver às adversidades da vida. A história tem comprovado que o homem não nasceu para viver isolado e sempre buscou comunicar-se, seja através de gestos, fala, escrita ou pintura. Conforme Kato (1995), “o homem tem inerentemente uma necessidade individual de se expressar e uma necessidade social de se comunicar.” O desenvolvimento da linguagem propiciou-lhe o avanço da capacidade de pensar, de articular, comunicar ideias e de transformar o meio em que vive.

O crescimento das atividades comerciais, das artes, dos sistemas de governo, da manufatura, da agricultura, dos meios de transporte, conseqüentemente, trouxe melhorias para a vida humana. A escrita surge no bojo dessa evolução como uma forma de registro que mantém viva a memória de um povo, tornando atemporais os seus feitos. Conforme afirma Juvêncio Barbosa (1994), “a escrita é considerada um marco de passagem da pré-história para a história. É principalmente a partir do registro escrito que se recompõe a forma de vida de um povo em uma determinada época.” (BARBOSA, 1994, p. 34)

Na sociedade letrada e globalizada, apropriar-se da modalidade escrita é garantia de estar integrado a um mundo impregnado de signos impressos que podem ter múltiplos significados de acordo com o contexto e intencionalidade com que são usados. A escrita difunde ideias, dentre elas, as que combatem sistemas opressores, logo, não é de se estranhar que governos ditatoriais tenham tentado controlar a propagação de tão poderoso instrumento de libertação.

A língua e a escrita constituem símbolos externos de uma nação e esta é a razão pela qual os tesouros escritos são o principal alvo de destruição dos conquistadores. Cortez, ao conquistar o México, queimou os livros astecas que podiam trazer à população nativa recordações de seu passado glorioso. A inquisição espanhola queimou os judeus e seus livros talmúdicos em fogueiras. Os nazistas, para destruir ideologias contrárias à sua queimaram os livros inimigos. Os aliados, vitoriosos da Segunda Guerra Mundial, ordenaram a queima de toda literatura contaminada pelo nazismo. (BARBOSA, 1994, p.39)

O domínio da palavra emancipa e dá condições para que o homem compreenda os acontecimentos do mundo, questione, defenda ideias nas quais acredita e trace novas alternativas para a resolução de problemas sociais. Além disso, ler a palavra impressa alimenta a alma e responde a inquietações existenciais.

Desse modo, como instrumento de representação das sociedades, a escrita precisa ser acessível a todos os cidadãos, visto que não ter acesso a ela pressupõe estar à margem dos bens culturais, do conhecimento acumulado pela humanidade e do desenvolvimento político e econômico de uma nação.

Ezequiel Silva (2003) atribui à escrita um valor primordial na interação do homem com seus semelhantes: “o domínio da escrita e, junto com ela, das competências do ler e escrever assume uma importância quase vital para o entendimento do mundo social e, logicamente, para o exercício da cidadania.” (SILVA, 2003, p.46)

Em uma sociedade tecnológica e letrada, como contribuir para que o sujeito participe das práticas de escrita e de leitura? O acesso à escolaridade constitui-se no caminho para que o indivíduo desenvolva tais habilidades tão importantes para sua inserção social. A escrita como uma prática social é determinada pela intencionalidade de quem escreve, ou seja, compartilhar um texto seja de qualquer natureza – ofícios, receitas, bilhetes, cartas, romances, notícias, entre outros – objetiva transmitir, desde informações de ordem prática, até a difusão de uma ideologia.

Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, ‘sempre’ reflete o humano. (SILVA, 2000, p. 41)

Em razão disso é que há a necessidade de se ampliar o acesso à leitura e à escrita, vez que, apropriar-se dessas formas de comunicação é pressuposto para que os sujeitos tenham condições de compreender a intenção que subjaz em cada texto que circula na sociedade. Estar inserido em uma realidade social é saber atuar conscientemente sobre ela, exercendo a cidadania plenamente.

A educação é um direito constitucional que garante aos cidadãos ter acesso ao conhecimento sistemático acumulado pela humanidade. Assim como cumpre à escola a tarefa de propagar os saberes construídos e os valores culturais de diferentes comunidades que

formam a sociedade, a leitura e a escrita também devem ser trabalhadas, ajudando os educandos a conquistar sua autonomia enquanto leitores e escritores. Desse modo, torna-se imprescindível

[...] fazer da escola um âmbito onde a leitura e a escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir. (LERNER, 2002,p.18)

Na sociedade em que se vive, caracterizada por interesses adversos entre as classes sociais, a leitura nunca foi um direito de todos. A história confirma que os escritos durante muito tempo estiveram nas mãos de governos ou instituições que não tinham interesse em difundir ideias revolucionárias ou igualitárias sob a ameaça de perderem suas posições na hierarquia social. Portanto, manter a ignorância sempre foi conveniente, visto que assegura a manutenção dos privilégios de poucos, neutralizando a voz daqueles que menos usufruem dos bens materiais e culturais pertencentes a todos. Quanto ao controle de informações, Irandé Antunes afirma:

A propósito da escassez de informação, e pensando na atuação das pessoas em setores da vida social e política, poderíamos lembrar – com pesar – a condição indefesa de quem não lê e, conseqüentemente, de quem apenas dispõe de um corpo de informações restritas à transmissão da oralidade. Por isso, a leitura acaba promovendo a inclusão social, acaba sendo uma condição do exercício pleno da cidadania. (ANTUNES, 2009, p.195)

A ideia de igualdade e participação ativa do sujeito na vida social remonta aos longínquos tempos da Revolução Francesa, cujos princípios defendiam a implantação de escolas públicas como forma de levar a cultura letrada ao povo e, assim, diminuir a desigualdade social. Na verdade, o que desejavam os burgueses era diminuir a distância entre eles e a aristocracia e não implementar um projeto de igualdade social. Colocar a escrita em uma posição de prestígio só aumentou as diferenças entre a classe alta e a população trabalhadora.

Mesmo com a implementação de projetos educacionais no sentido de ampliar o acesso à escola de qualidade para a população, percebe-se que há um longo caminho a seguir, pois a política educacional brasileira, embasada na Constituição, que reza ser a educação um direito

de todos, garantiu o acesso e gratuidade do ensino, entretanto, não assegurou a permanência e o sucesso escolar.

Avaliações externas “dão conta de que, no Brasil, a escola vem falhando na sua função de formar leitores” (ANTUNES, 2009, p.185) e demonstram o baixo desempenho dos alunos que, mesmo depois de alguns anos de escolaridade, não conseguem extrair informações ou estabelecer relações entre as diferentes partes de um texto. Muitos estudantes terminam o Ensino Médio sem nunca ter lido um livro completo ou um artigo que trate de questões mais complexas da problemática social.

Os resultados do PISA em 2012 indicam que os alunos brasileiros tiveram um péssimo desempenho na habilidade de leitura em relação a alunos de outros países. Conforme Rojo (2009, p.47), para o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF-2005), 7% da população é analfabeta e 93% são considerados alfabetizados e encontram-se categorizados em três níveis de Alfabetismo:

Nível rudimentar: corresponde a capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos; Nível básico: capacidade de localizar informações explícitas em textos de extensão média. Nível pleno: corresponde à capacidade de ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação, de acordo com as condições estabelecidas, relacionando partes de um texto, comparando dois textos, realizando inferências e sínteses. (ROJO, 2009, p.47)

A situação descrita acima nos remete a possíveis fatores que contribuem para a configuração desse quadro: a falta de motivação dos alunos, talvez por não se sentirem protagonistas nesse processo; a falta de bibliotecas com títulos diversificados; o uso adequado de estratégias de leitura e a participação do professor como mediador nesse processo de aproximação do aluno com o texto.

Sabe-se que a escola tem encontrado dificuldades para tornar o aluno um leitor proficiente e isso pode ser atribuído à falta de maturidade do aluno em reconhecer a importância da leitura para o seu crescimento intelectual e social. Além disso, ao considerar informações dadas pelos os alunos, a maioria dos discentes tem contato com livros mais no âmbito escolar que fora dele.

É preciso que na escola desenvolva-se um trabalho mais significativo com a leitura, colocando-a no centro das atividades escolares de modo que os alunos compreendam que aprender está intrinsecamente relacionado a ler, pois, como afirma Lerner, “a leitura aparece

desgarrada dos propósitos que lhe dão sentido no uso social, porque a construção do sentido não é considerada como uma condição necessária para a aprendizagem” (LERNER, 2002, p.76)

Há urgência em redefinir conceitos e práticas acerca das estratégias de ensino da leitura. Colocá-la num lugar de prioridade faz dela um instrumento que auxilia a aprendizagem e contribui para despertar no aluno a imaginação criadora, a subjetividade e o prazer de ler, mas também, acima de tudo, formar o senso crítico que liberta o indivíduo da alienação. Para Ezequiel Silva (1986),

aquilo que o senso comum denomina de crise de leitura, desgosto pelos livros, falta de capacidade do povo para ler, etc... é um aspecto da ideologia disseminada no seio da sociedade, que produz efeitos esperados na manutenção da organização social vigente. (SILVA, 1986, p.16)

E para romper com essa ideologia, a escola precisa de uma intervenção didática fundamentada em uma concepção interacionista da linguagem, na qual os alunos compreendam o ato de ler como um momento de diálogo entre o leitor e o texto. A escola dispõe dos elementos necessários para a realização desse trabalho: professor, aluno e livros.

Reconhecer a importância do ato de ler para o desenvolvimento de um povo requer da instituição formalmente delegada a exercer essa função – a escola – uma proposta de leitura crítica para além das atividades avaliativas, visto que num mundo dominado pela tecnologia de ponta, ler é garantia de um espaço nesse mundo, é um ato libertador que possibilita ao indivíduo capacidade de escolhas e, especialmente, estar atento às armadilhas da manipulação de ideologias antidemocráticas.

[...] o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade em termos de compreensão do presente e do passado e em tempos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade). (SILVA, 1988, p.22-23)

Logo, a leitura deve configurar-se uma atividade que tire o homem da condição de expectador dos acontecimentos para assumir uma posição de quem participa e exerce a sua capacidade de escolha com liberdade.

As práticas leitoras, no processo de formação do leitor, devem estar condizentes com os objetivos a serem alcançados. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) orientam que, durante a leitura, o leitor desenvolve um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto com base nos seus objetivos, nos seus conhecimentos prévios e mobiliza estratégias como a seleção, antecipação, inferência, verificação que o ajudarão a avançar na compreensão do tema validando ou não as hipóteses levantadas. Solé, em consonância com os PCN, observa que a questão dos objetivos que o leitor propõe alcançar com a leitura é crucial, porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo, à medida que lê. (SOLÉ, 1998, p.41)

À medida que o aluno se familiariza com a leitura, ele vai usando as estratégias de modo que sua compreensão atenda às necessidades dessa leitura. O trabalho em vista de um leitor proficiente tenta aproximar os propósitos didáticos do ensino de leitura aos propósitos sociais com os quais os leitores se deparam no seu cotidiano.

A leitura é um importante meio pelo qual o indivíduo tem acesso à informação, logo, cabe à escola promover o desenvolvimento dessa competência, desenvolvendo um trabalho com a diversidade de gêneros que circulam na sociedade. É claro que o educando não tem contato com a leitura apenas no âmbito escolar, contudo, é nesse espaço que a leitura será realizada sob a orientação do professor, que fará uso de estratégias que contribuirão para o desenvolvimento da competência leitora do educando. É importante enfatizar que a figura do professor é de suma importância, vez que ele é o mediador nesse processo de interlocução do aluno com o texto.

Wanderley Geraldi (2002) sugere que, ao elaborar as propostas de leitura, os professores olhem para os problemas que os leitores resolvem fora da escola, porque eles fornecerão subsídios para melhor conduzir as práticas de leitura na escola. Quando vai ao texto, o sujeito pode estabelecer uma relação específica com ele, e o que determina se essa interlocução será mais ou menos rasa, é o motivo pelo qual o leitor procura lê-lo.

Assim, o leitor pode realizar uma leitura em busca de respostas. Trata-se de perguntar ao texto, que nem sempre vai dar respostas precisas, no entanto, é necessário que as inquietações do leitor continuem para que este busque outros textos. Essa relação é chamada de leitura-buscade-informações. Pode-se ir ao texto para escutá-lo, retirando tudo que possa extrair nessa leitura. É o que pode se chamar de leitura-estudo-do-texto. Uma instrução técnica (estudar uma receita, ler as instruções de um manual etc.)

Por fim, pode-se ir ao texto desarmado. Sem perguntar, sem procurar minúcias, sem qualquer pretensão de uso imediato. É o se pode chamar de leitura de fruição do texto. É a gratuidade da relação que define esse tipo de leitura. Qualquer tipo de texto pode ser objeto de leitura prazerosa.

Como se vê, Wanderley Geraldi (2002) apresenta vários tipos de relações que o leitor pode manter com o texto, evidenciando, assim, que os objetivos da leitura são a mola propulsora dessas diferentes formas de ler.

De acordo com Aguiar (2002), os interesses pela leitura surgem tanto pela necessidade de adquirir informação sobre um determinado assunto, quanto pela vontade de ler sem compromisso, por distração, como é o caso dos textos de ficção. No primeiro caso, a autora argumenta que a leitura está calcada numa realidade imediata, pois oferece informações ou instruções. Já a leitura de ficção desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, de maneira que se estabelece um diálogo que propiciará concordância ou ruptura das expectativas do sujeito em relação ao texto.

Mas como alcançar esse nível de leitura? Acredita-se que a partir de um trabalho alicerçado em uma concepção interacionista da linguagem, que entenda a língua “como forma de atuação social e prática de interação dialógica” (ANTUNES, 2009, p.49), e um sólido projeto pedagógico que, de acordo com os PCN (1998), precisa estar comprometido com o progresso dos alunos para um nível de leituras mais complexas.

Daí a necessidade de um trabalho com os variados gêneros textuais que circulam na sociedade, pois estes são uma forma de oportunizar leituras significativas para o aluno, já que atendem a propósitos comunicativos concretos.

Dolz e Schneuwly afirmam ser “através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes.” (DOLZ E SCHNEUWLY, 1997, p.74). Assim sendo, o professor, como leitor mais experiente, nesse processo, criará condições para a leitura de diferentes gêneros textuais em sala de modo que atenda, nas palavras de Lerner (2002), a propósitos didáticos e propósitos comunicativos.

Entre os objetivos didáticos que se estabelecem para o trabalho com a leitura, é possível afirmar que o mais condizente com o objetivo social seja o de levar o educando a pensar. O professor, enquanto mediador, deverá trabalhar no sentido de aguçar a consciência do educando promover a discussão e a reflexão, dando espaço para que os alunos façam suas suposições, exteriorizem seus pensamentos tanto na oralidade quanto na escrita, pois que se observa muito no contexto da sala de aula é um silêncio diante do texto. Os alunos estão programados apenas

para responderem as questões que se seguem após a leitura, negligenciando toda a riqueza da interação entre os colegas. Ezequiel Silva (1986) argumenta que

a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações – isto porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através da discussão e do debate.” (SILVA, 1986, p.15)

A expansão das mídias digitais com a sua eficiência fascina o homem pós-moderno. As informações em tempo real, o acesso a qualquer tipo de conhecimento, o encurtamento das distâncias, tudo isso propicia o perfil do indivíduo dessa era digital. No entanto, a educação pública ainda não acompanha essa velocidade, sobretudo, no que se refere ao uso dos recursos midiáticos em favor dos seus propósitos de ensino.

É notável o desinteresse dos alunos pelo saber que a escola tenta transmitir e a desvalorização em relação à leitura tornou-se muito enfática para muitos educandos que ainda não adquiriram a consciência do quanto é relevante apropriar-se dessa habilidade para seu crescimento pessoal, social e profissional.

Reformular as práticas educativas é preciso, especialmente, no sentido de colocar a leitura no centro delas. Isso porque é a leitura que dará ao sujeito a capacidade de compreender como se delineia a sociedade e a complexidade das relações de poder que se estabelecem nela. Ou ainda, perceber que ler se constitui em uma poderosa arma contra a ignorância, a alienação e a opressão.

2. A LEITURA LITERÁRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A arte de narrar histórias é inerente ao ser humano. É só vasculhar a memória e lá se encontra o registro das muitas que foram ouvidas ao longo da vida e que fizeram disparar o nosso gatilho da curiosidade e da imaginação. Quem não se encantou com os “causos” de assombração contados por alguém mais velho da família? Quem nunca se imaginou no lugar do super-herói preferido, vivendo as mais emocionantes aventuras? Quem nunca se emocionou com uma história de amor provada por vários obstáculos?

O estímulo à leitura na infância, quer tenha sido iniciado no seio familiar com as histórias contadas pelos mais velhos, quer tenha começado no âmbito escolar – lugar onde terão contato com as leituras imortalizadas pela literatura – contribuem para que essa atividade continue ao longo da vida do indivíduo. O importante é que a leitura seja apresentada nesse período, pois “a mediação entre o leitor em seus primeiros ensaios com a matéria literária constitui-se, assim, aspecto fundamental a ser considerado ao longo desse processo.” (SILVA, 2013, p.56)

A leitura dos textos literários contribui significativamente para a formação do leitor competente na medida em que cumpre a função social de transmitir conhecimento e, também, todo cabedal da cultura de um povo. E isso se dá mediante a construção de um universo imaginário. O autor se vale de uma linguagem esteticamente construída e convida o leitor a participar desse mundo no qual ele pode testar sua capacidade de posicionar-se, e diante de determinadas situações, refletir, emocionar-se, sonhar; bem como relacionar essa leitura à leitura do mundo no qual está inserido, para assim melhor compreendê-lo.

[...] dar nova vida às palavras, criar o efeito de estranhamento, é o meio que o poeta se serve para obrigar o destinatário da obra literária a pensar na essência da condição humana, a refletir nos problemas da verdade, da justiça, do amor, do tempo, da morte, etc. (D'ONOFRIO, 2001, p.23)

De acordo com Antônio Cândido (2011), a leitura literária possui três características importantes na construção do leitor: a organização estética da mensagem; a capacidade de expressar a visão de mundo de indivíduos; e ser uma via de acesso ao conhecimento.

Esses aspectos embasam o argumento de que a experiência com a leitura literária constitui-se num elemento indispensável para a construção de um leitor crítico cuja visão de mundo estenda-se para além de si mesmo, tornando-o mais humano e aberto ao outro. Rildo Cosson (2014) afirma:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.” (COSSON, 2014, p.17)

Seja pela força da tradição oral, seja pelo poder da escrita, as histórias sempre preencheram a vida do ser humano que busca através da ficção descrever o mundo. A literatura manifesta-se através da palavra e imita o mundo exterior, convidando o leitor a participar de um universo que, de acordo com Tzvetan Todorov (2010), ao invés de apagar as experiências vividas, faz o leitor descobrir que os mundos se colocam em continuidade com essas experiências, permitindo, assim, melhor compreendê-las.

Antônio Candido (2011), reconhece a literatura como um direito que deve ser garantido ao indivíduo, assim como saúde, liberdade individual, moradia, entre outras necessidades, por se constituir em um elemento indispensável de humanização do indivíduo enquanto ser que interage em um núcleo social.

O crítico destaca ainda três importantes aspectos da obra literária próprios à sua natureza: a maneira como se organiza a mensagem; a capacidade de expressar emoções e visão de mundo dos indivíduos e sua forma de transmitir conhecimento.

O texto literário constitui-se num construto de outros mundos e situações que podem criar identidades e propiciar o pensamento reflexivo. O mundo fictício permite ao homem comum a oportunidade de ter uma vida diferente da que se resignou a viver. Segundo Llosa, os homens no mundo real nunca se encontram satisfeitos nos papéis que representam na vida real. Para ele,

os homens não estão contentes com os seus destinos, e quase todos, ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignaram a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (LLOSA, 2004, p.12)

Seriam os textos literários isentos da realidade? Não seria a literatura o reflexo do cenário social do momento em que foi produzida? Para alguns, ler literatura é apenas um passa tempo. Mas por que os textos literários, em certo momento da história, causaram tanta inquietação em grupos dominadores, a exemplo da Inquisição espanhola que proibiu a leitura de romances sob a alegação de que estes eram perigosos e mentirosos? De acordo com Llosa (2004), provavelmente por perceberem a natureza revolucionária da ficção, pois sendo a leitura

literária um despertar da consciência, da inquietação e do questionamento, representa um perigo, pois incita no homem o desejo de mudança que sem dúvida contraria os ditames da ordem instituída nem sempre a mais justa.

A necessidade da leitura literária no contexto escolar é importante, visto que esta representa um posicionamento contrário à passividade. Desse modo, a escola não pode negar esse direito ao sujeito, ainda que seja uma tarefa difícil, precisa criar condições para que a leitura literária seja presença marcante nas aulas de leitura, pois não ter acesso a esse tipo de texto consiste em forma de exclusão.

A presença do texto literário no *menu* das leituras escolhidas pela escola torna-se indispensável, já que a principal função desta instituição é a de formar leitores críticos, mais humanos e conscientes da sua realidade. A literatura possui força humanizadora que reconstrói o mundo real através da ficção e o reconhecimento dele através da palavra. Possivelmente, isso se deva ao enredo das tramas que, na maioria das vezes, são muito próximas dos dramas vividos pelas pessoas no seu cotidiano. Antônio Cândido (1995) afirma:

Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um “bem incompreensível”, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1995, p.243)

O universo literário propicia ao leitor vestir uma nova roupagem de forma que passa a sentir e relacionar-se com o mundo a partir de um novo olhar, visto que no seu inconsciente, o texto serve como espelho que reflete a si mesmo, ora expondo os conflitos interiores ora permitindo uma identificação com o perfil dos personagens, sejam eles eticamente corretos ou dominados por suas fraquezas.

Paulo Filho (1995) diz que o texto literário é como um tecido que tem espaços vazados e estes são preenchidos pelo leitor que dialoga com o texto, reflete acerca de suas dúvidas e incertezas, enfim, o texto completa-se na leitura competente do leitor. Em relação às entrelinhas do texto, elas reafirmam a necessidade de completude do texto que será feita de acordo com as perspectivas de cada leitor:

O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e

estimulado a imaginar o não dito como o que é significado. Daí resulta um processo dinâmico, pois o dito parece ganhar sua significância só no momento em que remete ao que oculta. (ISER, 1999, p.106)

Outra característica do texto literário é a riqueza da linguagem conotativa que possibilita a ampliação dos significados construídos pelo leitor, despertando a imaginação e a sensibilidade. As “falsas verdades” das narrativas ficcionais permitem aos leitores terem contato com personagens e através deles viverem aventuras, preenchendo as insuficiências da vida.

O texto literário transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas, utilizando-as além de seus sentidos estritos e além da lógica do discurso usual, mas estabelece com cada leitor relações subjetivas que o tornam um texto móvel (modificante e modificável), capaz mesmo de não conter nenhum sentido definitivo ou incontestável. (D'ONOFRIO, 2001, P.14)

A linguagem polissêmica do texto literário alarga as possibilidades de interpretações, pois durante a leitura entram em jogo a subjetividade do leitor e os recursos estilísticos, elementos entrelaçados na construção de sentidos do texto.

Enquanto processo interativo que visa comunicar ideias, “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor.” (JOUVE, 2002, p. 61). Estudos na área da Estética da Recepção consideram duas vertentes importantes para compreensão de textos literários: o universo de palavras criado pelo autor e a participação ativa do leitor inserido em um determinado contexto sócio-histórico.

Vincent Jouve (2002) afirma que o leitor complementa os textos levando em consideração quatro aspectos: a verossimilhança, que diz respeito à coerência que os elementos narrativos mantêm com a realidade; a sequência de ações faz com que o leitor acompanhe a sequência dos acontecimentos em narrativas mais complexas; a lógica simbólica que exige do leitor considerar as estruturas metafóricas e, por fim, a significação geral da obra.

Feitas algumas considerações acerca da natureza do texto literário e o papel do leitor no processo de apropriação de sentidos do texto, é salutar destacar também a importância da literatura em virtude da sua *plurifuncionalidade* que, de acordo com Salvatore D'Onofrio (2001), não se resume apenas à função estética, mas às funções catártica, pragmática, cognitiva

e lúdica. Tudo isso perpassado por temas que muito se assemelham aos conflitos vividos pelo ser humano.

Se a escola objetiva contribuir na formação de um leitor crítico e mais humanizado, não pode prescindir da leitura de textos literários, vez que estes, além de ampliar a capacidade leitora, devido aos “vazios” que devem ser preenchidos durante a interação com o texto, conduzem o leitor “ao conhecimento do humano, o qual importa a todos”. (TODOROV, 2010, p.89). É preciso que a escola dê lugar para o letramento literário, pois, ainda que se tenham diferentes formatos de divulgação da literatura, é no espaço escolar que a arte da palavra deve ser mais disseminada em função da sua força libertária.

2.1 Reflexões sobre o conceito, origem e tipologia do conto

Não é possível precisar quando as histórias passaram a fazer parte do cotidiano do homem, porém, tenham elas surgido na cultura egípcia, persa ou grega, o certo é que continuam a fomentar o imaginário das pessoas. Elas estão presentes nas histórias contadas pela bíblia, nos contos maravilhosos e fantásticos, nas aventuras dos heróis gregos, passando pelas tramas das Mil e uma noites até chegar aos heróis e vilões modernos.

A força da imaginação criadora atravessa o tempo e as histórias são reinventadas nas telas dos cinemas, nos jogos de vídeo games, nos mangás e quadrinhos, digitais ou impressos, de maneira que os personagens assumem formas, cores, movimentos que fascinam jovens e adultos.

Em se tratando de histórias ficcionais, o conto é um gênero literário que se diferencia da novela e do romance por ser condensado e apresentar espaço e tempo reduzidos, poucos personagens e o enredo girar em torno de um único conflito. As curtas histórias, também conhecidas por *short story*, possuem as características das narrativas mais longas como a novela e o romance – personagens, enredo, foco narrativo, complicação, clímax e desfecho – porém estruturadas de forma mais curta, densa e surpreendente que cativam o leitor.

Enquanto no romance o conteúdo textual encontra-se diluído na multiplicidade de ações, personagens, espaços, tempos, descrições, reflexões, no conto temos uma condensação do sentido que se revela ao leitor de forma mais rápida e surpreendente. (O’ONOFRIO, 2001, p.121.)

Em virtude da concisão do conto, é preciso que se tenha um olhar acurado para os elementos que o compõem, pois, na leitura de um conto tudo tem de ser levado em consideração, pois cada vírgula, palavra, descrição ou espaço contém valiosas informações que contribuem para a construção do sentido global do texto. Tudo no conto tem significado, não se pode minimizar os detalhes, pois na ficção todos os elementos estão organizados em função da progressão das ações. A redução dos elementos estruturais “confere ao conto uma grande densidade dramática.” (O’NOFRIO, 2001, p.121), exigindo do leitor esforço para compreensão que qualifica a leitura.

Os fatos no conto erudito apresentam um encadeamento lógico que conferem à história uma proximidade com a realidade, pois “a regra do conto erudito é ater-se ao real, não fugindo do princípio da verossimilhança, pois a atitude mental que dele se depreende não é idealizar, mas contestar valores sociais.” (O’NOFRIO, 2001, p.121). Essa semelhança envolve o leitor e contribui para que o objetivo discursivo se concretize.

Com Thereza Magalhães (2006), a estrutura do conto é apresentada de maneira bem didática:

- **Introdução ou apresentação:** consiste no início da história, quando o narrador apresenta os personagens, espaço, tempo e os acontecimentos iniciais;
- **complicação ou desenvolvimento:** parte da narrativa na qual se desenvolve o conflito, ou seja, momento em que geralmente aparece uma problemática;
- **clímax:** ponto alto da história que gera tensão no leitor, pois os acontecimentos que estão por vir podem ou não se desenrolarem de acordo com as expectativas do leitor;
- **desfecho ou conclusão:** momento em que se revela a solução do conflito que pode ser trágico, cômico, triste ou feliz;
- **tempo:** na narrativa ele determina o percurso dos acontecimentos. Nas narrativas há dois tipos de tempo. O cronológico ou histórico aquele que indica a linearidade das ações, medindo as horas, dias, meses e anos; o psicológico ou metafísico marca um tempo estabelecido pela memória do narrador ou da personagem, muito próprio de enredo não linear, quando os acontecimentos não se encontram organizados na ordem natural. Associado a esse tempo psicológico tem-se ainda um recurso narrativo conhecido como flashback que consiste em iniciar a narrativa no tempo presente para depois voltar no tempo para relatar fatos ocorridos no passado;
- **espaço físico ou geográfico:** lugar onde acontecem os fatos que podem ser descritos de forma detalhada ou ao longo da narrativa. É sempre facilmente identificável no texto.

- **espaço social** é o lugar social de onde falam as personagens, pois revela as condições socioeconômica, moral e psicológica das mesmas.

Com o passar do tempo, o conto tem se apresentado com diferentes roupagens: conto maravilhoso, fantástico, de mistério, de ação, policial, de amor, ficção científica; e outras classificações, como tradicional, moderno ou contemporâneo. O fato é que a estrutura permanece a mesma, pois “o que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve em sua ‘história’ foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura.” (GLOTIB, 1985, p.29)

Na perspectiva do conto moderno, o enredo apresenta um acontecimento central, ocorre num tempo delimitado e as ações não são organizadas com linearidade. À medida que o texto avança, o enredo fragmenta-se e dissolve-se nos pensamentos, sensações ou revelações. Não há, portanto, uma obediência à ordem início, meio e fim da história. (GLOTIB, 1985, p.30)

A escrita da ficção curta absorveu os elementos estéticos da prosa e da linguagem subjetiva da poesia e, ainda, a ruptura com a estrutura tradicional do conto no tocante às temáticas, pois remetem às contradições humanas e também às incertezas e indefinições do mundo moderno. Os personagens dos contos modernos são ambivalentes e contraditórios, nem sempre resolvem seus problemas, entretanto, continuam a viver mesmo diante das decepções e dos fracassos.

O conto é uma composição literária bem aceita pelo leitor contemporâneo devido à sua brevidade. Existem inúmeros contistas e o gênero é multifacetado em subgêneros nos quais as regras para compô-los estão mais relacionadas à extensão do que a estrutura, a exemplo dos microcontos que passaram a ter maior visibilidade a partir de 1959 com o guatemalteco Augusto Monterroso, com o conto “O dinossauro”, considerado um dos menores contos que já se viu. Esse gênero tem ganhado amplo espaço em blogs, twitter e celulares, possivelmente em função da sua dinamicidade e rapidez com que são divulgados os textos, mas que requer do leitor outros letramentos. Desse modo,

uma narrativa de ordem linear, conforme estudos canônicos de gênero conto, deixa de ser privilegiada nos minicontos, que buscam, por sua vez, uma “estética da brevidade” aliada tanto às necessidades das novas tecnologias de informação e comunicação quanto à condição de uma cultura do impacto, do inesperado. (FERRAZ apud ROJO, 2012, p.81)

A pressa impulsiona o homem moderno a buscar uma leitura dinâmica que expresse os valores transitórios da sociedade. É nessa sociedade fluida que o conto ganha notoriedade,

especialmente os microcontos, pois o conto capta cenas e conflitos cotidianos que conduzem o leitor a um desenrolar dos fatos de modo mais rápido, surpreendente e catártico. (GLOTIB, 1985, p.30)

O conto estabeleceu-se enquanto gênero literário no século XIX, quando o ficcionista, poeta e crítico literário Edgar Allan Poe fez a primeira crítica sobre a narrativa curta. Em suas reflexões, Poe defende que há uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele provoca no leitor. De acordo com Nádía Glotib (1985), a leitura do conto deve ser feita *de uma só assentada* para conseguir o efeito desejado.

A conhecida teoria da “unidade de efeito” criada por Poe visa criar no leitor uma impressão individual. Para o contista, “a composição literária causa, pois, um efeito, um estado de ‘excitação’ ou de ‘exaltação da alma’. E como todas ‘excitações intensas’, elas ‘são necessariamente transitórias’”. (GLOTIB, 1985, p.33) Convém ressaltar o papel da linguagem que é esteticamente usada pelos escritores para criar um texto breve que seja intenso e cause tensão, entretanto, sem ir além dos limites estabelecidos pelo autor.

Julio Cortázar considera o gênero conto de difícil definição, mas concorda com Poe quando afirma que “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar limite físico” (CORTÁZAR, 2006, p.151). Desse modo, o escritor coloca a questão da extensão como das principais características que definem o gênero conto.

Na verdade, a brevidade é tomada como o aspecto que caracteriza o conto, pois o autor busca por meio da “contração” apresentar os melhores momentos da trama construída, esse princípio da “economia de meios” defendida por Poe é que determina o impacto no leitor, vez que o teórico preconiza que o “efeito” resulta da intensidade e da brevidade das ações.

Outra relevante característica do conto é a *epifania*, cuja função na narrativa é a de revelar ao leitor uma dada realidade. Muitas vezes, a trama traz um personagem com uma visão ofuscada ou uma postura submissa à situação que vivencia sentimentos de angústia, fraqueza e frustração, sem liberdade para agir de acordo com suas convicções. No entanto, há um momento em que um acontecimento, às vezes banal, desestabiliza esse comportamento passivo para em seguida retomar seu equilíbrio com uma visão renovada e completa consciência da realidade.

Segundo Vera Silva (2009), o texto de ficção reflete os dilemas do ser humano, por isso, durante a leitura instaura-se um processo de identificação entre o leitor e a personagem. Atribui-se à linguagem metafórica um fator de dificuldade para compreender o sentido do texto, porém, ao mesmo tempo, ela se constitui na grandeza do texto literário, visto que coloca o leitor em

posição ativa para descobrir o que há nas entrelinhas. E o prazer da descoberta é muito produtivo para tornar o leitor proficiente.

3. PRÁTICAS DE EXPLORAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

O propósito de formar alunos que leiam literatura, reconhecendo-a como uma forma de tornar a realidade representável e, ainda, uma ferramenta que contribui na ampliação da capacidade leitora tem sido um desafio para os professores de linguagem que, com frequência, se deparam com a resistência dos alunos em ler textos literários.

Acredita-se que existam alguns fatores a serem considerados para essa desmotivação: o primeiro deles pode ser atribuído ao mito de que ler textos literários é difícil. Assim, os discentes procuram justificar suas dificuldades, alegando que os textos são longos, a linguagem antiga e isso torna a leitura difícil e cansativa.

Silva¹ afirma que se a escola trabalha com obras clássicas, que pertencem a um tempo muito distante da realidade dos alunos, sem relacionar a estilística do texto ao contexto no qual foi produzido, reforça, desse modo, a ideia de leitura complexa.

Outro aspecto relevante de ser mencionado é que no mundo contemporâneo tudo tem uma finalidade prática e, em geral, os alunos não veem na literatura uma função pragmática, ou seja, não compreendem que ler literatura dá ao indivíduo condições de entender o mundo através de um “outro mundo” reinventado pela palavra.

O terceiro fator decorre do modo como é feita a abordagem do texto de ficção, pois não raras vezes, o texto literário é usado como pretexto para ensinar aspectos gramaticais ou apenas lido como uma tarefa a ser avaliada mediante o preenchimento de fichas de leitura, abordagem que não colabora, de acordo com os PCN (1998), para a formação de leitores capazes de identificar as particularidades e os sentidos das construções literárias.

Muitos estudiosos criticam a didatização da literatura, pois esta atenderia aos fins da escola e a literatura enquanto arte não deveria se enquadrar em objetivos pedagógicos. Para outros autores, a escolarização do texto literário é inevitável e necessária.

O que se pode criticar, o que se pode negar *não* é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.
(SOARES, 2001, apud COSSON, 2014, p.19)

¹ IVANDA MARIA MARTINS SILVA é doutora em Letras pela UFPE (2003), professora de Língua Portuguesa da Faculdade Integrada do Recife (FIR).

A desfiguração do texto literário se deve a uma metodologia que não prioriza a leitura compartilhada e a troca de impressões entre os alunos acerca do texto, ou seja, o professor recorre ao preenchimento das fichas, elaboração de resumos, resenhas e recontos, entretanto “quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa [...]” (COSSON, 2014, p.29)

É possível que a beleza do texto literário não seja percebida pelos alunos em virtude da mudança na metodologia quando estes ingressam no Ensino Fundamental, quando a leitura passa a ser mais didática, com foco na apreensão das características do gênero textual em detrimento da construção dos sentidos e da partilha das diferentes visões que se tem de um texto tão polissêmico quanto é o texto literário.

Rildo Cosson (2014) afirma, que embora seja a leitura um ato solitário, a interpretação desta é um ato solidário, pois o sentido que se produz não está apenas entre escritor e leitor, mas depende da visão que ambos tem do mundo no qual estão inseridos. Logo, o ato de ler deve ser ancorado no desenvolvimento da capacidade humana de interpretar o mundo e a si mesmo.

E por último, conceber a leitura literária apenas como uma atividade que dá prazer. Essa ideia é recorrente entre os alunos, pois o conceito de prazer está associado àquilo que culturalmente o aluno construiu como prazeroso. A leitura para ser boa tem de fazer delirar. Essa concepção refuta a leitura como um aprendizado construído socialmente. Gostar ou não de ler está associado às condições sociais e culturais em que estão imersos os indivíduos. Portanto, a condição de leitor está submetida à relação que tem o leitor com o texto e, nesse último aspecto, a escola tem função de orientar os educandos para os diferentes propósitos da leitura literária, que entre outros, está o de também propiciar diversão e prazer.

A partir da observação de algumas atividades de leitura do texto ficcional em uma turma da educação infantil e em conversa com professoras desse segmento, percebe-se que o texto literário é explorado de maneira lúdica e interativa. Nas rodas de leitura, no manuseio dos livros, nas dramatizações ou jograis estabelece-se uma relação que instiga os sentidos da criança, favorecendo o convívio e a afetividade com o livro. Conforme Paulo Filho (1995), o professor figura como mediador da relação dialógica leitor-texto, facilitando esse diálogo.

Entretanto, essa relação mais íntima com o texto perde-se nas séries mais avançadas, possivelmente, em virtude do vasto conteúdo a ser cumprido, pois são muitos os aspectos da língua a serem trabalhados: análise linguística, produção de texto, interpretação de diferentes gêneros, incluindo trechos de obras literárias que aparecem nos livros didáticos. Além disso,

cobra-se a leitura de um romance por unidade como instrumento avaliativo, o que comprova que a literatura está sendo contemplada no plano de ensino.

Durante muito tempo trabalhamos nessa perspectiva, mas a experiência docente nos fez perceber que a literatura estava em posição periférica e que a vivência com o texto era superficial. Na verdade, constatamos que os alunos não haviam consolidado as habilidades de leitura, estabelecidas pela matriz de referência de língua portuguesa no Ensino Fundamental.

Assim, sentimos a necessidade de uma abordagem mais reflexiva da leitura, que ajude o aluno a perceber que a leitura consiste em uma situação de comunicação em que se estabelece um diálogo entre os interlocutores autor/leitor. Nessa situação, para que o leitor realize uma leitura produtiva, ultrapassando a decodificação das palavras, deve mobilizar vários aspectos, tais como os cognitivos, afetivos, estéticos e os sociais.

A leitura como diálogo pressupõe uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, constituindo-se o que chamamos de circuito de leitura. A necessária interação entre os quatro elementos desse circuito faz do ato de ler um processo que é simultaneamente cognitivo – no sentido de realizado por um indivíduo – e social – porque depende de condições que estão além do indivíduo, tanto no que se refere aos meios materiais quanto aos discursos que informam a construção de sentidos em uma sociedade. (COSSON, 2014, p.51)

É preciso destacar que, nesse processo, o professor é uma peça fundamental, pois, como leitor mais experiente, explorará os recursos expressivos da língua, a estrutura do texto, as relações entre forma e conteúdo, contextualização da obra, estilo do autor e o diálogo com outras linguagens.

Por entendermos que a literatura humaniza e alarga os horizontes do leitor em relação ao mundo é que defendemos o lugar da leitura literária no contexto escolar em todas as séries.

E para que a leitura seja mais aprofundada, é preciso trabalhar a favor da compreensão, pois “os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola”. (COSSON, 2014, p.26)

Por isso, entendemos que se faz necessário a adoção de estratégias de leitura que ajudem os alunos, nesse percurso da sua formação enquanto leitor, a apropriar-se dessa habilidade tão importante para sua vida pessoal, cultural e social.

3.1 Círculos de leitura: uma experiência compartilhada

A proposta de implementar “Círculos de Leitura” na rotina da sala de aula tem como finalidade fazer com que os alunos experimentem a leitura literária em diálogo com outras linguagens, favorecendo a compreensão do texto e com vistas a ampliar a competência leitora do educando.

E também por se fazer necessário romper com as leituras apenas a fins avaliativos e passe a ser compreendida como uma ação dialógica entre autor e leitor, vez que “por mais que uma narrativa se ofereça como a representação de uma história independente, anterior, a história que conta só surge através de sua decifração por um leitor.” (MAINGUENEAU, 1996, p.32)

Os alunos precisam ter consciência do quanto é importante sua participação na leitura, compreendendo que o sentido do texto é construído na interação com o mesmo, por isso as práticas de leitura devem motivar a participação, a troca de impressões acerca daquilo que foi lido e o círculo de leitura se constitui nessa oportunidade.

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2014, p.66)

Acredita-se que essa ação compartilhada poderá contribuir para a formação do leitor autônomo. Um leitor proficiente terá condição de estabelecer relações entre a leitura da palavra e o texto-mundo. O desenvolvimento da competência leitora consolida-se mediante as práticas leitoras desenvolvidas ao longo do percurso escolar.

Por entender que os círculos de leitura literária podem contribuir na formação da competência leitora do educando, tendo como referência as ideias de Rildo Cosson (2014) é que elaboramos a nossa proposta de intervenção: implementar círculos de leitura no contexto das aulas de língua portuguesa com o objetivo de tornar as leituras mais interativas.

Nessa proposta de leitura do texto literário – gênero conto – buscamos estabelecer um diálogo com outros gêneros textuais e outras linguagens, reconhecendo, assim, a diversidade de códigos e linguagens que se inter-relacionam na produção artística.

Essa metodologia visa promover uma leitura, em primeiro plano individual, mas que se encaminha para uma socialização das possíveis interpretações feitas pelos alunos, pois o compartilhamento das ideias “encoraja novas formas de associação e fomenta novas ideias que

são desenvolvidas em diálogo com os outros e com os livros”. (LONG, 1993, p.194 apud COSSON, 2014, p.139).

Tendo em vista o comportamento agitado dos alunos nos momentos da leitura, a falta de vontade de se apropriar de novos conhecimentos e de compreender a dimensão humana que tem a literatura, apostamos nos círculos como uma alternativa, dentre outras existentes, de fazer com que os alunos enxerguem-se, aproximem-se e sintam-se parte integrante de um grupo que partilha ideias, reforçando, assim, os laços de identidades e solidariedade.

[...] os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...] (COSSON, 2014, p.139)

Portanto, os Círculos de leitura constituem-se em uma tentativa de criar um ambiente de leitura mais interativo que fomente a discussão produtiva, oportunizando que ideais favoráveis ou divergentes sejam debatidas. Esse procedimento, certamente, poderá conduzir ao aprofundamento do texto e à construção de sentido.

A sociedade moderna é marcada pelo avanço tecnológico que encurta distâncias e entrelaça culturas, mas também não se pode negar o crescente individualismo e superficialidade com que se estabelecem as relações entre as pessoas. E tudo isso se reflete no contexto escolar. Como um espaço educativo, a escola precisa estar atenta à sua prática pedagógica, que deve acompanhar as exigências do mundo moderno, sem, no entanto, perder sua função essencialmente reflexiva. A leitura e a leitura de literatura em muito contribui para essa tarefa.

4. INTERVENÇÃO: POR UMA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA ALÉM DAS “FICHAS”

O texto literário é um construto de mundo através de uma linguagem esteticamente trabalhada que, em muito, pode contribuir para o desenvolvimento da competência leitora do educando, vez que amplia a visão de mundo e promove o exercício da consciência crítica; possibilita o conhecimento através da arte e oportuniza o acesso à variante linguística de maior prestígio social. Além disso, o texto literário toca na subjetividade do leitor, propiciando a vivência de emoções e reflexões acerca de si mesmo.

Assim sendo, a proposta de intervenção realizada com os alunos do Ensino Fundamental consiste em promover círculos de leitura com o gênero textual conto, estabelecendo um diálogo com outras linguagens. E para isso, apresentamos aqui o espaço, os sujeitos, as etapas da Sequência Didática (SD), bem como, o material utilizado.

4.1 Caracterização do *locus*

A unidade escolar escolhida para realização da pesquisa-ação foi a Escola Estadual Durval da Silva Pinto, localizada na rua Leopoldino Ramos, 385 – Bairro dos Barreiros, em Conceição do Coité – BA, fundada em 1993, atendia até 2015 alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Em 2016, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia fez um reordenamento e centralizou o Ensino Médio em apenas duas escolas estaduais do município. Por conta do processo de municipalização do Ensino Fundamental, as turmas do 6º e 7º anos foram absorvidas pela rede municipal. Desse modo, atualmente, a escola funciona apenas com turmas de 8º e 9º anos, assim distribuídas: turno matutino, duas turmas de 8º anos e duas de 9º; no turno vespertino, duas turmas de 8º ano e uma turma de 9º ano.

O espaço dispõe de sete salas de aula, laboratório de informática com cinco computadores conectados à internet, uma biblioteca, sala e banheiro para professores, direção, secretaria, área de convivência coberta, pátio aberto, almoxarifado, cantina, banheiros masculino e feminino, não possui banheiro para PNE nem piso tátil. Três salas de aula estão no nível do piso e quatro estão no nível elevado com acesso por escada e sem rampa. A instituição dispõe de recursos multimídias como televisão, dvd, notebook, impressoras, máquina de xerox, datashow, internet com fio e wi-fi.

A escola tem um quadro de oito professores, todos graduados e especializados, uma diretora e uma vice-diretora, um porteiro, duas auxiliares de secretaria, um bibliotecário, dois destinados aos serviços gerais e uma merendeira.

4.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são alunos do 9º ano A, vespertino, do Ensino Fundamental, com idades entre 14 e 17 anos. A turma é constituída por 20 alunos. Alguns educandos residem no entorno da escola, outros, oriundos de bairros mais distantes, fazem uso do transporte escolar.

A escolha por uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental justifica-se por dois motivos: a resistência à leitura de textos literários e as dificuldades de compreensão de textos mais complexos com uma linguagem mais densa, pois ao final desse percurso, espera-se que os alunos já tenham consolidadas, senão plenamente, algumas das competências de leitura desejadas na matriz de referência. No entanto, a realidade se apresenta de forma contrária e a percepção equivocada dos alunos quanto à importância da leitura compromete o seu crescimento tanto na vida acadêmica quanto social.

As atividades foram aplicadas a todos os alunos, mas para análise das produções foram selecionados apenas três meninas e quatro meninos. Os referidos alunos têm a faixa etária de 15 a 16 anos. O recorte para análise dos textos foi feito a partir da observação dos seguintes aspectos:

- 1) Alunos que apresentaram dificuldade de concentração durante a leitura silenciosa e não conseguiram ler o texto completo. Não participaram espontaneamente das discussões.
- 2) Alunos que apresentaram desenvoltura na leitura oral e conseguiram ler o texto completo silenciosamente, mas não participaram da discussão no momento da interação;
- 3) Alunos que apresentaram concentração, leram o texto completo e interagiram na discussão.

4.3 Procedimentos Metodológicos

Inserida na linha de pesquisa “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”, o projeto de pesquisa **Leitura Literária no Ensino Fundamental: uma proposta**

para além das “fichas” foi desenvolvido em uma escola da zona urbana de Conceição do Coité-BA, com alunos do 9º ano. O trabalho centrou-se na leitura do texto literário – Conto – em uma perspectiva intertextual que permite o diálogo com outras linguagens, favorecendo a compreensão do texto, a ampliação da competência leitora, como também a construção do pensamento crítico do educando. Para isso, foi aplicada uma Sequência Didática organizada em módulos com os desdobramentos referentes aos contos que foram trabalhados.

A pesquisa investigou questões referentes às práticas de leitura literária no contexto escolar e os sujeitos da pesquisa foram os alunos e o próprio professor-investigador. Por se tratar de uma pesquisa com menores é importante destacar que foram considerados os preceitos da Lei 466/12, que regulamenta a pesquisa com humanos, garantindo, assim, o respeito, a dignidade e proteção dos sujeitos da pesquisa. Os envolvidos no processo foram esclarecidos dos procedimentos metodológicos, ficando livres para autorizar ou não sua participação.

Por ser desenvolvida no âmbito escolar, escolheu-se a abordagem qualitativa, usando o método da pesquisa-intervenção, vez que esse tipo de pesquisa vem possibilitando “a construção de espaços de problematização coletiva junto às práticas de formação e potencializando a produção de um novo pensar/fazer educação”. (AGUIAR e ROCHA, 2003, P.64) Esse método permite que o pesquisador tenha uma visão ampla da situação, pois participa ativamente do processo.

O trabalho está voltado à reflexão dos problemas da sala de aula, especificamente, os que se referem às habilidades de leitura, desse modo a intervenção foi realizada por meio de aplicação de atividades de uma sequência didática. A aceitação dos alunos foi de muita importância para o desenvolvimento do trabalho.

A intervenção pedagógica foi embasada na proposta de trabalho com a Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (1997), entretanto, o modelo usado consiste numa adaptação feita pelo Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros na aula de Texto e Ensino.

A proposta foi apresentada aos pais e aos alunos em uma reunião na qual foi exposto todo o processo pedagógico que seria implementado, deixando claro que o trabalho obedece aos critérios da ética em pesquisa com seres humanos. Na oportunidade foram lidos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), bem como, o Termo de Autorização da Direção da Escola, conforme Apêndice 1, 2 e 3. Finalizada a exposição, os responsáveis assinaram os termos daqueles que concordaram em participar da pesquisa.

4.3.1 A sequência didática organizada em módulos:

- Sondagem
- Módulo 1 – O conto se apresenta;
- Módulo 2 – Reconhecimento do gênero;
- Módulo 3 – Círculos de leitura;
- Módulo 4 – Produzindo o conto;
- Culminância
-

Nas atividades desenvolvidas com o gênero literário conto, os “Círculos de leitura” se constituíram em atividade prioritária, embora as características do gênero tenham sido trabalhadas.

A leitura foi parte central do trabalho, pois o objetivo era estreitar a relação do aluno com o texto literário para que o lesse de forma individualizada, e em seguida, tecesse suas considerações sobre o mesmo, ouvindo também as impressões dos colegas.

A mediação do professor, nesse momento, foi muito relevante, uma vez que incentivou a partilha das ideias, a reflexão de que o texto não está acabado e que o sentido é construído pelos sujeitos. É relevante acrescentar que a leitura dos contos em interface com outros textos (fotos, vídeos, animações, poemas e músicas) possibilitou uma visão mais ampla das temáticas abordadas nos contos.

4.3.2 Contos trabalhados

- Hans Christian Andersen – *A pequena vendedora de fósforos*;
- Machado de Assis – *A Cartomante*; *Ideias de canário*;
- Moacyr Scliar – *No retiro da figueira*;
- Lygia Fagundes Teles – *As cerejas*;
- João Silveiro Trevisan – *Dois corpos que caem*; Clarice Lispector – *O beijo*; *Tentação*;
- Júlio Cortázar – *Continuidade dos parques*.

4.3.3 Descrição da Sequência Didática

Sondagem

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade	
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto		Nº de Aulas: 02	Data: 19/07/2016
Tema: Sondagem			Tempo de aula: (45 minutos cada)
AÇÕES/ATIVIDADES			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação; - Falar sobre a atividade de intervenção; - Preenchimento do formulário Perfil Socioeconômico e Cultural dos Alunos. 			
OBJETIVOS		INSTRUMENTOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Fazer um levantamento do contexto sociocultural dos estudantes; - Compreender as relações com a aprendizagem; - Identificar a necessidade de trabalhar o gênero escolhido. 		<ul style="list-style-type: none"> - Questionário impresso 	
MATERIAL UTILIZADO			
- Papel ofício, impressora, tinta e caneta, quadro branco e piloto para quadro branco.			
MECANISMO DE REGISTRO E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS			
- Formulário de pesquisa impresso, utilizando a ferramenta google.docs			
RESULTADOS E AVALIAÇÃO			
- Gráficos tabulados pela ferramenta google.docs			
REFERÊNCIAS			
https://docs.google.com/forms/d/1TKJeDvw6tdLFGlaxnQhVUCjy2rqIVnPUi3_fPWM7q7M/edit?usp=drive_web			

Módulo I - Apresentação do Gênero

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto	Nº de Aulas: 06	Data: 20 a 27/07/2016
Tema: O conto se apresenta		Tempo de aula: (45 minutos cada)
AÇÕES/ATIVIDADES		
<ul style="list-style-type: none"> - Conversa com os alunos sobre os tipos de histórias que já leram ou lhes foram contadas ao longo de sua vida. - Hora do conto – Escuta do conto “Medo” de Cora Coralina - Apresentação do conto em vídeo “<i>A pequena vendedora de fósforos</i>” - Leitura do mesmo conto na modalidade escrita. - Criar um final diferente para a história lida. - Leitura do texto “O conto se Apresenta” de Moacyr Scliar. - Leitura de um trecho do livro “Teoria do Texto: prolegômenos e teoria da narrativa” de D Onofrio Salvatore. - Preencher um organograma com alguns elementos da narrativa que os alunos já conhecem. 		
OBJETIVOS		COMPETÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as práticas de leitura dos alunos fora do âmbito escolar; - Levantar os conhecimentos prévios sobre o gênero conto; - Promover um momento de interação sobre os textos apresentados; - Apresentar o conceito do gênero conto, sua estrutura e suas características; 		<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar a competência leitora - Expandir a produção oral
METODOLOGIA		
<p>- DESENVOLVIMENTO:</p> <p>1º momento</p> <p>- Escuta o conto “Medo” de Cora coralina</p> <p>2º momento</p> <p>- Fazer memória das leituras prévias dos alunos através das seguintes perguntas: Quantas histórias você já leu ou ouviu ao longo de sua vida? Muitas não? Quais foram as mais marcantes? Que sentimentos elas despertaram em você?</p>		

Esse momento de levantamento das histórias será filmado com o consentimento dos alunos.

- Exibição do conto em vídeo “A pequena vendedora de fósforos” de Hans Christian Andersen
- Leitura do mesmo conto na modalidade escrita;

Concluídas as leituras, o professor abrirá um espaço para interagir com alunos sobre os textos apresentados, motivando-os a expressar os sentimentos que as histórias propiciaram. O professor deverá também chamar atenção acerca das diferentes formas de usar a linguagem para se contar histórias uma ação inerente ao homem na sua trajetória de vida. Convém, nesse momento, que o professor, aos poucos, questione sobre algumas características do conto de maneira que possa levantar os conhecimentos prévios dos educandos acerca do gênero estudado. Solicitar que em dupla os alunos criem um novo final para história. Socialização das produções e construção de um painel com os mesmos.

3º momento

Leitura do texto “ O conto se apresenta” de Moacyr Scliar. A partir dessa leitura, o professor fará um levantamento das características do gênero conto que aparecem no texto, anotando-as no quadro. Logo em seguida, será lido um trecho do livro de Salvatore D Onofrio (2001) que apresenta uma visão teórica dos elementos que estruturam um conto. Essa leitura ajudará os perceberem se suas hipóteses se confirmam. Para sistematizar os conteúdos explorados, os alunos preencherão um organograma com os elementos que constituem o gênero textual Conto.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Textos impressos, notebook, Datashow, pendrive, lousa, marcador para quadro branco, papel ofício, cartolina, lápis, borracha, caneta, etc.

AValiação

A avaliação será processual, observando o envolvimento ou não dos alunos nas atividades propostas. É uma avaliação que precisa ser feita por todos os envolvidos. Assim, o professor fará o registro dos fatos relevantes que ocorrem na aula e de alguns aspectos observados em relação à evolução ou dificuldades apresentadas pelos alunos, bem como avaliará se os objetivos foram atingidos ou se a proposta precisa ser redimensionada. aluno como parte integrante do

processo será convidado a fazer também uma autoavaliação. Portanto, ao final de cada módulo, o aluno terá a chance de refletir sobre a sua participação durante o processo.

REFERÊNCIAS

CHRISTIAN, Hans. Disponível em: <<http://vermelho.org.br/noticia/144224>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

D ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria narrativa*. 2ª ed. São Paulo; Ática, 2001, p.120)

DREAMING, Lucid. *A pequena vendedora de fósforos*. YouTube, 22 de abril de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S1LbCQ5EkaA>>. Acesso em : 10 jul. 2016.

LUIKGIAH, Canal. *Medo*. YouTube, 14 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A5rL7x_2D6U>. Acesso em: 10 jul de 2016

SCLIAR, Moacyr. *Era uma vez um conto*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2002.

Apresentação do Gênero

Módulo

1

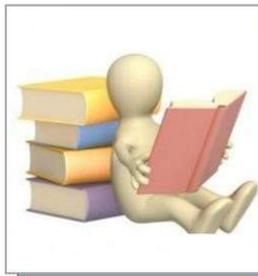
O conto se apresenta

VIAJE NA LEITURA

<http://iliancomunica.com.br/site/wp-content/uploads/2015/11/Viaje-leitura-300x220.png>

Fazendo Memória

- ◆ Quantas histórias já leu ou ouviu ao longo da sua vida? Muitas não?
- ◆ Quais delas mais lhe marcou?
- ◆ Quem poderia contar alguma história?



Um pouco de histórias



Medo — Cora Coralina

https://www.youtube.com/watch?v=A5rL7x_2D6U



A pequena vendedora de fósforo Hans Christian Andersen

<https://www.youtube.com/watch?v=S1LbCQ5EkaA>

A Pequena Vendedora de Fósforos (Hans Christian Andersen)

Fazia um frio terrível; caía a neve e estava quase escuro; a noite descia: a última noite do ano.

Em meio ao frio e à escuridão uma pobre menina, de pés no chão e cabeça descoberta, caminhava pelas ruas.

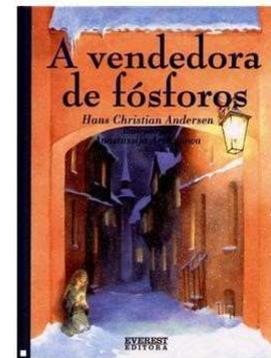
Quando saiu de casa trazia chinelos; mas de nada adiantavam, eram chinelos tão grandes para seus pequenos pézinhos, eram os antigos chinelos de sua mãe.

A menina os perdera quando escorregara na estrada, onde duas carruagens passaram terrivelmente depressa, sacolejando. Um dos chinelos não mais foi encontrado, e um menino se apoderara do outro e fugira correndo.

Depois disso a menina caminhou de pés nus - já vermelhos e roxos de frio.

Dentro de um velho avental carregava alguns fósforos, e um feixinho deles na mão.

Ninguém lhe comprara nenhum naquele dia, e ela não ganhara sequer um níquel. (...)



Contos de Hans Christian Andersen
Hans Christian Andersen nasceu em Odense, em 2 de abril de 1805, e faleceu em Copenhague em 1875. Autor de inúmeros contos infanto-juvenis, traduzido por todo o mundo. Considerado por muitos com o pai da Literatura Infanto-Juvenil. Temos aqui uma seleção de seus melhores contos

Atividade 1— Apresentação do Gênero

Trocando Ideias

- ♦ Descreva os sentimentos e as sensações provocadas pelos textos.
- ♦ A partir de sua experiência de leitor, como você nomearia essas histórias? Justifique.

Agora você é o autor...



Use sua imaginação e crie um novo final para essa história.

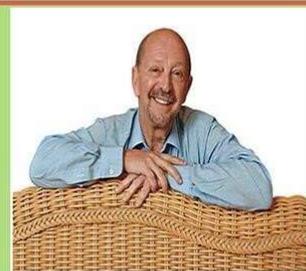
O Conto se Apresenta

Moacyr Scliar

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.



A história que vamos conhecer é de autoria de um excelente escritor brasileiro. Vamos saber um pouco sobre ele?

Nasceu em Porto Alegre em 1937. Autor de mais de setenta livros em vários gêneros, romance, conto, ensaio, crônica, ficção infanto-juvenil, suas obras foram publicadas em mais de vinte países, com grande repercussão crítica. Recebeu numerosos prêmios, como o Jabuti (1988, 1993 e 2000), o APCA (1989) e o Casa de las Américas (1989).



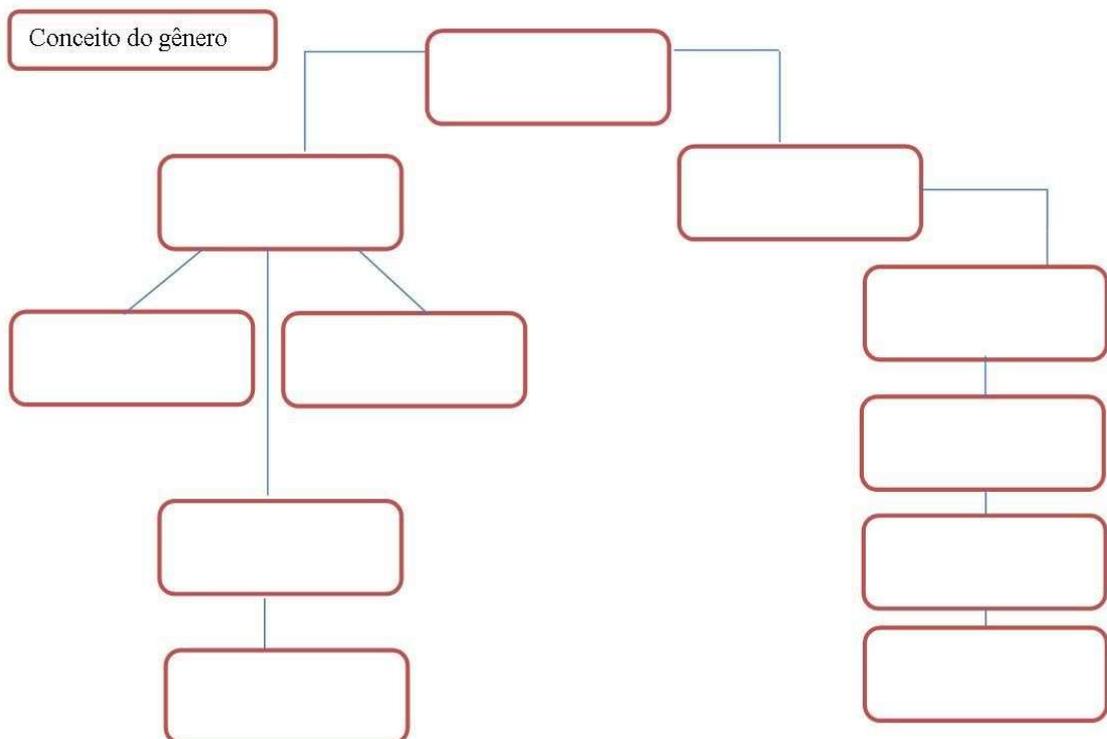
Atividade 1— Apresentação do Gênero

UM POUCO DE TEORIA

A nosso ver, duas características principais distinguem o conto literário, que denominamos erudito ou culto, do conto popular: é produzido por um autor historicamente conhecido; e refere-se a um episódio da vida real, não verdadeiro, porque ficcional, mais verossímil, ou seja, o fato narrado não aconteceu no mundo físico, mas poderia acontecer. Embora seja possível apontar exceções de contos fantásticos, com recursos ao sobrenatural, escritos por autores mundialmente famosos (Hoffman, Poe e outros), a regra do conto erudito é ater-se ao real, não fugindo do princípio da verossimilhança, pois a atitude mental que dele se desprende não é idealizar, mas contestar os valores sociais.

O conto literário distingue-se do romance e da novela por ser uma narrativa curta. Com muita propriedade, a língua inglesa denomina o conto de *short story*. Ele possui todos os ingredientes do romance, mas em dose diminuta. O foco narrativo geralmente é único: centrado ou no narrador onisciente ou numa personagem.

A diminuição dos elementos estruturais confere ao conto uma grande densidade dramática. Enquanto no romance o conteúdo textual encontra-se diluído na multiplicidade de ações, personagens, espaços, tempos, descrições, reflexões, no conto temos uma condensação do sentido que se revela ao leitor de uma forma mais rápida e surpreendente. O contista tem uma ideia fundamental a expressar. Inventa, então, uma pequena história vivida por algumas personagens cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido que a narrativa encerra. (D ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do Texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001, p.120)



Avaliando o Módulo I

Nessas primeiras aulas, os alunos mostraram-se participativos. Senti que gostaram de falar de suas experiências enquanto ouvintes das histórias que alguém da família lhes contou.

Histórias de assombração foram as mais narradas, chegando até as lendas urbanas como “loira do banheiro”. Gravei os relatos e exibi depois para eles que apreciaram demais se perceber na tela.

Apesar da agitação, característica da turma, os educandos conseguiram assistir aos vídeos “O Medo”, que provocou riso (e a narração de alguns “causos”) e a “Pequena vendedora de fósforos” que aflora o sentimento de compaixão pela pequena injustiçada. A discussão foi proveitosa, visto que relacionaram a história da garota com situações reais do cotidiano que foram citadas nos relatos orais. Perguntei que diferença havia entre esse conto e os contos de fadas e eles prontamente responderam ser o fato da criança não ter sido salva por alguém como geralmente ocorre nas histórias infantis.

Após discussão, com a intenção de estimular a imaginação dos alunos, sugeri que formassem duplas e criassem um final para a história de garotinha conforme figura 1. Mas antes, fiz a seguinte provocação: “Na ficção, podemos construir um mundo passível de mudanças de acordo com nossos desejos, contudo, na vida real, temos a chance de mudar o curso da nossa história?” Deixei que expusessem seus argumentos para que assim fizessem o exercício da escuta e do respeito às opiniões divergentes. É bom deixar claro que o texto literário foi valorizado em sua qualidade literária e não usado como um pretexto para discussões éticas. Mas acreditamos que a diversidade de opinião contribuiu para que o sujeito defendesse seu ponto de vista, construindo, assim seu pensamento reflexivo e crítico.

O levantamento dos conhecimentos prévios sobre o conto denotou que a maioria dos alunos já conheciam o gênero e, quando questionados sobre as características destes, citaram elementos básicos que o estruturam. Assim, a leitura de um trecho do livro de Salvatore D’Onófrío sobre o conto literário ratificou as hipóteses dos alunos. Concluído esse tempo, preencheram um organograma com as principais características, conforme figura 2.

Em âmbito geral, posso afirmar que o módulo I foi provocativo e produtivo.

Figura 1 - Resposta dos alunos sobre as características do conto.

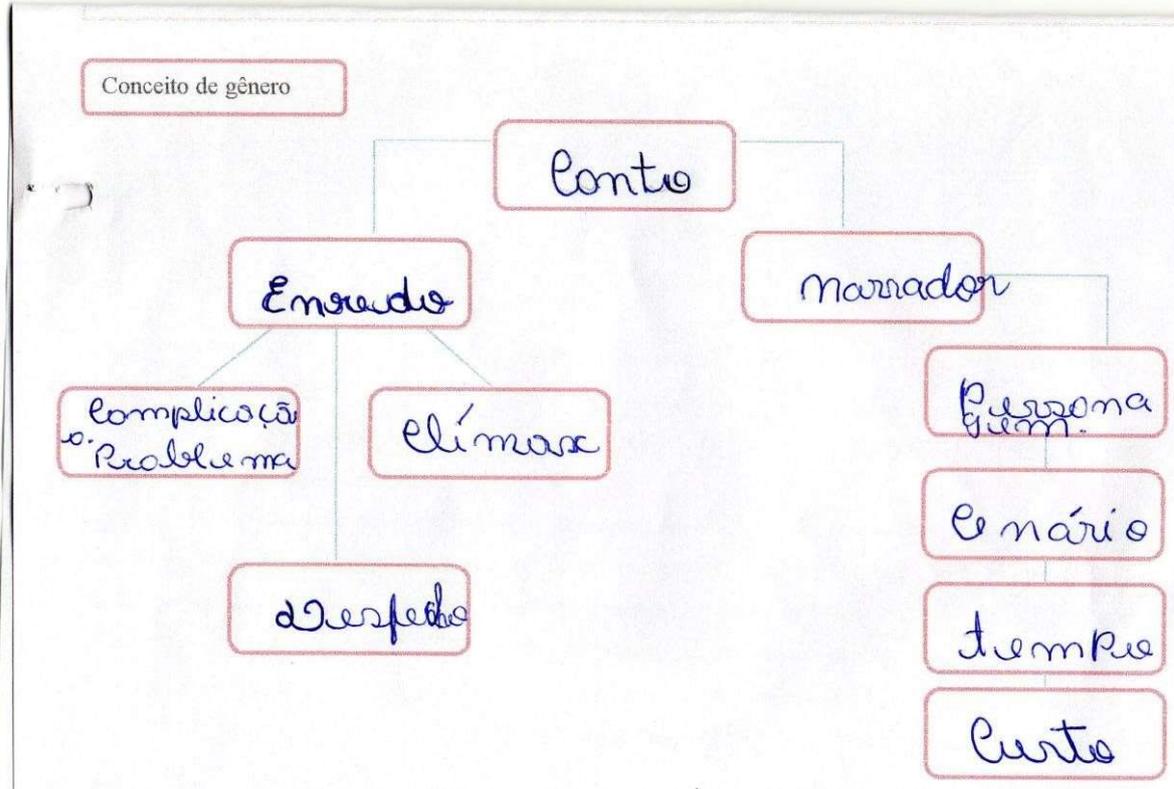


Figura 2 – Final criado pelos alunos para o conto “A pequena vendedora de fósforos”

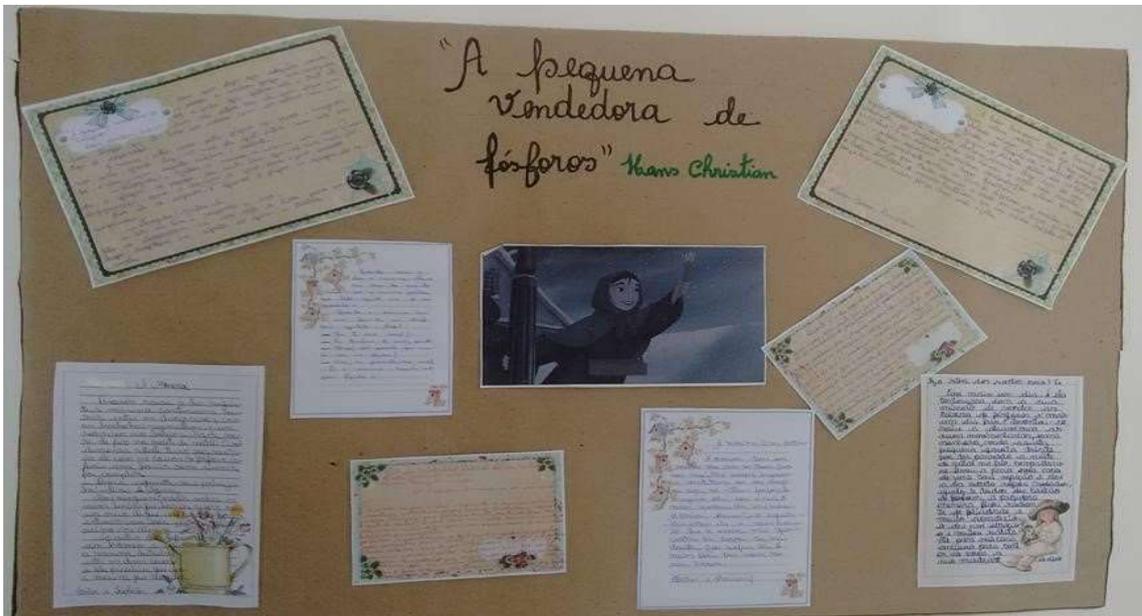
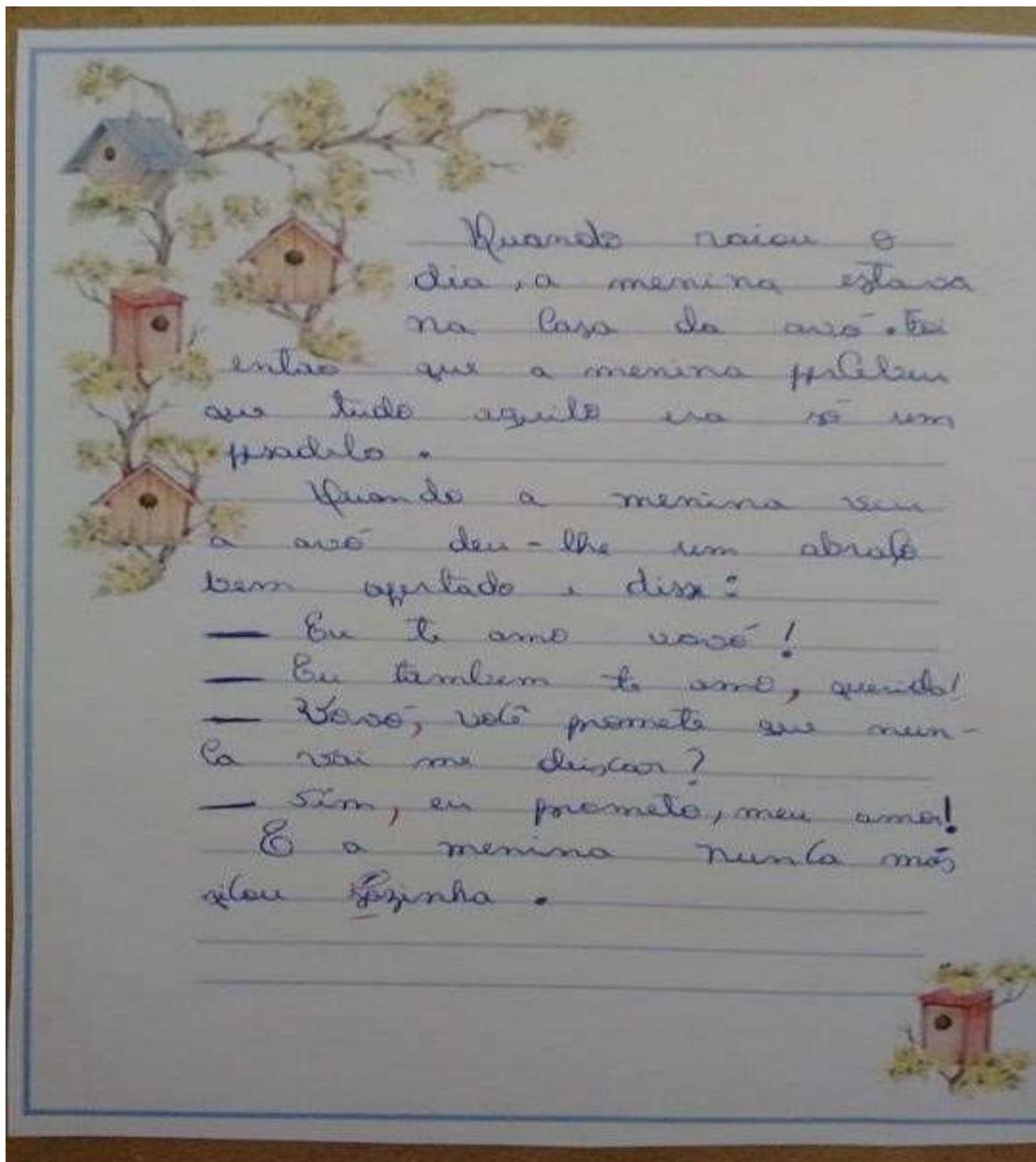


Figura 3 – Produção do P5



Módulo II - Reconhecimento do Gênero

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto	Nº de Aulas: 08	Data: 02/03/09 e 10/08/2016
Tema: O conto e outras linguagens		Tempo de aula: (45 minutos cada)
AÇÕES/ATIVIDADES		
<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do vídeo “Palavra puxa-palavra”; - Exibição de um quadro do Fantástico “Coração de Atleta”; - Leitura do conto “ Continuidade dos parques” de Júlio Cortazar; - Apresentação do conto “Continuidade dos parques” em uma linguagem cinematográfica; - Leitura do conto “Uns braços em HQ”; - Aplicar uma atividade para reconhecimento do genero a apartir do conto “Tentação” de Clarice Lispector 		
OBJETIVOS		COMPETÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> - Compreender que o gênero conto como pertencente à sequência tipológica narrativa ficcional; - Identificar a função social do gênero e suas diferentes formas de materialização (filme, quadrinho, texto verbal,) - Reconhecer as características do gênero nas outras linguagens em que a história foi contada; 		<ul style="list-style-type: none"> - C1- ampliar, progressivamente, o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção dos sentidos do texto. C6 - Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, e a características do gênero e suporte.
METODOLOGIA		
DESENVOLVIMENTO:		
1º momento		
<p>Como retomada da aula anterior, fez-se a exibição do vídeo o vídeo <i>Palavra-puxapalavra</i> que explica de forma lúdica a origem, características do gênero e apresenta alguns autores brasileiros.</p>		
2º momento		
<p>A aula foi iniciada com o vídeo do quadro “Coração de Atleta”, do programa semanal da Rede Globo, Fantástico. O vídeo narra a histórias dos atletas olímpicos em momentos</p>		

decisivos de suas vidas, fazendo uma ponte com as histórias dos heróis gregos. A intenção do vídeo foi mostrar aos alunos que as histórias fazem parte da vida do homem desde os tempos mais remotos e que os conflitos são atemporais, porque nascem da natureza humana. Ressaltou-se ainda a inter-relação entre os mitos e a reportagem, dando ênfase ao entrelaçamento dos gêneros.

3º momento

Iniciei a aula fazendo feedback do que foi discutido na aula anterior acerca do gênero conto. Foram distribuídas imagens com cenas com objetos, lugares que aparecem no conto que seria lido e questionará os alunos sobre as impressões daquelas imagens e como estas poderiam aparecer no conto lido naquele dia. O título do conto também foi bastante explorado.

Feita a predição, passaremos a leitura do conto "Continuidade dos parques". Primeiramente uma leitura silenciosa e, logo em seguida, uma leitura oral com pausas sempre interpelando os alunos sobre o que estava sendo lido. Na interação, o professor reconstruiu oralmente a história, fazendo perguntas aos personagens, tempo, espaço, conflito, desfecho, a opinião sobre o texto, porém sem denominá-la conto. Também perguntou se as hipóteses haviam sido confirmadas ou se estavam muito distantes do enredo. O vocabulário foi bastante explorado para que as palavras desconhecidas sejam pesquisadas, favorecendo assim a compreensão global do texto.

4º Momento

Apresentação do conto em linguagem cinematográfica.

Leitura de um conto em quadrinhos do conto "Uns braços". A leitura foi feita em dupla. Depois formou-se um círculo e cada dupla falou o que entendeu da história. O professor sempre atento aos relatos dos alunos, fazia intervenções acerca dos elementos das narrativas que os educandos conseguiram identificar na HQ.

5º Momento

Leitura do conto "Tentação" da Clarice Lispector. O levantamento e checagem das hipóteses foi feito. Logo em seguida, leitura silenciosa e atividade individual sobre o conto para identificação das características do mesmo.

RECURSOS
Textos impressos, notebook, Datashow, pendrive, lousa, marcador para quadro branco, papel ofício, imagem impressas, lápis, borracha, caneta, livro impresso
AVALIAÇÃO
Observar a participação do aluno e seu comportamento no decorrer da leitura e das interações sobre o texto.
REFERÊNCIAS
<p>ASSIS, Machado de. <i>Uns braços</i>. <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABhX0AH/hquns-bracos-machado-assis>. Acesso em: 07 de jul.2016</p> <p>BARBOSA, Caíque. <i>Continuidade dos parques</i>. YouTube, 09 de maio de 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vtfzn-VtLbM>. Acesso em: 07 jul.2016.</p> <p>CORTÁZAR, Júlio. <i>Continuidade dos parques</i>. Final do jogo. Tradução de REmy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. P. 11-33.</p> <p>FANTÁSTICO. <i>Coração de Atleta</i>. YouTube, 17 de julho de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/coracao-de-atleta/noticia/2016/07/coracao-deatleta-fernanda-venturini-e-ginasta-flavia-encaram-o-medo.html>. Acesso em: 07 de jun de 2016.</p> <p>LISPECTOR, Clarice. <i>Tentação</i>. <http://www.tirodeletra.com.br/conto_canino/TentacaoClariceLispector.htm>. Acesso em: 07 de jul.2016</p> <p>MULTIRIO. <i>Palavra puxa palavra</i>. YouTube, 17 de setembro de 2010. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=1LkfQRc5NGM>. Acesso em: 07 jul.2016.</p>



<http://www.clickgratis.com.br/ftos-imagens/videos/aHR0dHM6Ly9uZkVyb2Rldm5ldC5maWxley53b3JkchJlc3MuY29tLzlwMTUvMDYvdmkZw8tcmlVbC5qoGc=jpg>

Objetivos desta aula

- Ler e discutir as ideias do texto
- Identificar as características do gênero conto em outras linguagens
- Proporcionar o diálogo do conto com outras diferentes linguagens

Entrelaçando os gêneros



Palavra puxa-palavra

< <https://www.youtube.com/watch?v=ILkfQRc5NGM>>

Coração de Atleta

< <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/coracao-de-atleta/noticia/2016/07/coracao-de-atleta-fernanda-venturini-e-ginasta-flavia-encaram-o-medo.html>>.

Continuidade dos parques

< <https://www.youtube.com/watch?v=Vtfzn-VtLbM>>

Hora do conto...

Continuidade dos parques



Contado legendo / *Vinício Hannah*, 2004
<https://meyrinha22.files.wordpress.com/2010/10/>

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Essa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranquilidade do escritório que dava para o parque de carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse de quando em quando o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar linha a linha daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do monte. Primeiro entrava a mulher, reciosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava ad-

O conto e outras linguagens

O punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.

Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

(Júlio Cortázar)

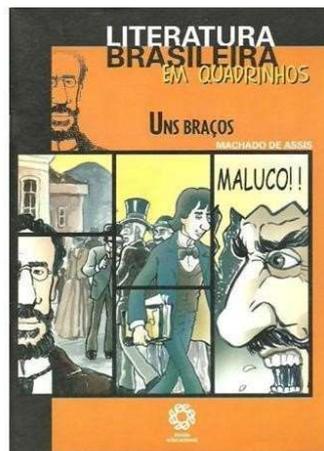


Julio Florencio Cortázar, nasceu no ano de 1914, e faleceu em 1984. Romancista e contista argentino cujas obras, escritas com técnicas experimentais de narrativa, falavam de suas angústias pessoais – especialmente de sua luta pela perfeição artística e inadaptação ao mundo atual. É o autor de Bestiário, do romance O Jogo da Amarelinha e de Rayuela, considerada sua obra-prima, no qual convida o leitor a redispôr as páginas e capítulos do livro, segundo um plano por ele elaborado.

Trocando idéias...

- 1 - Você já conhecia esse conto?
- 2 - De que fala o texto ?
- 3 - O que mais lhe chamou a atenção na história?

Lendo o conto em quadrinhos



<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABfx0AH/hq-uns-bracos-machado-assis>

O conto e outras linguagens



<http://portaldoProfessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000065/0000015638.jpg>



A hora do conto

TENTAÇÃO

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva. Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um *basset* lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um *basset* ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudia-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos - lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O *basset* ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-la dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás

Conto extraído de LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.



Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas seus pais emigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Em 1924 a família mudou-se para o Recife, e Clarice passou a frequentar o grupo escolar João Barbalho. Aos oito anos, perdeu a mãe. Três anos depois, transferiu-se com seu pai e suas irmãs para o Rio de Janeiro.

Em 1939 Clarice Lispector ingressou na faculdade de direito, formando-se em 1943. Trabalhou como redatora para a Agência Nacional e como jornalista no jornal "A Noite". Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem viveria muitos anos fora do Brasil. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo, este último afilhado do escritor Érico Veríssimo.



O conto e outras linguagens



estacar: parar ou fazer parar
flamejar: expelir chamas ou reverberações parecidas com fogo; flamejar, arder.
Fremir: soar ruidosamente; provocar breve estremeção; vibrar, tremer.
Grajaú: bairro da cidade do Rio de Janeiro.
Gravidade: seriedade, compostura; força de atração mútua entre os corpos originada pela gravitação.
Insolente: incomum, nunca visto; alívio.

O texto em foco

1. Quais são as personagens envolvidas na história?

2. Onde acontecem os fatos narrados?

3. Há no conto uma expressão que indica o momento exato em que se passa ação. Qual é a expressão?

4. Levante hipóteses: Qual é o tempo de duração dos fatos relatados no conto?

5. A crônica é geralmente publicada em jornais e depois em livros. Em que veículo o conto costuma ser publicado?

6. Que tipo de narrador o “Tentação” apresenta?
 narrador personagem narrador-observador narrador onisciente
 Justifique sua resposta com um trecho do conto.

7. Que caracterização é feita da menina e do cachorro?

8. Que características psicológicas (o jeito de ser) da menina são exploradas no conto?

9. Identifique o conflito no conto.

10. Identifique nesse conto o clímax.

11. No desfecho há uma revelação ou solução do conflito? Ou ambos ocorrem nesse desfecho?

AVALIANDO O MÓDULO II

As atividades desenvolvidas no módulo “Reconhecendo o Gênero” tinham como objetivo levar aluno a compreender a função social do gênero conto e reconhecê-lo em suas diferentes formas de materialização, portanto foram explorados vários textos em diferentes linguagens de modo a permitir que os educandos pudessem fazer essa identificação.

O primeiro vídeo “Palavra puxa palavra” foi exibido para que se fizesse a retomada das ideias sobre o gênero conto. Os alunos demonstraram apreciar a maneira que o assunto foi tratado no vídeo.

Também foram trabalhadas a reportagem do Fantástico, o conto “Uns braços” em quadrinhos e o conto em vídeo a “Continuidade dos parques” que foram comentados, oralmente, sem dificuldade por boa parte da turma. Os alunos leram com facilidade a história em quadrinhos, sendo necessária a consulta ao dicionário de algumas palavras desconhecidas para eles.

Cada atividade foi seguida das intervenções do professor que fez perguntas quanto ao gênero e a modalidade em que melhor compreenderam os textos e muitos alunos conseguiram se expressar de forma condizente aos aspectos questionados.

Na sequência das discussões, o professor falou do domínio discursivo a que pertencia cada texto, as convenções que regem cada gênero, as intenções que se tem ao escrever, o suporte, os possíveis interlocutores e o diálogo com outros textos como forma de compreender o texto literário de forma mais crítica.

Entretanto, o momento da leitura individual dos contos “Continuidade dos parques” e “Tentação” ficou evidente a falta de concentração, impaciência e a dificuldade em continuar até concluir a leitura. E no final, a clássica frase proferida rotineiramente por alguns: “li, mas não entendi nada.”

Essa atitude nos mostra o quanto o contato com o texto físico precisa ser valorizado e a linguagem do texto literário mais explorada no contexto de sala de aula, para que o aluno perceba a beleza e o sentido de um texto que é esteticamente trabalhado e que nos enriquece como leitor. É preciso desconstruir a ideia de que o texto literário é complexo e inacessível.

A produção escrita se constituiu em momento para o diagnóstico das potencialidades de escrita que o aluno possui e se este compreendeu ou não o gênero discursivo apresentado.

Módulo III – Círculos de leitura

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade	
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto		Nº de Aulas: 12	Data: 17 a 31/08/2016
Tema: Curtindo o conto		Tempo de aula: (45 minutos cada)	
AÇÕES/ATIVIDADES			
<p>- Leitura dos contos: A cartomante; - Machado de Assis No retiro da Figueira - Moacyr Scliar Ideias de Canário- Machado de Assis</p>			
OBJETIVOS		COMPETÊNCIAS	
<p>- Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. - Reconhecer a ironia ou humor nos textos como um efeito que produz sentido. - Promover leitura do texto literário, tendo em vista a formação de leitores críticos;</p>		<p>C1 ampliar, progressivamente, o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção dos sentidos do texto. C2 ampliar a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso.</p>	
METODOLOGIA			
<p>Conto “<i>A cartomante</i>”</p> <p>1º Momento A aula foi iniciada com a música “O amanhã” de Simone. Ao término da música, a professora fez as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Vocês acreditam que há pessoas que podem prever o futuro? ✓ Vocês acreditam em horóscopo, tarô, búzios, cristais ou amuletos? ✓ A vida humana está pré-destinada? ✓ O que você entende dessa frase "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia"? <p>As opiniões se dividiram e a professora abriu espaço para que os alunos expusessem suas opiniões. Nesse momento, os alunos falaram espontaneamente. Logo depois, foi feita uma dinâmica com as previsões dos signos do zodíaco, momento que envolveu todos os alunos.</p>			

2º Momento

- A professora falou sobre o autor Machado de Assis e a importância das suas obras para a literatura. Fez considerações sobre aspectos do estilo do autor, especialmente sua ironia.
- Predição do texto a partir do título. Os alunos fizeram as suposições acerca do enredo da história.
- Leitura silenciosa do conto;
- Levantamento do vocabulário;
- Reconstrução oralmente dos fatos principais para a retomada do texto;
- Reconhecimento das características do conto;
- A discussão girou em torno do comportamento das personagens, tendo sempre o professor como mediador;
- Em dupla, produção escrita de uma sinopse.



Conto: “No Retiro da Figueira”

1º Momento

- Início da aula com a música “A paz que não quero”
- Mostrar a imagem de um prospecto de condomínio.
- Após o vídeo, foram feitos os seguintes questionamentos:
 - ✓ Quais sentimentos o vídeo e a imagem provocam em nós ?
 - ✓ Você acha que morar em condomínios afastados pode ser uma saída para proteger-se da violência?
 - ✓ Que problemas vocês acham que enfrentam os moradores de condomínios?
 - ✓ Muitas pessoas, sentindo-se inseguras em suas casas, vivem atrás de grades, cercas elétricas, alarmes, holofotes, guaritas com seguranças. Viver assim não é, de certa forma uma prisão?

2º Momento

- Foi distribuído para os alunos um papel com uma palavra. Tais palavras foram retiradas do texto, incluindo o título. Cada aluno deveria dizer, espontaneamente, o que lhe sugeria a palavra. Logo em seguida, a professora pergunta novamente que sentido teria essa palavra dentro do texto. Esse é uma estratégia que visa ativar os conhecimentos prévios dos alunos. A checagem ocorrerá à medida que educando vai lendo o texto.

- Leitura silenciosa para conhecer o texto;
- Leitura partilhada
- Discussão das ideias do texto
 - ✓ Levantamento das palavras desconhecidas do texto.
 - ✓ Alguém já conhecia esse texto? Como podemos classifica-lo?
 - ✓ De que fala o conto?
 - ✓ O que mais lhe chamou atenção na história narrada contada por Scliar?
 - ✓ Falar sobre o autor.

Conto – Ideias de Canário

1º Momento

A professora iniciou a aula solicitando aos alunos que observassem a imagem projetada no data-show de um olho observando o mundo bem de perto. E em seguida perguntou que pensamentos essa imagem despertava neles. Sem que os alunos percebessem, dois colegas

entraram na sala recitando a poesia de Fernando Pessoa “Da minha Aldeia”. Logo depois, a professora com o globo na mão, no centro do círculo, fez as seguintes perguntas:

- ✓ E você como vê o mundo?
- ✓ Que sonhos você cultiva na vida?

Concluídas as considerações de todos os alunos, a professora pediu que estes observassem as imagens do material previamente distribuído, buscando estabelecer uma relação entre elas.

2º Momento

Fazer inferências acerca do título;

Leitura silenciosa e levantamento do vocabulário;

Leitura compartilhada do conto;

Socialização das impressões do texto, a partir dos seguintes questionamentos:

- ✓ O que aconteceu nessa história?
- ✓ Que perfil você traçaria do Senhor Macedo?
- ✓ Que relação tem as ideias do canário com as do poema de Pessoa?

Para fechar o momento de estudo do conto, foi exibido o vídeo “What a Wonderful

World” (Tiago Iorc) fazendo uma interface do conto com os outros textos.

3º Momento

Em dupla, os alunos prepararam um *script* para a gravação das sinopses.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Textos impressos, notebook, data show, pendrive, lousa, marcador para quadro branco, papel ofício, cartolina, lápis, borracha, caneta, etc.

AVALIAÇÃO

Através da exposição dos alunos, observando que aspectos da narrativa foram destacados por eles. E também se conseguiram fazer conexões com os outros textos ou se mencionaram aspectos linguísticos relevantes para a construção de sentido.

- Produção de sinopse.
- Pequenas resenhas gravadas em áudio;

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Ideias de Canário*. Disponível em:
<http://www.releituras.com/machadodeassis_canario.asp>. Acesso em: 02.agos.2016

ASSIS, Machado. *A cartomante*. Disponível em:

<http://www.releituras.com/machadodeassis_cartomante.asp>. Acesso em: 02.agos.2016

ASSIS, Machado. *Ideia de canário*. YouTube, 23 de julho de 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=rsDB6JuDq2A>>. Acesso em 02.ago.2016

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*, 8ª série. São Paulo: Atual, 2006.

IORC, Tiago. *What a Wonderful World* YouTube, 18 de março de 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=sRn4Jb9Dq04>>. Acesso em 02.ago.2016

SCLIAR, Moacyr. *No retiro da figueira*. Disponível em:

<http://www.passeiweb.com/estudos/livros/no_retiro_da_figueira_conto>. Acesso em: 02.agos.2016

RAPPA. *A paz que não quero*. YouTube, 28 de março de 2012. Disponível em:<

<https://www.youtube.com/watch?v=dixEvTzhlaY>>. Acesso em: 02 agos.2016.



Curtindo o conto

<http://acartomantestu.blogspot.com.br/>

Objetivos

- Ler e discutir as ideias do texto
- Refletir sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade.
- Reconhecer as principais características do conto



Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentará o autodidata Machado de Assis.

Sua extensa e variada obra, sobressai o Machado de Assis, contista e romancista, preocupado não só com a técnica de expressão, mas também com articulação dos temas., com a análise do comportamento humano

http://releituras.com/machadodeassis_bio.asp

A Cartomante

Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou -as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse -lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.



Curta o conto - A Cartomante

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbones, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálios, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor *di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rrear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Curta o conto - A Cartomante

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminhar, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Curta o conto - A Cartomante

Dáí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fugava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonhosos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

Curta o conto - A Cartomante

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tîlburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

http://releituras.com/machadodeassis_cartomante.asp

Discutindo o texto

- 1- Você já conhecia esse conto?
- 2 - O que achou da trama?
- 3 - Que parte chamou mais sua atenção?
- 4 - Podemos identificar a situação vivida no conto com situações da vida real?
- 5 - Como você define Rita?

Recomendando o conto

Elabore uma sinopse sobre o conto, de modo que estimule outras pessoas a lerem o mesmo.

Curta o conto - No retiro da fogueira

NO RETIRO DA FIGUEIRA

Sempre achei que era bom demais. O lugar, principalmente. O lugar era... era maravilhoso. Bem como dizia o prospecto: maravilhoso. Arborizado, tranquilo, um dos últimos locais – dizia o anúncio – onde você pode ouvir um bem-te-vi cantar. Verdade: na primeira vez que fomos lá ouvimos o bem-te-vi. E também constatamos que as casas eram sólidas e bonitas, exatamente como o prospecto as descrevia: estilo moderno, sólidas e bonitas. Vimos os gramados, os parques, os pôneis, o pequeno lago. Vimos o campo de aviação. Vimos a majestosa figueira que dava nome ao condomínio: Retiro da Figueira.



Mas o que mais agradou à minha mulher foi a segurança. Durante todo o trajeto de volta à cidade – e eram uns bons cinquenta minutos – ela falou, entusiasmada, da cerca eletrificada, das torres de vigia, dos holofotes, do sistema de alarmes – e sobretudo dos guardas. Oito guardas, homens fortes, decididos – mas amáveis, educados. Aliás, quem nos recebeu naquela visita, e na seguinte, foi o chefe deles, um senhor tão inteligente e culto que logo pensei: “ah, mas ele deve ser formado em alguma universidade”. De fato: no decorrer da conversa ele mencionou – mas de maneira casual – que era formado em Direito. O que só fez aumentar o entusiasmo de minha mulher.

Ela andava muito assustada ultimamente. Os assaltos violentos se sucediam na vizinhança; trancas e porteiros eletrônicos já não detinham os criminosos. Todos os dias sabíamos de alguém roubado e espancado; e quando uma amiga nossa foi violentada por dois marginais, minha mulher decidiu – tínhamos de mudar de bairro. Tínhamos de procurar um lugar seguro.

Foi então que enfiaram o prospecto colorido sob nossa porta. Às vezes penso que se morássemos num edifício mais seguro o portador daquela mensagem publicitária nunca teria chegado a nós, e, talvez... Mas isto agora são apenas suposições. De qualquer modo, minha mulher ficou encantada com o Retiro da Figueira. Meus filhos estavam vidrados nos pôneis. E eu acabava de ser promovido na firma. As coisas todas se encadearam, e o que começou com um prospecto sendo enfiado sob a porta transformou-se – como dizia o texto – num novo estilo de vida.

Não fomos os primeiros a comprar casa no Retiro da Figueira. Pelo contrário; entre nossa primeira visita e a segunda – uma semana após – a maior parte das trinta residências já tinha sido vendida. O chefe dos guardas me apresentou a alguns dos compradores. Gostei deles: gente como eu, diretores de empresa, profissionais liberais, dois fazendeiros. Todos tinham vindo pelo prospecto. E quase todos tinham se decidido pelo lugar por causa da segurança.

Naquela semana descobri que o prospecto tinha sido enviado apenas a uma quantidade limitada de pessoas. Na minha firma, por exemplo, só eu o tinha recebido. Minha mulher atribuiu o fato a uma seleção cuidadosa de futuros moradores – e viu nisso mais um motivo de satisfação. Quanto a mim, estava achando tudo muito bom. Bom demais.

Mudamo-nos. A vida lá era realmente um encanto. Os bem-te-vis eram pontuais: às sete da manhã começavam seu afinado concerto. Os pôneis eram mansos, as aléias ensaiadas estavam sempre limpas. A brisa agitava as árvores do parque – cento e doze, bem como dizia o prospecto. Por outro lado, o sistema de alarmes era impecável. Os guardas compareciam periodicamente à nossa casa para ver se estava tudo bem – sempre gentis, sempre

Curta o conto - No retiro da figueira

sorridentes. O chefe deles era uma pessoa particularmente interessada: organizava festas e torneios, preocupava-se com nosso bem-estar. Fez uma lista dos parentes e amigos dos moradores – para qualquer emergência, explicou, com um sorriso tranquilizador. O primeiro mês decorreu – tal como prometido no prospecto – num clima de sonho. De sonho, mesmo.

Uma manhã de domingo, muito cedo – lembro-me que os bem-te-vis ainda não tinham começado a cantar – soou a sirene de alarme. Nunca tinha tocado antes, de modo que ficamos um pouco assustados – um pouco, não muito. Mas sabíamos o que fazer: nos dirigimos, em ordem, ao salão de festas, perto do lago. Quase todos ainda de roupão ou pijama.

O chefe dos guardas estava lá, ladeado por seus homens, todos armados de fuzis. Fez-nos sentar, ofereceu café. Depois, sempre pedindo desculpas pelo transtorno, explicou o motivo da reunião: é que havia marginais nos matos ao redor do Retiro e ele, avisado pela polícia, decidira pedir que não saíssemos naquele domingo.

– Afinal – disse, em tom de gracejo – está um belo domingo, os pôneis estão aí mesmo, as quadras de tênis...

Era mesmo um homem muito simpático. Ninguém chegou a ficar verdadeiramente contrariado.

Contrariados ficaram alguns no dia seguinte, quando a sirene tomou a soar de madrugada. Reunimo-nos de novo no salão de festas, uns resmungando que era segunda-feira, dia de trabalho. Sempre sorrindo, o chefe dos guardas pediu desculpas novamente e disse que infelizmente não poderíamos sair – os marginais continuavam nos matos, soltos. Gente perigosa; entre eles, dois assassinos foragidos. À pergunta de um irado cirurgião o chefe dos guardas respondeu que, mesmo de carro, não poderíamos sair; os bandidos poderiam bloquear a estreita estrada do Retiro.

– E vocês, por que não nos acompanham? – perguntou o cirurgião.

– E quem vai cuidar da família de vocês? – disse o chefe dos guardas, sempre sorrindo.

Ficamos retidos naquele dia e no seguinte. Foi aí que a polícia cercou o local: dezenas de viaturas com homens armados, alguns com máscaras contra gases. De nossas janelas nós os víamos e reconhecíamos: o chefe dos guardas estava com a razão.

Passávamos o tempo jogando cartas, passeando ou simplesmente não fazendo nada. Alguns estavam até gostando. Eu não. Pode parecer presunção dizer isto agora, mas eu não estava gostando nada daquilo.

Foi no quarto dia que o avião desceu no campo de pouso. Um jatinho. Corremos para lá.

Um homem desceu e entregou uma maleta ao chefe dos guardas. Depois olhou para nós – amedrontado, pareceu-me – e saiu pelo portão da entrada, quase correndo.

O chefe dos guardas fez sinal para que não nos aproximássemos. Entrou no avião. Deixou a porta aberta, e assim pudemos ver que examinava o conteúdo da maleta. Fechou-a, chegou à porta e fez um sinal. Os guardas vieram correndo, entraram todos no jatinho. A porta se fechou, o avião decolou e sumiu.

Nunca mais vimos o chefe e seus homens. Mas estou certo que estão gozando o dinheiro pago por nosso resgate. Uma quantia suficiente para construir dez condomínios iguais ao nosso – que eu, diga-se de passagem, sempre achei que era bom demais. (Moacyr Seliar)

<http://www.passeiweb.com/estudos/livros/>

Curta o conto - No roteiro da figueira

Vocabulário

ensaibrada: revestido com saibro, isto é, pedra britada

presunção: imodéstia, vaidade

aléias: caminho ladeado de árvores divulgação de alguma ideia, evento, produto, serviço,

prospecto: folha de papel impressa com propaganda ou empresa etc.

Dialogando sobre o conto

1. A falta de segurança nos assusta, a violência crescente dizima vidas de forma assustadora. Que medidas podem ser tomadas pelos governantes para diminuir o índice de violência?
2. Cercas elétricas, alarmes, vigias, grades, guaritas. Viver assim não é, de certa forma, viver em uma prisão?
3. Vocês consideram viver em condomínios garante mais segurança? Na sociedade diversa, todos podem optar por essa alternativa?
4. Que outros problemas moradores de condomínio podem enfrentar?

Prospecto de condomínio



Curta o conto - Ideias de canário

Dialogando com a imagem



O que expressam as imagens?
 As imagens despertam quais sentimentos ?
 Existe alguma relação entre as imagens?



<https://www.youtube.com/watch?v=sRn4Jb9Dq04> - What a Wonderful World

<https://www.youtube.com/watch?v=rsDB6JuDq2A> - Ideia de canário

Da minha aldeia

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
 Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
 Porque eu sou do tamanho do que vejo
 E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
 Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
 Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
 Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
 Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
 E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Alberto Caeiro

<http://arquivopessoa.net/textos/1486>

IDEIAS DE CANÁRIO

Um homem dado a estudos de omitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado, — disse ele, — indo por uma rua, sucedeu que um tíluri à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se lhe sentia a tristeza austera e desenganada das vidas que foram vidas.

A loja era escura, atulhada das coisas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dois cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras coisas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão.

Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta. Tão velha como o resto, para ter o mesmo aspecto da desolação geral, faltava-lhe estar vazia. Não estava vazia. Dentro pulava um canário. A cor, a animação e a graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade. Era o último passageiro de algum naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes. Logo que olhei para ele, entrou a saltar mais abai-xo e acima, de poleiro em poleiro, como se quisesse dizer que no meio daquele cemitério brincava um raio de sol. Não atribuo essa imagem ao canário, senão porque falo a gente retórica; em verdade, ele não pensou em cemitério nem sol, segundo me disse depois. Eu, de envolta com o prazer que me trouxe aquela vista, senti-me indignado do destino do pássaro, e murmurei baixinho palavras de azedume.

— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de ní-queis? Ou que não indiferente, não querendo guardar esse companheiro de dono defunto, o deu de graça a algum pequeno, que o vendeu para ir jogar uma quiniela?

E o canário, quedando-se em cima do poleiro, trilou isto:

— Quem quer que sejas tu, certamente não estás em teu juízo. Não tive dono execrável, nem fui dado a nenhum menino que me vendesse. São imaginações de pessoa doente; vai-te curar, amigo...

— Como — interrompi eu, sem ter tempo de ficar espantado. Então o teu dono não te vendeu a esta casa? Não foi a miséria ou a ociosidade que te trouxe a este cemitério, como um raio de sol?

— Não sei que seja sol nem cemitério. Se os canários que tens visto usam do primeiro desses nomes, tanto melhor, porque é bonito, mas estou que confundes.

— Perdão, mas tu não vieste para aqui à toa, sem ninguém, salvo se o teu dono foi sempre aquele homem que ali está sentado.

— Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo.

Pasmado das respostas, não sabia que mais admirar, se a linguagem, se as idéias. A linguagem, posto me entrasse pelo ouvido como de gente, saía do bicho em trilos engraçados. Olhei em volta de mim, para verificar se estava acordado; a rua era a mesma, a loja era a mesma loja escura, triste e úmida. O canário, movendo a um lado e outro, esperava que eu lhe falasse. Perguntei-lhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito...

— Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

— Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

— O mundo, redargüiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira.

Nisto acordou o velho, e veio a mim arrastando os pés. Perguntou-me se queria comprar o canário. Indaguei se o adquirira, como o resto dos objetos que vendia, e soube que sim, que o comprara a um barbeiro, acompanhado de uma coleção de navalhas.

Curta o conto - Ideias de canário

— As navalhas estão em muito bom uso, concluiu ele.

— Quero só o canário.

Paguei-lhe o preço, mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco, e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do céu azul.

Era meu intuito fazer um longo estudo do fenômeno, sem dizer nada a ninguém, até poder assombrar o século com a minha extraordinária descoberta. Comecei por alfabetar a língua do canário, por estudar-lhe a estrutura, as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, as suas idéias e reminiscências. Feita essa análise filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc. Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando.

Não tendo mais família que dois criados, ordenava-lhes que não me interrompessem, ainda por motivo de alguma carta ou telegrama urgente, ou visita de importância. Sabendo ambos das minhas ocupações científicas, acharam natural a ordem, e não suspeitaram que o canário e eu nos entendíamos.

Não é mister dizer que dormia pouco, acordava duas e três vezes por noite, passeava à toa, sentia-me com febre. Afinal tornava ao trabalho, para reler, acrescentar, emendar. Retifiquei mais de uma observação, — ou por havê-la entendido mal, ou porque ele não a tivesse expresso claramente. A definição do mundo foi uma delas. Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

— O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

Também a linguagem sofreu algumas retificações, e certas conclusões, que me tinham parecido simples, vi que eram temerárias. Não podia ainda escrever a memória que havia de mandar ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e às universidades alemãs, não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las. Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes. Todo eu era canário. De manhã, um dos criados tinha a seu cargo limpar a gaiola e pôr-lhe água e comida. O passarinho não lhe dizia nada, como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico. Também o serviço era o mais sumário do mundo; o criado não era amador de pássaros.

Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo. Assim fiquei cinco dias; no sexto levantei-me, e só então soube que o canário, estando o criado a tratar dele, fugira da gaiola. O meu primeiro gesto foi para esganar o criado; a indignação sufocou-me, caí na cadeira, sem voz, tonto. O culpado defendeu-se, jurou que tivera cuidado, o passarinho é que fugira por astuto...

— Mas não o procuraram?

— Procuramos, sim, senhor; a princípio trepou ao telhado, trepei também, ele fugiu, foi para uma árvore, depois escondeu-se não sei onde. Tenho indagado desde ontem, perguntei aos vizinhos, aos chacareiros, ninguém sabe nada.

Padeci muito; felizmente, a fadiga estava passada, e com algumas horas pude sair à varanda e ao jardim. Nem sombra de canário. Indaguei, corri, anunciei, e nada. Tinha já recolhido as notas para compor a memória, ainda que truncada e incompleta, quando me sucedeu visitar um amigo, que ocupa uma das mais belas e grandes chácaras dos arrabaldes. Passeávamos nela antes de jantar, quando ouvi trilar esta pergunta:

— Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doido; mas que me importavam cuidados de amigos? Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

— Que jardim? Que repuxo?

— O mundo, meu querido.

— Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

— De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior?

tilburi (do inglês *tilbury*): carro de duas rodas e dois assentos, sem boleia, com capota e puxado por um animal.

belchior: pessoa que negocia coisas usadas.

cuidou: julgou, supôs.

Ilhas Canárias: arquipélago espanhol no Oceano Atlântico

quedar: parar; acomodar-se

trilou: gorjeou, cantar

execrável: ato abominável

quiniela: certo jogo de azar

Discutindo o texto

- 1—O que aconteceu nessa história?
- 2—O que você pensa sobre as ideias desse canário?
- 3—Que relação em as ideias de canário com o poema de Pessoa?

AValiação DO MÓDULO III

O trabalho nesse módulo foi inspirado em COSSON (2014) que acredita ser o círculo de leitura uma prática importante porque dá à leitura um caráter social, vez que não existe leitor que esteja inserido em uma comunidade e também por reforçar vínculos sociais, identidades e solidariedade. Desse modo, a nossa proposta no sentido de requerer espaço nas aulas de Língua Portuguesa para a leitura literária, encontra respaldo, visto que almeja contribuir na formação leitora de um sujeito crítico, mas, sobretudo, humanizado.

Durante a aplicação da Sequência Didática, pudemos perceber que nos Círculos de Leitura, criam-se vínculos de solidariedade que fortalecem a aprendizagem colaborativa.

Assim sendo, os Círculos de Leitura muito têm a contribuir, pois “possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra [...] (COSSON, 2014, p. 139)

Embora os alunos tenham apresentado dificuldade e relutância em ler os textos, alegando serem chatos ou que não entendem, percebeu-se que os outros textos usados como apoio para o diálogo favoreceu a recepção do conto, vez que o aluno já havia sido instigado na predição e na projeção das ideias feita nos textos anteriores.

A produção e gravação das resenhas em áudio foram bem aceitas por alguns, outros não. As sinopses ilustradas tiveram melhor receptividade. Ambos seriam publicados no blog, assim como os contos.

Para os discentes, ler e discutir é uma atividade incomum, porque os exercícios são mais importantes para a obtenção das notas. Mas a semente foi lançada e acredita-se na possibilidade de germinação. Os obstáculos são muitos, especialmente, porque no questionário socioeconômico, a televisão aparece em segundo lugar como fonte de informação. E isso, é claro, tem resposta no contexto sociocultural do educando.

Seguindo na linha das contradições, apenas 03 alunos sinalizaram que ocupam o tempo livre com leituras, mas a resposta acerca da quantidade de livros lido anualmente indica que 47,1% deles leem mais de quatro livros por ano. Uma incoerência ante a o déficit de habilidades leitura na referida turma. Outra contradição aparece quando perguntados sobre o que mais gostam nas aulas de Português e o gráfico mais uma vez demonstra que 35,3% escolheram a alternativa Leitura/literatura.

Sabemos que não alcançamos todos os objetivos, mas ficamos com a certeza de que é possível realizar um trabalho em longo prazo que promova o desenvolvimento das habilidades de leitura que, conseqüentemente, elegerá um sujeito mais crítico e livre.

Módulo IV – Produzindo o conto

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade	
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto	Nº de Aulas: 06	Data: 13, 14 e 20/09/2016	
Tema: O autor é você		Tempo de aula: (45 minutos cada)	
AÇÕES/ATIVIDADES			
<ul style="list-style-type: none"> - Círculo de leitura; <ul style="list-style-type: none"> • O Primeiro Beijo - Clarice Lispector • As Cerejas – Lygia Fagundes Telles • Dois Corpos que Caem – João Silveiro Trevisan - Estudo dos tipos de narrador; - Discurso direto, indireto e indireto livre; - Produção do conto; 			
OBJETIVOS		COMPETÊNCIAS/HABILIDADES	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o tipo de discurso nos textos: direto ou indireto; - Reconhecer o tipo de narrador e a escolha da perspectiva de locução por ele assumida; - Produzir um conto empregando o foco narrativo de acordo com a perspectiva que deseja narrar o texto. 		<ul style="list-style-type: none"> -Apropriar-se da expressão escrita; - Usar, adequadamente, as marcas do gênero e do tipo textuais, considerando a situação de produção escrita, o suporte, os interlocutores e os objetivos do texto. 	
METODOLOGIA			
<p>1º Momento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação de três grupos. Cada grupo leu um conto diferente e em seguida apresentou as ideias do texto, o tipo de narrador e de discurso usado no conto. À medida que os alunos apresentavam a professora fez as intervenções, elucidando alguns pontos quando não estavam bem esclarecidos. <p>2º Momento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produção do conto para a publicação no blog. - A proposta do texto consistia na escolha de alguém da comunidade que fosse admirada pelo aluno para que ele transformasse a história dessa pessoa em texto fictício, no caso, o conto. <p>3º Momento</p>			

Avaliação dos alunos sobre as atividades desenvolvidas.
RECURSOS NECESSÁRIOS
- Papel ofício, impressora, tinta e caneta, quadro branco e piloto para quadro branco.
AVALIAÇÃO
<p>Os alunos foram avaliados de forma processual através da interação nas discussões e na realização das atividades propostas. Em relação à produção textual, foi observado se alunos atenderam à proposta de criar um texto narrativo com as características do gênero estudado. Entretanto, nem todos os alunos conseguiram construir um texto que fosse classificado como conto.</p> <p>Mesmo assim, a professora incluiu todos os textos no livrinho impresso.</p>
REFERÊNCIAS
<p>LISPECTOR, Clarice. <i>O primeiro beijo</i>. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/primeiro-beijo-634373.shtml>. Acesso em: 02.agos.2016</p> <p>TELLES, Lígia Fagundes. <i>As Cerejas</i>. Disponível em: <http://leiadevez.blogspot.com.br/2010/08/lygia-fagundes-telles.html>. Acesso em: 02 de agos.2016</p> <p>TREVISAN, João Silvério. Dois corpos que caem. Disponível em: <https://mscamp.wordpress.com/2008/11/27/dois-corpos-que-caem-joao-silverio-trevisan/>. Acesso em: 02.agos.2016</p>



Produzindo o conto

Módulo

4

<http://>

O Autor é você

Objetivo

- Fazer a leitura dos contos sugeridos;
- Reconhecer o tipo de narrador e discurso empregado no texto;
- Produzir um conto

O Primeiro beijo**Clarice Lispector**

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar? Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.

- Quem era ela? - perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir - era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente enguliu-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Produzindo o conto - O primeiro beijo

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua.

Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, num equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...

Ele se tornara homem.

<http://aocervo.novaescola.org.br/fundamental2/primeiro-beijo-634373.shtml>

As Cerejas

Lygia Fagundes Telles

Aquela gente teria mesmo existido? Madrinha tecendo a cortina de crochê com um anjinho a esvoaçar por entre rosas, a pobre Madrinha sempre afobada, piscando os olhinhos estrábicos, vocês não viram onde deixei meus óculos? A preta Dionísia a bater as claras de ovos em ponto de neve, a voz ácida contrastando com a doçura dos cremes, esta receita é nova... Tia Olívia enfasiada e lânguida, abanando-se com uma ventarola chinesa, a voz pesada indo e vindo ao embalo da rede, fico exausta no calor... Marcelo muito louro - por que não me lembro da voz dele? - agarrado à crina do cavalo, agarrado à cabeleira de tia Olívia, os dois tombando lividamente azuis sobre o divã. Você levou as velas à tia Olívia? , perguntou Madrinha lá embaixo. O relâmpago apagou-se. E no escuro que se fez, veio como resposta o ruído das cerejas se despencando no chão.

A casa em meio do arvoredo, o rio, as tardes como que suspensas na poeira do ar - desapareceu tudo sem deixar vestígios. Ficaram as cerejas, só elas resistiram com sua vermelhidão de loucura. Basta abrir a gaveta: algumas foram roídas por alguma barata e nessas o algodão estoura, empelotado, não, tia Olívia, não eram de cera, eram de algodão suas cerejas vermelhas.

Ela chegou inesperadamente. Um cavaleiro trouxe o recado do chefe da estação pedindo a charrete para a visita que acabara de desembarcar.

- É Olívia! - exclamou Madrinha. - É a prima! Alberto escreveu dizendo que ela viria, mas não disse quando, ficou de avisar. Eu ia mudar as cortinas, bordar umas fronhas e agora!... Justo Olívia. Vocês não podem fazer idéia, ela é de tanto luxo e a casa aqui é tão simples, não estou preparada, meus céus! O que é que eu faço, Dionísia, me diga agora o que é que eu faço!

Dionísia folheava tranquilamente um livro de receitas. Tirou um lápis da carapinha tosada e marcou a página com uma cruz.

- Como se já não bastasse esse menino que também chegou sem aviso...

O menino era Marcelo. Tinha apenas dois anos mais do que eu mas era tão alto e parecia tão adulto com suas belas roupas de montaria, que tive vontade de entrar debaixo do armário quando o vi pela primeira vez.

- Um calor na viagem! - gemeu tia Olívia em meio de uma onda de perfumes e malas. - E quem é este rapazinho?

- E não adianta ficar furiosa, vamos, olhe para mim! Sua boba. Pare de chorar e prometa que não vai mais judiar dos bichos.

Encarei-o. Através das lágrimas ele pareceu-me naquele instante tão belo quanto um deus, um deus de cabelos dourados e botas, todo banhado de luar. Fechei os olhos. Já não me envergonhava das lágrimas, já não me envergonhava de mais nada. Um dia ele iria embora do mesmo modo imprevisível como chegara, um dia ele sairia sem se despedir e desapareceria para sempre. Mas isso também já não tinha importância. Marcelo, Marcelo! charnei. E só meu coração ouviu.

Quando ele me tomou pelo braço e entrou comigo na sala, parecia completamente esquecido do escorpião e do meu pranto. Voltou-lhe o sorriso.

- Então é essa a famosa tia Olívia? Ah, ah, ah.

Enxuguei depressa os olhos na barra da saia.

- Ela é bonita, não?

Produzindo o conto - O primeiro beijo

- Pois este é o Marcelo, filho do Romeu - disse Madrinha. - Você não se lembra do Romeu? Primo-irmão do Alberto...

Tia Olívia desprendeu do chapuzinho preto dois grandes alfinetes de pérola em formado de péra. O galho de cerejas estremeceu no vértice do decote da blusa transparente. Desabotoou o casaco.

- Ah, minha querida, Alberto tem tantos parentes, uma família enorme! Imagine se vou me lembrar de todos com esta minha memória. Ele veio passar as férias aqui?

Por um breve instante Marcelo deteve em tia Olívia o olhar frio. Chegou a esboçar um sorriso, aquele mesmo sorriso que tivera quando Madrinha, na sua ingênua excitação, nos apresentou a ambos, pronto, Marcelo, aí está sua priminha, agora vocês poderão brincar juntos. Ele então apertou um pouco os olhos. E sorriu.

- Não estranhe, Olívia, que ele é por demais arisco - segredou Madrinha ao ver que Marcelo saía abruptamente da sala. - Se trocou comigo meia dúzia de palavras, foi muito. Aliás, toda a gente de Romeu é assim mesmo, são todos muito esquisitos. Esquisitíssimos!

Tia Olívia ajeitou com as mãos em concha o farto coque preso na nuca. Umedeceu os lábios com a ponta da língua.

- Tem charme...

Aproximei-me fascinada. Nunca tinha visto ninguém como tia Olívia, ninguém com aqueles olhos pintados de verde e com aquele decote assim fundo.

- É de cera? - perguntei tocando-lhe uma das cerejas.

Ela acariciou-me a cabeça com um gesto distraído. Senti bem de perto seu perfume.

- Acho que sim, querida. Por quê? Você nunca viu cerejas?

- Só na folhinha.

Ela teve um risinho cascadeante. No rosto muito branco a boca parecia um largo talho aberto, com o mesmo brilho das cerejas.

- Na Europa são tão carnudas, tão frescas.

Marcelo também tinha estado na Europa com o avô. Seria isso? Seria isso que os fazia infinitamente superiores a nós? Pareciam feitos de outra carne e pertencer a um outro mundo tão acima do nosso, ah! como éramos pobres e feios. Diante de Marcelo e tia Olívia, só diante dos dois é que eu pude avaliar como éramos pequenos: eu, de unhas roídas e vestidos feitos por Dionísia, vestidos que pareciam as camisolas das bonecas de jornal que Simão recortava com a tesoura do jardim. Madrinha, completamente estrábica e tonta em meio das suas rendas e crochês. Dionísia, tão preta quanto enfatuada com as tais receitas secretas.

- Não quero é dar trabalho - murmurou tia Olívia dirigindo-se ao quarto. Falava devagar, andava devagar. Sua voz foi se afastando com a mansidão de um gato subindo a escada. - Cansei-me muito, querida. Preciso apenas de um pouco de sossego...

Agora só se ouvia a voz de Madrinha que tagarelava sem parar: a chácara era modesta, modestíssima, mas ela haveria de gostar, por que não? O clima era uma maravilha e o pomar nessa época do ano estava coalhado de mangas. Ela não gostava de mangas? Não?... Tinha também bons cavalos se quisesse montar, Marcelo poderia acompanhá-la, era um ótimo cavaleiro, vivia galopando dia e noite. Ah, o médico proibira? Bem, os passeios a pé também eram lindos, havia no fim do caminho dos bambus um lugar ideal para piqueniques, ela não achava graça num piquenique?

Fui para a varanda e fiquei vendo as estrelas por entre a folhagem da paineira. Tia Olívia devia estar sorrindo, a umedecer com a ponta da língua os lábios brilhantes. Na Europa eram tão carnudas... Na Europa.

Abri a caixa de sabonete escondida sob o tufo de samambaia. O escorpião foi saindo pensosamente de dentro. Deixei-o caminhar um bom pedaço e só quando ele atingiu o centro da varanda é que me decidi a despejar a gasolina. Acendi o fósforo. As chamas azuis subiram num círculo fechado. O escorpião rodou sobre si mesmo, erguendo-se nas patas traseiras, procurando uma saída. A cauda contraiu-se desesperadamente. Encolheu-se. Investiu e recuou em meio das chamas que se apertavam mais.

- Será que você não se envergonha de fazer uma maldade dessas?

Voltei-me. Marcelo cravou em mim o olhar feroz. Em seguida, avançando para o fogo, esmagou o escorpião no tacão da bota.

- Diz que ele se suicida, Marcelo...

- Era capaz mesmo quando descobrisse que o mundo está cheio de gente como você.

Tive vontade de atirar-lhe a gasolina na cara. Tapei o vidro.

Produzindo o conto - As cerejas

Ele bocejou.

- Usa um perfume muito forte. E aquele galho de cerejas dependurado no peito. Tão vulgar.

- Vulgar?

Fiquei chocada. E contestei mas em meio da paixão com que a defendi, senti uma obscura alegria ao perceber que estava sendo derrotada.

- E, além do mais, não é meu tipo - concluiu ele voltando o olhar indiferente para o trabalho de crochê que Madrinha deixara desdobrado na cadeira. Apontou para o anjinho esvoaçando entre grinaldas. - Um anjinho cego.

- Por que cego? - protestou Madrinha descendo a escada. Foi nessa noite que perdeu os óculos. - Cada idéia, Marcelo!

Ele debruçara-se na janela e parecia agora pensar em outra coisa.

- Tem dois buracos em lugar dos olhos.

- Mas crochê é assim mesmo, menino! No lugar de cada olho deve ficar uma casa vazia - esclareceu ela sem muita convicção. Examinou o trabalho. E voltou-se nervosamente para mim. - Por que não vai buscar o dominó para vocês jogarem uma partida? E vê se encontra meus óculos que deixei por aí.

Quando voltei com o dominó, Marcelo já não estava na sala. Fiz um castelo com as pedras. E soprei-o com força. Perdia-o sempre, sempre. Passava as manhãs galopando como louco. Almoçava rapidamente e mal terminava o almoço, fechava-se no quarto e só reparava no lanche, pronto para sair outra vez. Restava-me correr ao alpendre para vê-lo seguir em direção à estrada, cavalo e cavaleiro tão colados um ao outro que pareciam formar um corpo só.

Como um só corpo os dois tombaram no divã, tão rápido o relâmpago e tão longa a imagem, ele tão grande, tão poderoso, com aquela mesma expressão com que galopava como que agarrado à crina do cavalo, arfando doloridamente na reta final.

Foram dias de calor atroz os que antecederam à tempestade. A ansiedade estava no ar. Dionísia ficou mais casmurra. Madrinha ficou mais falante, procurando disfarçadamente os óculos nas latas de biscoitos ou nos potes de folhagens, esgotada a busca em gavetas e armários. Marcelo pareceu-me mais esquivo, mais crispado. Só tia Olívia continuava igual, sonolenta e lânguida no seu negligê branco. Estendia-se na rede. Desatava a cabeleira. E com um movimento brando ia se abanando com a ventarola. Às vezes vinha com as cerejas que se esparramavam no colo polvilhado de talco. Uma ou outra cereja resvalava por entre o rego dos seios e era então engolida pelo decote.

- Sofro tanto com o calor...

Madrinha tentava animá-la.

- Chovendo, Olívia, chovendo você verá como vai refrescar.

Ela sorria umedecendo os lábios com a ponta da língua.

- Você acha que vai chover?

- Mas claro, as nuvens estão baixando, a chuva já está aí. E vai ser um temporal daqueles, só tenho medo é que apanhe esse menino lá fora. Você já viu menino mais esquisito, Olívia? Tão fechado, não? E sempre com aquele arzinho de desprezo.

- É da idade, querida. É da idade.

- Parecido com o pai. Romeu também tinha essa mesma mania com cavalo.

- Ele monta tão bem. Tão elegante.

Defendia-o sempre enquanto ele a atacava, mordaz, implacável: É afetada, esnobe. E como representa, parece que está sempre no palco. Eu contestava, mas de tal forma que o incitava a prosseguir atacando.

Exatamente um ano depois ela repetiria, num outro tom, esse mesmo comentário ao receber a carta onde Romeu comunicava que Marcelo tinha morrido de uma queda de cavalo.

- Anjinho cego, que idéia! - prosseguiu ela desdobrando o crochê nos joelhos. - Já estou com saudades de Olívia, mas dele?

Sorriu alisando o crochê com as pontas dos dedos. Tinha encontrado os óculos.

Lembro-me de que as primeiras gotas de chuva caíram ao entardecer, mas a tempestade continuava ainda em suspenso, fazendo com que o jantar se desenrolasse numa atmosfera abafada. Densa. Pretextando dor de cabeça, tia Olívia recolheu-se mais cedo. Marcelo, silencioso como de costume, comeu de cabeça baixa. Duas vezes deixou cair o garfo.

- Vou ler um pouco - despediu-se assim que nos levantamos.

Fui com Madrinha para a saleta. Um raio estalou de repente. Como se esperasse por esse sinal, a casa ficou completamente às escuras enquanto a tempestade desabava.

- Queimou o fusível! - gemeu Madrinha. - Vai, filha, vai depressa buscar o maço de velas, mas leva primeiro ao quarto de tia Olívia. E fósforos, não esqueça os fósforos!

Subi a escada. A escuridão era tão viscosa, que se eu estendesse a mão poderia senti-la amoitada como um bicho por entre os degraus. Tentei acender a vela mas o vento me envolveu. Escancarou-se a porta do quarto. E em meio do relâmpago que rasgou a treva, vi os dois corpos completamente azuis, tombando enlaçados no divã.

Afastei-me cambaleando. Agora as cerejas se despencavam sonoras como enormes bagos de chuva caindo de uma goteira. Fechei os olhos. Mas a casa continuava a rodopiar desganhada e lívida com os dois corpos rolando na ventania.

- Levou as velas para a tia Olívia? - perguntou Madrinha.

Desabei num canto, fugindo da luz do castiçal aceso em cima da mesa.

- Ninguém respondeu, ela deve estar dormindo.

- E Marcelo?

- Não sei, deve estar dormindo também.

Madrinha aproximou-se com o castiçal.

- Mas que é que você tem, menina? Está doente? Não está com febre? Hem?! Sua testa está queimando... Dionísia, traga uma aspirina, esta menina está com um febrão, olha aí!

Até hoje não sei quantos dias me debati esbraseada, a cara vermelha, os olhos vermelhos, escondendo-me debaixo das cobertas para não ver por entre clarões de fogo milhares de cerejas e escorpiões em brasa, estourando no chão.

Produzindo o conto - As cerejas

- Foi um sarampo tão forte - disse Madrinha ao entrar certa manhã no quarto. - E como você chorava, dava pena ver como você chorava! Nunca vi um sarampo doer tanto assim.

Sentei-me na cama e fiquei olhando uma borboleta branca pousada no pote de avencas da janela. Voltei-me em seguida para o céu limpo. Havia um passarinho cantando na paineira. Madrinha então disse:

- Marcelo foi-se embora ontem à noite, quando vi, já estava de mala pronta, sabe como ele é. Veio até aqui se despedir, mas você estava dormindo tão profundamente.

Dois dias depois, tia Olivia partia também. Trazia o costume preto e o chapeuzinho com os alfinetes de pérola espetados no feltro. Na blusa branca, bem no vértice do decote, o galho de cerejas.

Sentou-se na beirada da minha cama.

- Que susto você nos deu, querida - começou com sua voz pesada. - Pensei que fosse alguma doença grave. Agora está boazinha, não está?

Prendi a respiração para não sentir seu perfume.

- Estou.

- Ótimo! Não te beijo porque ainda não tive sarampo - disse ela calçando as luvas. Riu o risinho cascadeante. - E tem graça eu pegar nesta altura doença de criança?

Cravei o olhar nas cerejas que se entrechocavam sonoras, rindo também entre os seios. Ela despreendeu-as rapidamente.

- Já vi que você gosta, pronto, uma lembrança minha.

- Mas ficam tão lindas aí - lamentou Madrinha. - Ela nem vai poder usar, bobagem, Olivia, leve suas cerejas!

- Comprarei outras.

Durante o dia seu perfume ainda pairou pelo quarto. Ao anoitecer, Dionísia abriu as janelas. E só ficou o perfume delicado da noite.

- Tão encantadora a Olivia - suspirou Madrinha sentando-se ao meu lado com sua cesta de costura. - Vou sentir falta dela, um encanto de criatura. O mesmo já não posso dizer daquele menino. Romeu também era assim mesmo, o filho saiu igual. E só às voltas com cavalos, montando em pêlo, feito índio. Eu quase tinha um enfarte quando via ele galopar.



Quem é... Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo no dia 19 de abril de 1923. Publicou muitos livros de contos, romances - um romance muito conhecido é Ciranda de Pedra (1954) que, segundo Antônio Cândido, é a obra na qual a autora alcança a maturidade literária. É na adolescência que Lygia Fagundes Telles se apaixonou pela literatura. Os seus contos abordam temáticas, cujos aspectos mais sombrios da alma humana, são desvelados e investigados com uma ousadia surpreendente, ou seja, seus contos são especulações e questionamentos dos limites da verdade aparente.



http://4.bp.blogspot.com/-X024WcX4uW/VAKM7Cov1U/AAAAAAAAACpU/2Tcf_dv5M/s1600/cobr-broche-sweet-cherries-04.jpg

Produzindo o conto - As cerejas

Dois Corpos que caem

João Silvério Trevisan

Por simples acaso, dois desconhecidos encontraram-se despencando juntos do alto do Edifício Itália, no centro de São Paulo.

– Oi – disse o primeiro, no alvoroçado início da queda. – Eu me chamo João. E você?

– Antônio – gritou o segundo, perfurando furiosamente o espaço. E, só pra matar o tempo do mergulho, começaram a conversar.

– O que você faz aqui? – perguntou Antônio.

– Estou me matando – respondeu João. – E você?

– Que coincidência! Eu também. Espero que desta vez dê certo, porque é minha décima tentativa. Anos venho tentando. Mas tem sempre um amigo, um desconhecido e até bombeiro que impede. Você afinal está se matando por quê?

– Por amor – respondeu João, sentindo o vento frio no rosto. – Eu, que amava tanto, fui trocado por um homem de olhos azuis. Infelizmente só tenho estes corriqueiros olhos castanhos...

– E não lhe parece insensato destruir a vida por algo tão efêmero como o amor? – ponderou Antônio, sentindo a zoadá que o acompanhava à morte.

– Justamente. Trata-se de uma vingança da insensatez contra a lógica

– gritou João num tom quase triunfante. – Em geral é a vida que destrói o amor.

Desta vez, decidi que o amor acertaria contas com a vida!

– Poxa – exclamou Antônio – você fez do amor uma panacéia!

– Antes fosse – replicou João, com um suspiro. – Duvidoso como é, o amor me provocou dores horríveis. Nunca se sabe se o que chamamos amor é desamparo, solidão doentia ou desejo incontrolável de dominação. O que na verdade me seduz é que o amor destrói certezas com a mesma incomparável transparência com que o caos significativo enfrenta a insignificância

da ordem. Não, o amor não é solução para a vida. Mas é culminância. Morrer por ele me trouxe paz.

Ante o vertiginoso discurso, ambos tentaram sorrir contra a gravidade.

– E você, como se sente? – perguntou João a Antônio.

– Oh, agora estou plenamente satisfeito.

– Então por que busca a morte?

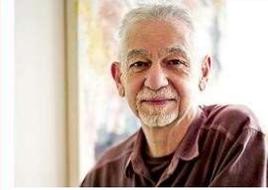
– Bom – respondeu Antônio – me assustou descobrir um fiasco primordial: que a razão tem demônios que a própria razão desconhece. Daí, preferi mergulhar de vez no mistério.

– Sim, da razão conheço demasiados horrores. Mas que mistério é esse tão importante a ponto de merecer sua vida?

– Não sei – respondeu Antônio. – Mistério é mistério.

– Mas morto você não desvendará o mistério! – protestou João.

– Por isso mesmo. O fundamental no mistério é aguçar contradições, e não desvendar. Matar-me, por exemplo, é bom na medida que me torna parte do enigma e, de certo modo, o agudiza. Tem a ver com a fé, que gera energias para a vida. Ou para a história, quem sabe...



João Silvério Trevisan (Ribeirão Bonito, 23 de junho de 1944) é um escritor, jornalista, dramaturgo, tradutor, cineasta e ativista GLBT brasileiro.

Ex-seminarista, assumiu sua homossexualidade à época da vigência do Ato Institucional nº 5, o que lhe fez mudar-se para a Califórnia, onde acabou se assumindo politicamente. [1] Voltando ao Brasil, foi um dos fundadores do grupo Somos na defesa dos direitos dos homossexuais e sua descriminalização na década de 1970. Até setembro de 2005 atuava como diretor da oficina literária do SESC. Assina uma coluna mensal na revista G Magazine.

CULMINÂNCIA

Ano: 9º do Ensino Fundamental	Disciplina: Língua Portuguesa	Professora: Maria Nivaneide de Souza Andrade
Unidade Escolar: Colégio Estadual Durval da Silva Pinto	Nº de Aulas: 02	Data: 20/09/2016
Tema: Socialização dos textos		Tempo de aula: (45 minutos cada)
AÇÕES/ATIVIDADES		
<ul style="list-style-type: none"> - Entrega dos livros - Leitura dos textos - Acesso ao blog - Partilha do lanche 		
OBJETIVOS		
<ul style="list-style-type: none"> - Oportunizar um momento em que os alunos compartilhem suas produções. - Valorizar os textos produzidos 		
METODOLOGIA		
<p>1º Momento</p> <p>A professora iniciou o momento agradecendo aos alunos pela colaboração em participar da pesquisa. Agradeceu à professora e à diretora por terem apoiado o trabalho, colocando à disposição os recursos da escola.</p> <p>2º Momento</p> <p>Alguns alunos leram seus textos ou dos colegas mais tímidos. Um aluno agradeceu a professora pelo trabalho feito.</p>		
RECURSOS NECESSÁRIOS		
- Livro, câmera, data show		
AValiação		
<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação da professora; <p>Uma oportunidade valiosa repensar a prática pedagógica. E satisfação em poder mediar leituras que considero muito significativas para a vida dos educandos, mesmo que os mesmos não compreendam.</p>		
Avaliação dos alunos:		



PROFLETRAS



Avaliação

- A partir da nossa experiência da leitura de contos, faça uma avaliação desses encontros ressaltando o que você considerou positivo ou que poderia ter sido melhor.

Eu considerei muito importante a leitura que nós tivemos, os contos que nós fiz, pra mim foi tudo bom.

A pro: ela deu seu melhor para nós aprender da história de palavras, nós aprendeu!

também gostei dos filmes.



PROFLETRAS



Avaliação

- A partir da nossa experiência da leitura de contos, faça uma avaliação desses encontros ressaltando o que você considerou positivo ou que poderia ter sido melhor.

Os encontros foram bons, interativos, os textos foram interessantes e despertaram a curiosidade. Mais faltou colaboração e compromissos da maioria dos alunos.



PROFLETRAS



Avaliação

- A partir da nossa experiência da leitura de contos, faça uma avaliação desses encontros ressaltando o que você considerou positivo ou que poderia ter sido melhor.

Eu considerei o excesso de textos positivo, para o desenvolvimento dos alunos, e também porque lemos textos legais. Mas na minha opinião era pouco prática e muito texto, os contos não tinham muita graça para passar para os leitores.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Tendo concluído as leituras e o estudo sobre as características do gênero discursivo, solicitou-se aos alunos uma segunda produção para que pudessemos observar, após o estudo, o que foi aprendido com os procedimentos implementados nos módulos. As produções foram feitas em dupla e também individualmente. Os participantes são identificados por números de 01 a 07.

Texto 1

A SUPOSTA TRAIÇÃO

Ricardo desconfiava muito de sua esposa Sofia, pois ela saía muito e quase sempre não falava aonde ia. Certo dia, ao chegar do trabalho, Ricardo percebeu que sua esposa estava conversando no celular.

- Com quem está falando? – perguntou Ricardo com uma certa desconfiança. Ao perceber que seu marido tinha chegado, Sofia ficou surpresa e rapidamente desligou o celular e perguntou:

- Por que chegou tão cedo?

- Você não respondeu a minha pergunta. - Disse Ricardo com um tom irônico. E

repetiu a pergunta:

- Com quem estava falando agora há pouco?

- Com ninguém amor. Foi a operadora que ligou para ficar com aquelas propagandas

bestas.

- Não me faça de idiota! Pensa que não vi?

- Já disse que não era ninguém! - respondeu irritada.

- Então, por que estava falando tão baixo?

- Você tá escutando demais! – Tentando disfarçar da conversa Sofia ofereceu um bolo para seu marido.

Um certo dia, à noite, Ricardo percebeu que Sofia saiu sem avisar ninguém. Então, resolveu ir atrás dela.

Quando entrou no hotel viu a esposa abraçando outro homem. Desesperado tentou agredir o homem, mandando que se afastasse da sua esposa. Sofia, por sua vez, tentou separar a briga que durou poucos minutos, dizendo que não adiantava mais que era melhor contar de uma vez a verdade. Ele, desesperado, sem entender segurou no braço de sua esposa e perguntou o que estava acontecendo. Então ela disse que iria ser direta, pois não queria ficar enrolando.

- Estava esperando até amanhã para te contar. Meu irmão chegou da Europa e ele vai morar aqui.

- O que tem a ver seu irmão com essa confusão?

- Ele é meu irmão!

O marido ficou sem graça, pediu desculpas para seu cunhado e convidou-o para jantar. O cunhado aceitou e foram jantar na casa de Ricardo.

Tudo acabou bem e ele até gostou de conhecer o irmão de sua mulher.

Participantes 01 e 02

Quadro 1 - Características do conto identificadas na produção dos Participantes 01 e 02

ELEMENTOS DO CONTO	PRODUÇÃO FINAL
Personagens	A história envolve três personagens Não há descrição física ou psicológica
Tempo e espaço	Cronológico Casa e hotel
Foco narrativo	3ª pessoa narrador-observador
Situação problemática	Desconfiança do marido em relação à conduta da esposa
Clímax	Quando o esposo vê sua esposa abraçando um homem
Desfecho	Descoberta de que o suposto amante tratava-se do irmão da esposa.
Conteúdo temático	Conteúdo psicológico Aborda conflito interior da personagem protagonista
Construção de sentido	Demonstraram estabelecer uma relação entre autor-leitor-texto
Competência crítico-discursiva	Em construção/ demonstraram ter noção de que a língua é usada de acordo com a situação de comunicação
Linguagem	Não houve uso conotativo da linguagem

Fonte: Elaborado pela autora.

Os P01 e P02 estão entre os alunos que se concentraram nas leituras e participaram das discussões. A dupla produziu uma narrativa simples, mas que apresentou coerência, bem como, a presença dos elementos que caracterizam o conto. Em relação à primeira produção, o texto está mais elucidativo que o primeiro, que não apresentava progressão das ideias, quase sem pontuação, especialmente o travessão ou aspas como marcador das falas ou pensamentos dos personagens, além de não atender à estrutura do gênero discursivo conto.

A ação está centrada em um único conflito vivido pela personagem e o texto apresenta apenas o tempo cronológico. As autoras não fazem uso da técnica *feedback* nem da linguagem denotativa. No início do texto, criam uma expectativa que induz o leitor a pensar em uma determinada situação que se revela contrária no desfecho. A história encerra-se com a resolução do problema, mas não aparece uma reflexão por parte do protagonista e sim uma imediata aceitação da nova situação.

Percebe-se que as alunas construíram um texto levando em conta os aspectos estudados sobre o gênero conto, pois os mesmos não se encontravam demarcados na primeira produção.

Texto 2

HOJE NÃO É MEU DIA

Belinha acordou mal humorada, tomou seu café e já estava a caminho da escola . Ao chegar no ponto, percebeu que havia perdido o ônibus e voltou para casa. No dia seguinte, Belinha tomou seu café e vai para escola. Chegando lá, ela mata as aulas e leva uma advertência da diretora e só entraria com os pais. Assim que chegou em casa, ela mostrou a advertência a seus pais e o pai ficou muito bravo e lhe deu uma surra. Com a cabeça quente, decidiu fugir de casa. A mãe quando se levantou para trabalhar, percebeu que a filha não estava na cama. Ficou desesperada e ligou para a polícia e começaram a investigação.

A menina estava na rua suja e com fome. Então passou um garoto e lhe ofereceu um lanche. A menina disse:

Eu aceito.

Então vamos logo – disse o garoto.

Eles conversaram e foram se conhecendo. Ela disse que seu nome era Belinha. E se apresentou como Manoel. Conversaram muito até que Manoel perguntou:

Por que você mora na rua?

Eu não quero falar sobre isso!

Tudo bem. Você tem pais?

Sim, eu vou contar minha história...

Conta, conta.

Eu fugi de casa.

Por quê? O que aconteceu?

Eu fugi porque meu pai me bateu.

E por que ele te bateu?

Por causa de uma de uma advertência que eu levei por matar aula. - E por que você fez isso?

Eu tava muito triste!

Por quê?

Só acordei mal humorada. Ei!

Oi!

Para com esse interrogatório! Obrigada pelo lanche, tchau!

Manoel pediu que esperasse e se acalmasse.

Eu vou procurar seus pais, tá legal?

Tá bom. Por onde vamos começar. Eu estou perdida.

Você lembra o nome do seu bairro.

Sim, Getúlio Vargas.

- Eu sei onde fica. Vamos lá de táxi.

- Enquanto isso, os pais de Belinha estavam muito preocupados. Até a polícia estava atrás dela. Quando chegaram em casa, não tinha ninguém. Eles esperaram os pais chegarem.

- Vou ficar com você até seus pais voltarem.

- Tá bem.

-

<p>Quando seus pais chegaram dentro de uma viatura, os garotos ficaram assustados, mas depois sua mãe lhe explicou tudo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Filha, me perdoa por ter batido em você! Eu estava com raiva – disse o pai. - Eu que devo desculpas por ter matado aula. O pai da menina agradeceu ao garoto por ter cuidado da filha dele. Meses se passaram e os jovens já estavam namorando. <p>Participantes 03 e 04</p> <p>-</p>

Quadro 2 - Características do conto identificadas na produção dos Participantes 03 e 04

ELEMENTOS DO CONTO	PRODUÇÃO FINAL
Personagens	A história tem quatro personagens
Tempo e espaço	Cronológico/maior parte da ação Desenrola-se na rua
Foco narrativo	3ª pessoa narrador-observador
Situação problemática	Conflito entre filha e pai
Clímax	Momento do reencontro da menina com os pais
Desfecho	A menina volta para casa
Conteúdo temático	Conteúdo psicológico. Aborda conflito interior da personagem protagonista
Construção de sentido	Demonstraram estabelecer uma relação entre autor-leitor-texto
Competência crítico-discursiva	A construir/Não denota uso consciente dos recursos da língua de acordo com a situação de comunicação
Linguagem	Não houve uso conotativo da linguagem

Fonte: Elaborado pela autora.

Os P03 e P04 estão entre os alunos que denotaram muita dificuldade de concentração na leitura silenciosa e não se expressavam espontaneamente durante as discussões. Respondiam

apenas aquilo que lhes fosse perguntado aparentando constrangimento em falar. Não apresentam desenvoltura na leitura oral.

O texto apresentou avanço em relação ao primeiro, especialmente, em relação aos aspectos físico como à margem, ortografia, uso do travessão para indicar a fala de personagens, pois no primeiro texto foi empregado rubricas, próprio do texto teatral. Observou-se a predominância do discurso direto.

A história apresenta os elementos que constituem um conto, mas não há criatividade na construção do texto para prender a atenção do leitor. A narração é simples, o conflito reflete problemas do cotidiano dos jovens, mas não se cria nenhum suspense. Não houve descrição das personagens. O clímax é bem sutil e no desfecho há a resolução do problema, porém não provoca no leitor a reflexão.

Texto 3

UMA AJUDA PARA LIBERDADE

Eu sempre tive vergonha de sair, todos me olhavam diferente. Será porque negra? Mas de onde eu vim isso era normal. É muito ruim você passar pelas pessoas no corredor e senti que falam de você, do seu cabelo, do modo de vestir. Já cansada de tudo isso pensei: “Eu quero mudar” quero ver os amigos e sentir-me igual a eles.

Então, alisei o cabelo, fiz compras, mudei. Mas ainda assim eu não me sentia bem por dentro. Só queria ser eu mesma! No começo foi muito mais difícil, porém com o tempo consegui fazer amigos. Não me sentia melhor, mas ter alguém para conversar era muito bom. Meses se passaram. Foi então que algo muito incrível aconteceu. A chegada de uma nova aluna naquele colégio. Assim que a vi me arrependi da minha mudança, pois ela era muito linda! Seu cabelo afro, sua pele negra, uma invejável confiança em si mesma, um lindo sorriso, me fizeram lembrar que um dia fui assim, mas a vontade de me enturmar fez com que eu me transformasse em alguém que não era eu mesma.

Um certo dia, conversei com ela. Admirei-me pela sua alegria. Ela me ensinou que devemos mudar só para agradar os outros. Temos que ser nós mesmos, sentir-se bem em primeiro lugar. Hoje, tenho meu cabelo afro, uso as roupas que gosto, sinto-me melhor. E for para alguém gostar de mim, tem que ser do jeito que sou.

Criei um site que ajuda outras pessoas a aceitarem-se como são, assim como aquela nova aluna me ajudou a enxergar o quanto eu estava insegura com minha aparência e que isso não faz da gente uma pessoa melhor.

Participante 05

Quadro 3 - Características do conto identificadas na produção do Participante 05

ELEMENTOS DO CONTO	PRODUÇÃO FINAL
Personagens	Dois personagens
Tempo e espaço	Tempo psicológico Escola
Foco narrativo	1ª pessoa Narrador- personagem
Situação problemática	Não aceitação de si mesma
Clímax	Momento que encontra alguém com quem se identifica
Desfecho	Há solução e revelação de uma realidade
Conteúdo temático	Conteúdo psicológico Aborda conflito interior da personagem protagonista
Construção de sentido	Demonstraram estabelecer uma relação entre autor-leitor-texto
Competência crítico-discursiva	Em construção/ demonstraram ter noção de que a língua é usada de acordo com a situação de comunicação
Linguagem	Não houve uso conotativo da linguagem, mas há muita subjetividade no texto. Uso do discurso indireto

Fonte: Elaborado pela autora.

A informante 05 se destaca no grupo pelo seu comprometimento com estudo. Sempre atenta aos comandos e orientações interagiu de forma coerente, demonstrando entendimento do que lia, relacionando o conteúdo ao mundo em que vive. A aluna consegue transmitir suas ideias com coerência e clareza. Há progressão de ideias e o texto flui de maneira compreensível.

A discente participou ativamente das rodas de leitura e fez intervenções valiosas. Seu texto é introspectivo, denota sensibilidade e destaca-se entre os outros pela carga sentimental e o drama interior da personagem. Não emprega a linguagem metafórica, entretanto, faz uso do discurso indireto, que contribui para realçar a subjetividade no texto.

No final do conto aparece a chamada, “*epifania*” revelando uma nova realidade, que propiciou reflexão e mudança de postura diante da vida.

Texto 4

TRIÂNGULO AMOROSO

Em uma tarde de domingo, dois homens conversam em uma mesa de bar. Eles não sabem, mas fazem parte de um triângulo amoroso. Num dia ensolarado, Romeu, João e Juliana se encontraram na praia.

Sem saber que Romeu era o marido de Juliana, João abraça e beija Juliana. De repente, Romeu aparece e pergunta:

- O que está acontecendo aqui?
- Não é o que você está pensando! – responde João.
- Seu desgraçado, eu te mato! Ela é minha esposa!
- Calma, calma. Não está acontecendo nada.
- Já fui traído uma vez pela minha ex-mulher e não me vinguei, mas essa eu vou me vingar! – João sai dali nervoso, correndo e Romeu o segue até a sua casa.

Numa noite de lua cheia, Romeu vai até à casa de João e bate na porta. João aparece e ele fala:

- Só quero paz.

Sem malícia nenhuma, João abre a porta e deixa Romeu entrar, pois acredita que a amizade continuava. Romeu saca um revólver e diz:

- É o seu fim. Achou que eu esqueceria daquele dia na praia?

João se ajoelha aos pés de Romeu e grita:

- Não me mate, por favor! Pelo amor de Deus!

Passava por ali um policial à paisana e escuta os gritos de João. O policial entra na casa correndo, mas não chega a tempo de impedir o ato de Romeu.

Romeu escondido atrás da porta vê o policial de costas e tenta fugir. Correndo e aflito, não olha para os lados da rua. Quando vê está no meio da rua e um caminhão o atropela. Lá

mesmo morre. João é levado para o hospital gravemente ferido. Depois de alguns meses se recupera, volta a se encontrar com Juliana, casam-se e tem dois filhos.

Participantes 6 e 7

Quadro 4 - Características do conto identificadas na produção dos Participantes 06 e 07

ELEMENTOS DO CONTO	PRODUÇÃO FINAL
Personagens	Quatro personagens
Tempo e espaço	Cronológico Bar e casa
Foco narrativo	3ª pessoa narrador-observador
Situação problemática	Marido flagra homem beijando sua esposa
Clímax	Momento em que marido chega na casa do amante e atira nele
Desfecho	Morte de Romeu
Conteúdo temático	Conteúdo psicológico Aborda conflito interior da personagem protagonista
Construção de sentido	Demonstraram estabelecer uma relação entre autor-leitor-texto
Competência crítico-discursiva	Em construção/ demonstraram ter noção de que a língua é usada de acordo com a situação de comunicação
Linguagem	Não houve uso conotativo da linguagem

Fonte: Elaborado pela autora.

Os P06 e P07 estão entre os alunos que conseguiram ler os textos até o final, compreendem e relacionam o conteúdo com a realidade. No entanto, não demonstraram

interesse em participar das discussões. Eles se comportam de forma automática, preocupando-se em cumprir a tarefa para em seguida questionar “quanto vale”. O importante é cumprir. Apesar disso, mostram-se coerentes nas poucas intervenções feitas durante a interação.

O texto construído apresenta uma trama simples com uso predominante do tempo cronológico, os personagens não são descritos física ou psicologicamente. O enredo gira em torno de um triângulo amoroso que acaba com um fim trágico para um dos personagens. Observou-se que os alunos não empregaram técnica *feedback* e o tipo de discurso usado com predominância o foi direto.

5.1 Conclusão da análise dos textos

Realizar o trabalho, nessa turma do 9º ano, foi um desafio, visto que a proposta de intervenção se centrava na leitura literária e os alunos apresentaram grande resistência em realizar essa atividade. Esse comportamento contradiz os resultados colhidos no Perfil Socioeconômico e cultural dos Estudantes que indicam que 35,3% dos alunos gostam de ler.

Mesmo ante a desmotivação, dificuldade e agitação da turma, foi possível completar as leituras, comprovando que é possível investir em práticas leitoras que propiciem ao aluno a reflexão e o entendimento do quanto importante é desenvolver essa habilidade para sua formação enquanto ser humano.

Em virtude da quantidade de conteúdos a serem trabalhados na disciplina Língua Portuguesa, o texto literário acaba sendo explorado a partir do roteiro que traz o livro didático sobre o gênero lido, ou propondo o preenchimento de fichas de leitura como forma de avaliação, não sobrando tempo para a discussão.

Dessa forma, as solicitações do professor-pesquisador para que os alunos expusessem suas impressões nos círculos de leitura causaram estranheza nos alunos e, conseqüentemente, resistência em interagir no momento da partilha. Vários fatores podem contribuir para que isso ocorra, no entanto, percebe-se que, ainda é muito forte, a concepção do professor como o único, naquele contexto, capaz de transmitir conhecimento, restando ao aluno o papel de receptor.

Quanto à produção escrita, os discentes não expressaram grande relutância, entretanto, observou-se que eles não se preocupam com a qualidade do texto, pois não valorizam aquilo que escrevem. Muitos problemas evidenciam-se na escrita tanto de ordem estrutural quanto linguística. Não fazem rascunho do texto e fazê-los passar o texto a limpo foi uma árdua tarefa.

Ao solicitar a reescrita, os alunos alegaram que é chato refazer a mesma coisa, desse modo, ficou evidente que essa prática não é comum para eles. Quando informados que o texto final seria publicado em um livrinho não deram muito crédito. Tanto foi que não conseguimos fazer com que ilustrassem o próprio texto.

Outro aspecto importante é que dos textos produzidos, os selecionados para análise, foram os que mais apresentaram características do conto, os demais estão mais próximos do relato, pois os alunos não compreenderam a seguinte proposta de produção final: “Use toda sua criatividade e escreva uma história cujo personagem seja construído com base em alguém que você muito admira.” O resultado foi textos com características de relato. Embora informados de que as produções seriam publicadas em um blog e em livro de contos, muitos não atingiram o objetivo proposto. Como não houve mais tempo de reconstrução do texto, foram publicados como uma forma de valorizar a escrita desses alunos.

Mesmo diante de muitos obstáculos, pensamos ser possível investir em práticas de leitura literária no espaço escolar, como forma de humanização e de ampliação da competência leitora. Isso foi revelado na simplicidade dos textos, mas especialmente, em toda sensibilidade impregnada no texto da participante 07 “Uma ajuda para a liberdade” o que ratifica a ideia de que a potencialidade dos alunos precisa ser explorada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver bem e diminuir as desigualdades socioeconômicas que marcam a sociedade é o sonho de quem acredita na força que tem o homem de transformar a realidade. E isso se dá através da educação que capacita o sujeito a desenvolver tanto suas potencialidades cognitivas quanto sociais. Uma educação emancipadora deve conferir à leitura um espaço privilegiado, visto que esta é condição precípua para construção do conhecimento e o exercício da cidadania.

Perseguindo a ideia de que a leitura seja um caminho para se alcançar a autonomia e a visão crítica dos acontecimentos que permeiam a vida em comunidade é que este trabalho buscou, através da leitura literária, contribuir para desenvolvimento dessa tão importante habilidade para o crescimento do indivíduo. No entanto, a realidade educacional nos mostra que promover essa leitura emancipatória não se constitui em tarefa simples.

Durante a intervenção percebemos, em âmbito geral, o desinteresse dos alunos pelo aprendizado, o déficit de conteúdos para a série que estão cursando, a indisciplina e a falta de perspectiva de uma vida melhor através da educação. Mas, ainda assim, é possível vislumbrar a esperança quando ouvimos os relatos de vida. Muitas vezes no afã de acertamos, pedagogicamente, nos esquecemos de criar um ambiente propício ao diálogo e a humanização.

O contato mais de perto com os alunos ratificou a nossa suposição de que ler fora da escola, para a maior parte dos educandos, é uma atividade que não faz parte do seu cotidiano, exceto se for tarefa escolar, embora no questionário socioeconômico e cultural apareça um índice elevado da quantidade de livros lidos durante o ano.

Foi percebido também a pouca, ou quase nenhuma, influência do ambiente familiar no incentivo à leitura o que faz da escola o espaço mais acessível para que crianças e jovens tenham contato com livros. No entanto, o que se observou é que os alunos não frequentam a biblioteca, a menos que seja para a realização de algum trabalho ou assistir a um filme.

A metodologia empregada objetivou criar um momento de leitura interativa, que tocasse na sensibilidade do sujeito, pois o texto literário provoca sensações, reforça ou nega identidades e propicia uma reflexão acerca de si mesmo do mundo em se vive. Além disso, abre-se um espaço para que o aluno exponha suas ideias, argumente em favor delas e exercite o respeito à pluralidade de pensamento. Entretanto, observou-se o quanto os alunos resistem em expressar aquilo que entenderam, provavelmente, por vergonha de se expor ou porque não compreenderam o que foi lido.

Considerando que os discentes estão cursando o último ano do segmento, estes apresentam muitas dificuldades em realizar leituras de acordo com as habilidades esperadas na

Matriz de Referência. Entre outras, podemos destacar as seguintes: perceber a ideia central do texto; inferir o sentido de uma palavra ou uma informação implícita; estabelecer as relações entre as partes de um texto, identificando as repetições e substituições como elementos de progressão textual. Consolidar essas habilidades é uma questão de tempo e maturação de leitura que a escola deve oferecer durante o percurso educativo do estudante.

Sabemos que nem tudo foi contemplado e que esta proposta é passível de adequação. Contudo, abrir um espaço para a leitura literária seja feita em uma perspectiva interativa, desde as primeiras séries, é contribuir para que os educandos, ao longo da sua formação, desenvolvam a sua competência comunicativa e adquiram uma postura reflexiva diante dos acontecimentos que movimentam o mundo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O prazer da Leitura Literária*. In: CEAP- Revista de Educação. Salvador, 2000.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.
- _____. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: P. Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANDIDO. Antônio. *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2011.
- _____. *Vários escritos. O direito à literatura*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. "Alguns aspectos do conto" e "Do conto breve e seus arredores". In *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. 2014.
- D'ONOFRE, Salvatore. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FILHO, Paulo Bragatto. *Pela leitura literária na escola de 1º Grau*. São Paulo: Ática. 1995.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 41ª ed. São Paulo. Cortez. 2001.
- FULGÊNCIO, Lúcia, LIBERATO, Yara Goulart. *Como facilitar a leitura*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. 4 ed. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.
- GOTLIB, Nádia Battela. *Teoria do conto*. 2ª ed. São Paulo: 1985.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. Editora 34. São Paulo. 1999.
- JOUVE, Vicent. *Por que estudar literatura?*. Parábola. São Paulo: 2009.
- KATO, Mary A. *No Mundo da Escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. Série Fundamentos. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

- KAUFMAN, Ana Maria e RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, Leitura e Produção de Textos*. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- KLEIMAN, Ângela B. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 4ª ed. Campinas-SP: Pontes. 1996.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Art,ed. 2002.
- LLOSA, Mário Vargas. *A verdade das mentiras*. Tradução Cordélia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Contexto. São Paulo: 2012
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- PETIT, Michele. *Leituras: dos espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34. 2013.
- PÓLVORA, Hélio. *Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas da moderna short story*. Ilhéus: Editus, 2002.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (Não) Ensinar Gramática na Escola*. Campinas SP: Mercado das Letras, 1996.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editoria, 2009.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Conferência sobre leitura – Trilogia Pedagógica*. CampinasSP: Autores associados. 2003.
- _____ *Leitura em curso – Trilogia pedagógica*. Campinas-SP: Autores associados. 2003.
- _____ *Atos de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez. 2000.
- _____ *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papyrus. 1996.
- SILVA, Maria Tietzmann. *Leitura literárias & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ. 2009
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 1998
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6ª ed. Porto Alegre. 1998.
- ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino da literatura*. In *Leitura de Literatura na Escola*. orgs – São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola. 2014.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME
RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Seu (sua) filho (a) (ou menor pelo qual é responsável) está sendo convidado para participar como voluntário (a) da pesquisa **LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PRPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”** que tem como objetivo contribuir para o aprimoramento da competência leitora do educando através do letramento literário, utilizando o gênero textual Conto. Sabe-se que a leitura tem sido um dos problemas educacionais mais debatidos no contexto escolar. Por isso, neste estudo, pretendemos desenvolver algumas atividades com a intenção de cooperar com as práticas leitoras já em andamento. E para isso, o aluno, voluntariamente, participará de algumas atividades que serão desenvolvidas em sala tais como: questionário diagnóstico, entrevista, rodas de leitura, leitura oral, discussões, produção de textos, pesquisas, trabalhos em grupo com apresentação, vídeos com depoimento, vídeos produzidos pelo pesquisador durante as atividades em sala e socialização num Blog dos trabalhos realizados. É provável que ele(a) se sinta envergonhado na realização de algumas tarefas em que tenha de falar ou apresentar a própria imagem. Caso isso ocorra, o aluno(a) será chamado(a), em particular para uma conversa esclarecedora acerca dos objetivos e da metodologia desse trabalho. O senhor(a) não precisa autorizar a participação dele(a) na pesquisa, caso não concorde, a pesquisadora respeitará sua decisão. Seu (sua) filho(a) não terá nenhum problema se não quiser participar ou desistir durante o processo. Estudo será desenvolvido em aproximadamente 26 horas/aula no segundo bimestre. Pedimos seu consentimento para participação dele(a), bem como para publicar atividades feitas por eles(as). É importante destacar que com a realização deste estudo, seu(sua) filho(a) poderá melhorar o rendimento escolar, pois a leitura permite a ampliação da compreensão leitora tanto em Português quanto em outras disciplinas. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para participar do estudo, sendo a pesquisadora responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. O(A) senhor(a) tem direito à indenização caso seu (sua) representado(a) sofra algum prejuízo causado por este estudo. Caso haja necessidade de indenização ou ressarcimento, a pesquisadora se responsabiliza por fazê-lo. Ninguém terá conhecimento da participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa, nem repassaremos a estranhos as informações fornecidas por ele(a). As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob minha responsabilidade, durante o período de 05 (cinco) anos. Os resultados do estudo serão publicados, mas sem a identificação dos adolescentes que participaram da pesquisa. Ao término do estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e o Senhor(a) também terá acesso a eles. Caso tenha alguma palavra ou frase que o Senhor(a) não consiga entender converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para explicá-lo(a). O(A) Senhor(a) poderá ainda nos procurar para tirar dúvidas entrando em contato com a **PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Maria Nivaneide de Souza Andrade** através do telefone da escola (75) 3262-3216 ou vindo pessoalmente até a mesma na **Rua Leopoldino Ramos, 385, Bairro dos Barreiros, Conceição do Coité-BA**. Ao assinar, está autorizando seu(sua) filho(a) (ou menor pelo qual é responsável) a participar da pesquisa **LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PRPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS**. Uma vez que as dúvidas foram esclarecidas e seu consentimento for dado, uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, será entregue após a assinatura. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar *e-mail* para cep@uefs.br.

Conceição do Coité, ____ de _____ de 2016

Assinatura do responsável pelo participante do estudo

Maria Nivaneide de Souza Andrade- Pesquisadora

Rubens Edson Alves Pereira

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado para participar como voluntário (a) da pesquisa **LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PRPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”**, que tem como objetivo contribuir para o aprimoramento da sua competência leitora através do letramento literário, utilizando o gênero textual Conto. O estudo será realizado a partir da rotina escolar nas aulas de Língua Portuguesa em aproximadamente 26 horas/aula no segundo bimestre. Você não precisa participar do estudo se não desejar, é um direito que lhe cabe e não terá nenhum problema se não concordar ou desistir, sendo que você pode realizar outras atividades diferentes do projeto sem perda de aprendizagem ou nota. Caso você aceite participar, o estudo será desenvolvido por meio de questionário diagnóstico, entrevistas, roda de leitura, discussões, pesquisas, produção de textos, trabalhos em grupo com apresentação, vídeos com depoimento, vídeos produzidos pelo pesquisador durante as atividades em sala bem como a socialização num Blog dos trabalhos construídos. Se alguma dessas atividades lhe causar um certo desconforto, você poderá recusá-la e a pesquisadora respeitará a sua decisão, tendo com você uma conversa à parte, buscando de alguma forma ajudá-lo a superar essa dificuldade. Mas é importante deixar bem claro que no caso de você persistir na decisão de não participar, não haverá prejuízo algum para você, pois outras atividades referentes ao conteúdo serão elaboradas, visto que as atividades da pesquisa estão em consonância com o conteúdo da disciplina. É bom lembrar que todo conhecimento é benéfico e este pode lhe trazer coisas positivas como a aquisição ou ampliação de seus conhecimentos. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para participar do estudo, sendo a pesquisadora responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. Você terá direito à indenização caso sofra algum prejuízo causado por este estudo. Se houver necessidade de indenização ou ressarcimento, a pesquisadora se responsabiliza por fazê-lo. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem constará seu nome no projeto. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob minha responsabilidade, durante o período de 05 (cinco) anos. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para explica-lo (a) ou com um adulto. Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com a **PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Maria Nivaneide de Souza Andrade** através do telefone da escola (75) 3262-3216 ou vindo pessoalmente até a mesma na **Rua Leopoldino Ramos, 385, Bairro dos Barreiros, Conceição do Coité-BA**. Ao assinar, você concordando em participar da pesquisa **LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PRPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS**. Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins e boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória, é importante reforçar a possibilidade de desistência em qualquer momento do processo. Assim, sendo dado seu consentimento livre e esclarecido, após a assinatura lhe será entregue uma cópia deste termo. Se tiver dúvidas sobre seus direitos como um sujeito de pesquisa, em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre o estudo é possível ligar para o Comitê de Ética- CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos

Conceição do Coité, ____ de _____ de 2016

NOME DO (A) ALUNO (A)

ASSINATURA

Maria Nivaneide de Souza Andrade- Pesquisadora

Rubens Edson Alves Pereira



NRE 4 – Núcleo Regional de Educação de Serrinha- BA

COLÉGIO ESTADUAL DURVAL DA SILVA PINTO

Rua Leopoldino Ramos, 385 – Barreiros – Conceição do Coité-BA Autorização
17218 D.O. 27/12/1991 – Cód. 70009 – Tel (75) 3262-2316

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO

Eu, GIRLENE DOS SANTOS ROCHA, gestora do Colégio Estadual Durval da Silva Pinto, em Conceição do Coité-BA, autorizo a realização da pesquisa de intervenção intitulada **LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA PARA ALÉM DAS “FICHAS”**, que será desenvolvida com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II: Informo estar ciente também de que a professora Maria Nivaneide de Souza Andrade, pesquisadora e aluna do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, poderá utilizar os espaços da escola para desenvolver a pesquisa, bem como os recursos audiovisuais, laboratório de informática, sala de leitura, consultar o projeto político pedagógico, as fichas de matrícula, de registros do desempenho acadêmico dos alunos.

Ressalto que reconheço a relevância da pesquisa para o aprimoramento da qualidade do processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa e tenho conhecimento dos objetivos e das atividades que serão desenvolvidas, uma vez que li, na íntegra, a proposta de intervenção a ser desenvolvida na instituição a qual represento, no segundo semestre do ano letivo de 2016.

Declaro estar ciente de que a pesquisa de intervenção será realizada mediante parecer ético a ser emitido pelo CEP da instituição proponente, Universidade Estadual de Feira de Santana, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades na condição de coparticipante da pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Conceição do Coité, _____, _____ 2016

Girlene dos Santos Rocha
Diretor

Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes

Este formulário tem o objetivo de coletar dados para posterior diagramação dos resultados de alunos do 9º ano do Colégio Estadual Durval da Silva Pinto, no turno vespertino

*Obrigatório

Dados Pessoais

1. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- 14 anos
 15 anos
 16 anos
 17 anos

2. Gênero

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
 Feminino

3. Cor/Etnia

Marcar apenas uma oval.

- Branco
 Pardo
 Mulato
 Negro
 Amarelo
 Indígena

Dados Socioeconômicos

4. Você Trabalha

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

5. Qual sua carga horária diária de trabalho:*Marcar apenas uma oval.*

- Não trabalho
- 4 horas
- 6 horas
- 8 horas

6. Em relação a economia familiar:*Marcar apenas uma oval.*

- Você não trabalha e alguns dos seus gastos são providos pela família
- Você trabalha e é independente financeiramente
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente

7. Contando com você, quantas pessoas moram em sua casa?*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
<input type="radio"/>								

8. Qual o nível de instrução de sua Mãe ?*Marcar apenas uma oval.*

- Analfabeto
- Lê e escreve sem ter frequentado escola
- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Nível Superior incompleto
- Nível Superior completo

9. Qual o nível de instrução de seu Pai?*Marcar apenas uma oval.*

- Analfabeto
- Lê e escreve sem ter frequentado escola
- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Nível Superior incompleto
- Nível Superior completo

10. Qual seu principal meio de transporte?

Marcar apenas uma oval.

- A pé / Bicicleta
- Transporte próprio (carro ou moto)
- Crona
- Transporte Escolar
- Transporte público

11. Você faz uso contínuo medicamento?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

12. Você tem:

Marque todas que se aplicam.

- Tablet
- Computador/notebook
- Internet em casa
- Celular
- Impressora

Dados Culturais

13. Que tipo de leitura mais lhe agrada?

Marque todas que se aplicam.

- Suspense
- Ciência e tecnologia
- Literatura
- Outros
- Atualidades
- Assuntos locais
- Esporte
- Nenhuma

14. Além dos livros escolares, em média, você lê anualmente:

Marcar apenas uma oval.

- Nenhum livro
- de 1 a 2 livros
- de 3 a 4 livros
- mais de 4 livros

15. Você usa o computador?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, diariamente
- Sim, eventualmente
- Nunca

16. O que você usa para se informar?

Marque todas que se aplicam.

- Revista
- Televisão
- Internet
- Rádio
- Jornal
- Livros
- Outros

17. Quais recursos da internet você mais utiliza?

Marque todas que se aplicam.

- Músicas
- Redes sociais
- Jogos
- E-mail
- Vídeos
- Blog
- Sites

18. Exceto o trabalho e o estudo, onde você ocupa seu tempo,

Marque todas que se aplicam.

- Televisão
- Internet
- Atividades físicas
- Músicas
- Leitura
- Cinema
- Festas
- Conversas
- Dança

Dados escolares

19. Você concluiu o Ensino Fundamental 1 (4ª Série/5º Ano) com quantos anos*Marcar apenas uma oval.*

- 9 anos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos ou mais

20. Você já repetiu algum ano?*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, uma vez
- Sim, mais de uma vez
- Nunca repeti

Sobre sua escola e seus professores

21. O conhecimento que os professores têm sobre as matérias*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

22. O modo como os professores transmitem os conteúdos*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

23. Interesse dos estudantes pelas aulas*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

24. Biblioteca escolar*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

25. Laboratório de informática*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

26. Acesso a Internet na escola*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

27. Conforto na sala de aula*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

28. Práticas esportivas*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

29. Trabalhos em grupo*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

30. Projetos, gincanas e festas*Marcar apenas uma oval.*

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

31. Relaciona o conteúdo das matérias com o cotidiano

Marcar apenas uma oval.

- Insuficiente
- Regular
- Bom
- Ótimo

Sobre as aulas de Língua Portuguesa

32. Quanto à disciplina de Língua Portuguesa

Marcar apenas uma oval.

- Gosta
- não gosta

33. Do que você mais gosta nas aulas de Portugues

Marcar apenas uma oval.

- Leitura/literatua
- Produção de textos
- Práticas orais
- Gramática
- Outro

34. Você tem facilidade para produzir textos?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- As vezes

35. Você tem facilidade de expressar-se oralmente?

Marcar apenas uma oval.

- Na sala
- Entre amigos
- Na igreja
- Com a família
- com pessoas letradas
- Nenhum lugar

36. Você tem dificuldade de entender textos lidos em sala?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Alguns

37. Você participa de discussões orais em sala de aula?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, quando solicitado
- Sim, espontaneamente
- Não

38. Você conhece o gênero textual "Conto"?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

39. Onde você leu/ouviu?

Marcar apenas uma oval.

- Na escola
- Em casa
- Em outro lugar

Powered by



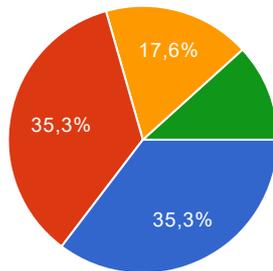
17 respostas

[Publicar análise](#)

Resumo

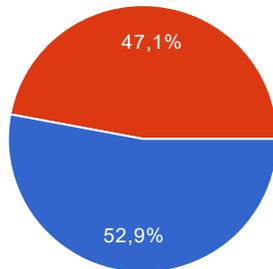
Dados Pessoais

Idade



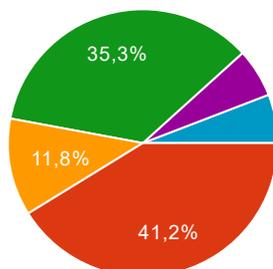
14 anos	6	35.3%
15 anos	6	35.3%
16 anos	3	17.6%
17 anos	2	11.8%

Gênero



Masculino	9	52.9%
Feminino	8	47.1%

Cor/Etnia



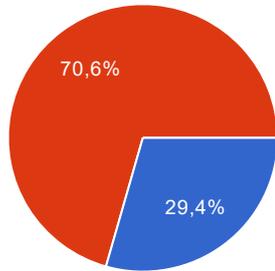
Branco	0	0%
Pardo	7	41.2%
Mulato	2	11.8%
Negro	6	35.3%
Amarelo	1	5.9%
Indígena	1	5.9%

Dados Socioeconômicos

Você Trabalha

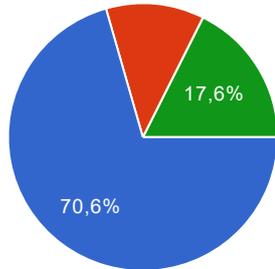
Sim	5	29.4%
-----	----------	-------

Não **12** 70.6%

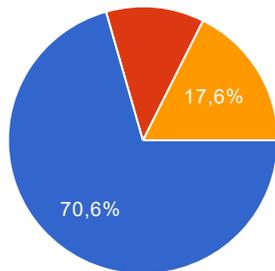


Qual sua carga horária diária de trabalho:

Não trabalho	12	70.6%
4 horas	2	11.8%
6 horas	0	0%
8 horas	3	17.6%

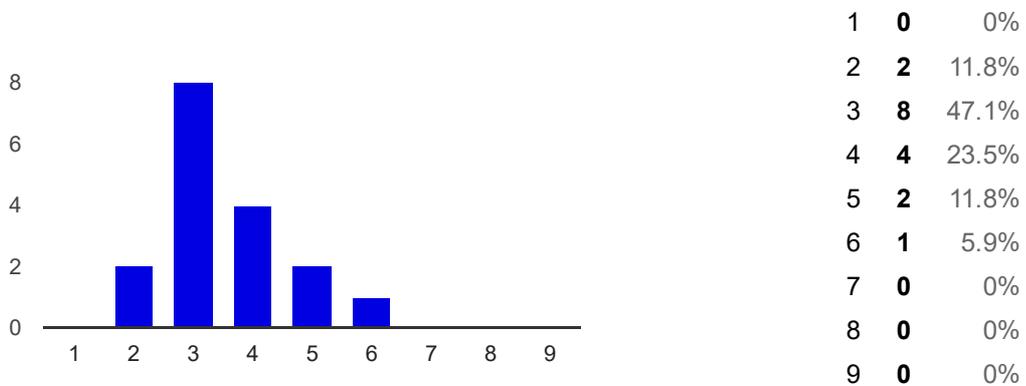


Em relação a economia familiar:

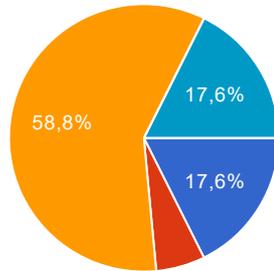


Você não trabalha e alguns dos seus gastos são providos pela família	12	70.6%
Você trabalha e é independente financeiramente	2	11.8%
Você trabalha, mas não é independente financeiramente	3	17.6%

Contando com você, quantas pessoas moram em sua casa?

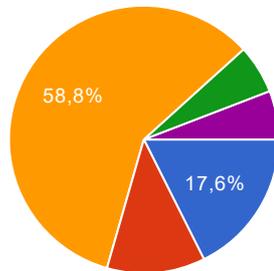


Qual o nível de instrução de sua Mãe ?



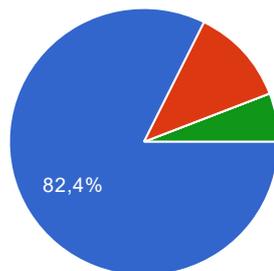
Lê e escreve sem ter frequentado escola	1	5.9%
Fundamental incompleto	10	58.8%
Fundamental completo	0	0%
Ensino Médio incompleto	0	0%
Ensino Médio completo	3	17.6%
Nível Superior incompleto	0	0%
Nível Superior completo	0	0%

Qual o nível de instrução de seu Pai?



Analfabeto	3	17.6%
Lê e escreve sem ter frequentado escola	2	11.8%
Fundamental incompleto	10	58.8%
Fundamental completo	1	5.9%
Ensino Médio incompleto	1	5.9%
Ensino Médio completo	0	0%
Nível Superior incompleto	0	0%
Nível Superior completo	0	0%

Qual seu principal meio de transporte?

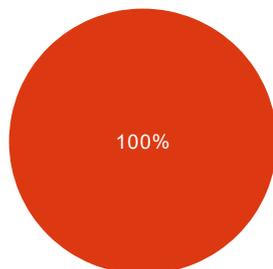


A pé / Bicicleta	14	82.4%
Transporte próprio (carro ou moto)	2	11.8%

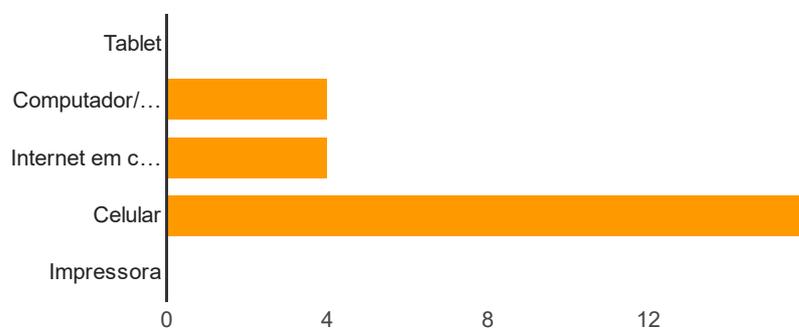
Crona	0	0%
Transporte Escolar	1	5.9%
Transporte público	0	0%

Você faz uso contínuo medicamento?

Sim	0	0%
Não	17	100%



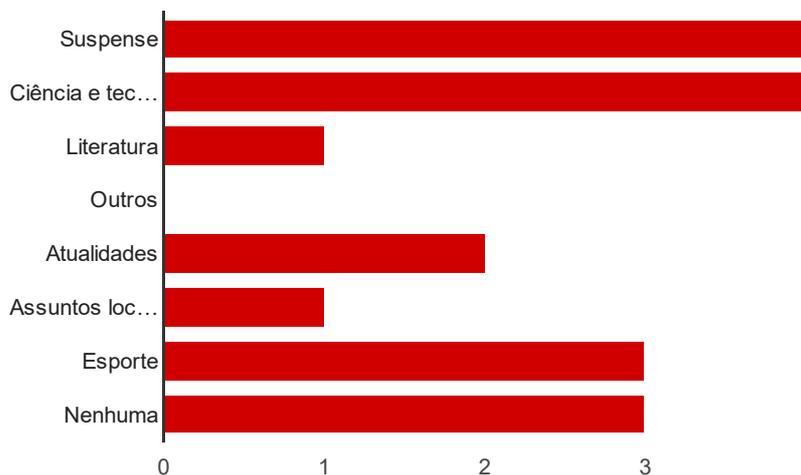
Você tem:



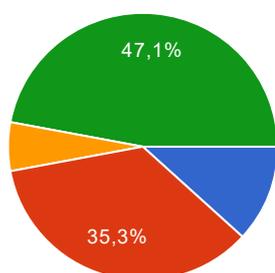
Tablet	0	0%
Computador/notebook	4	23.5%
Internet em casa	4	23.5%
Celular	16	94.1%
Impressora	0	0%

Dados Culturais

Que tipo de leitura mais lhe agrada?

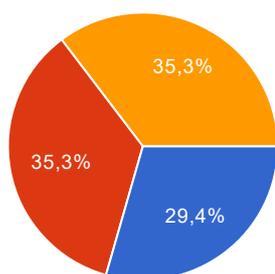


Além dos livros escolares, em média, você lê anualmente:



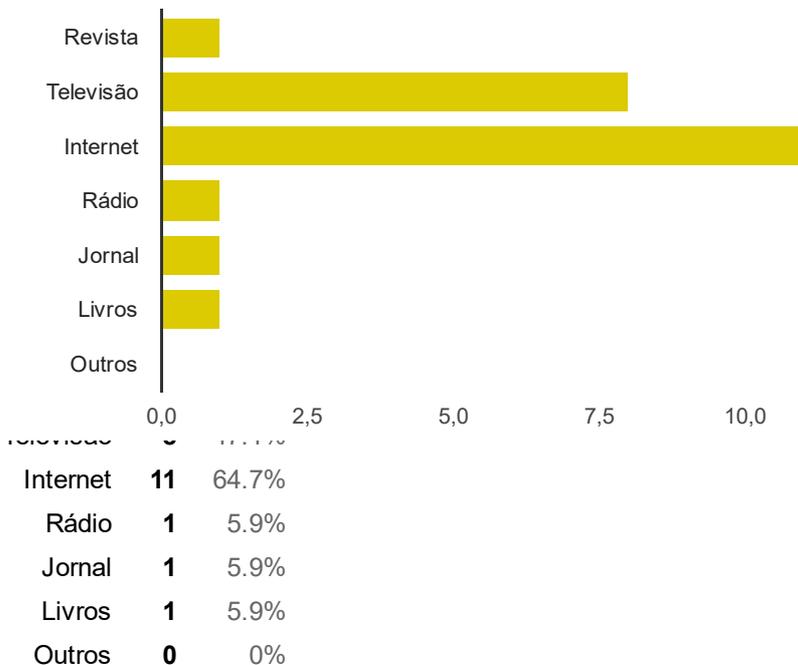
Nenhum livro	2	11.8%
de 1 a 2 livros	6	35.3%
de 3 a 4 livros	1	5.9%
mais de 4 livros	8	47.1%

Você usa o computador?

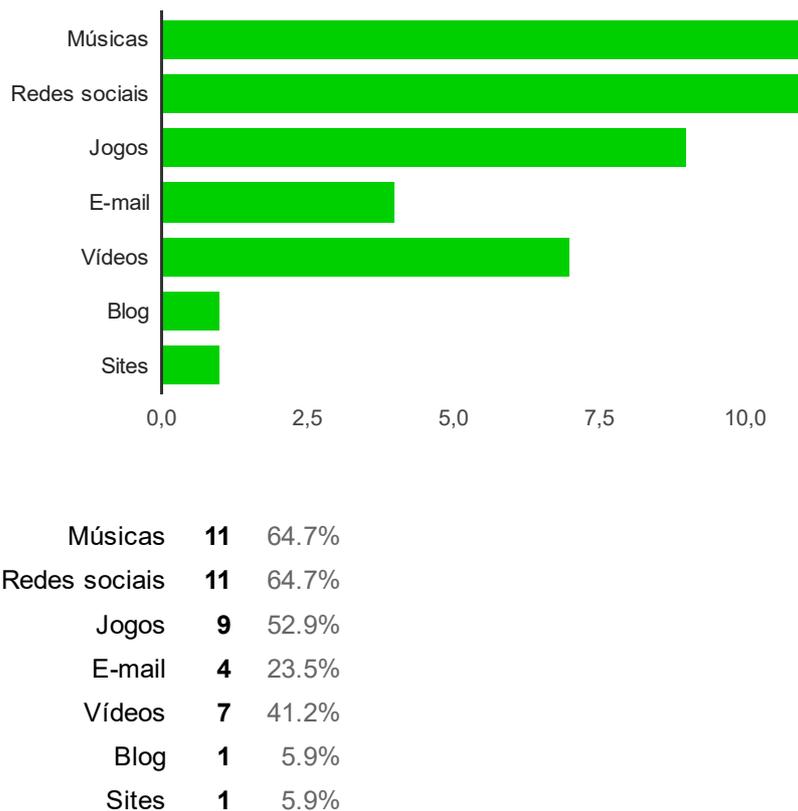


Sim, diariamente	5	29.4%
Sim, eventualmente	6	35.3%
Nunca	6	35.3%

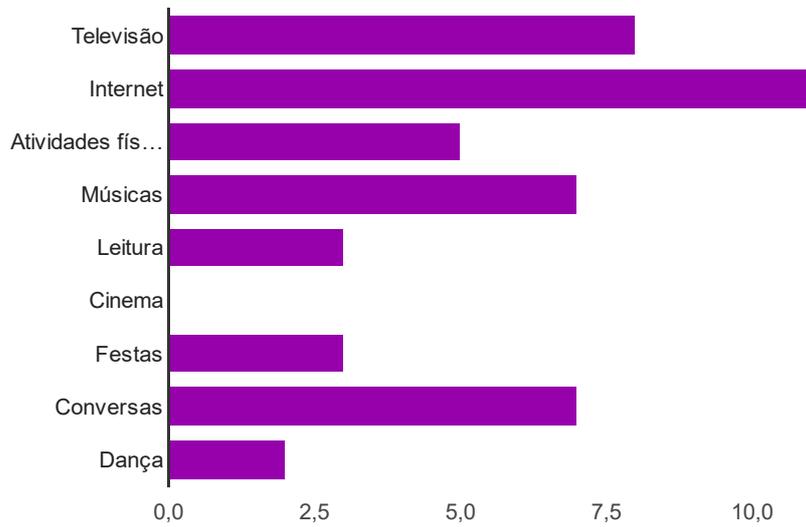
O que você usa para se informar?



Quais recursos da internet você mais utiliza?



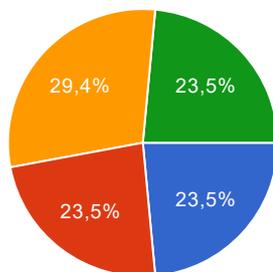
Exceto o trabalho e o estudo, onde você ocupa seu tempo,



Leitura	3	17.6%
Cinema	0	0%
Festas	3	17.6%
Conversas	7	41.2%
Dança	2	11.8%

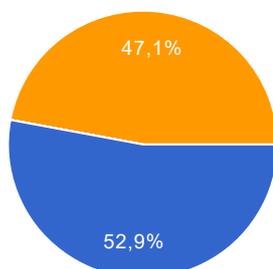
Dados escolares

Você concluiu o Ensino Fundamental 1 (4ª Série/5º Ano) com quantos anos



9 anos	4	23.5%
10 anos	4	23.5%
11 anos	5	29.4%
12 anos ou mais	4	23.5%

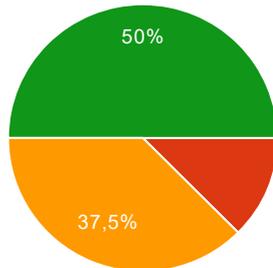
Você já repetiu algum ano?



Sim, uma vez	9	52.9%
Sim, mais de uma vez	0	0%
Nunca repeti	8	47.1%

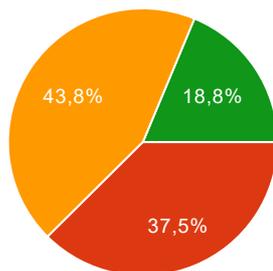
Sobre sua escola e seus professores

O conhecimento que os professores têm sobre as matérias



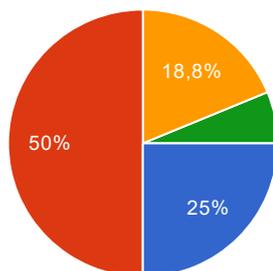
Insuficiente	0	0%
Regular	2	12.5%
Bom	6	37.5%
Ótimo	8	50%

O modo como os professores transmitem os conteúdos



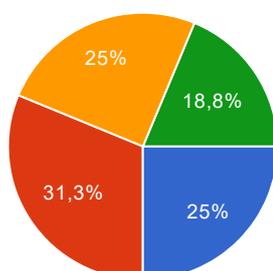
Insuficiente	0	0%
Regular	6	37.5%
Bom	7	43.8%
Ótimo	3	18.8%

Interesse dos estudantes pelas aulas

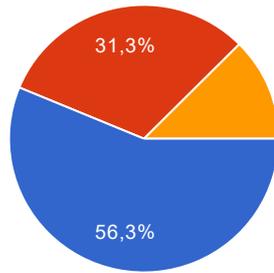


Insuficiente	4	25%
Regular	8	50%
Bom	3	18.8%
Ótimo	1	6.3%

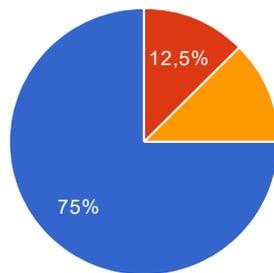
Biblioteca escolar



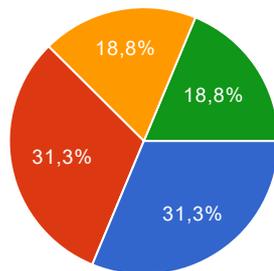
Insuficiente	4	25%
Regular	5	31.3%
Bom	4	25%
Ótimo	3	18.8%

Laboratório de informática

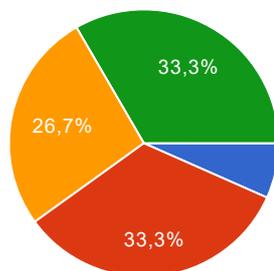
Insuficiente	9	56.3%
Regular	5	31.3%
Bom	2	12.5%
Ótimo	0	0%

Acesso a Internet na escola

Insuficiente	12	75%
Regular	2	12.5%
Bom	2	12.5%
Ótimo	0	0%

Conforto na sala de aula

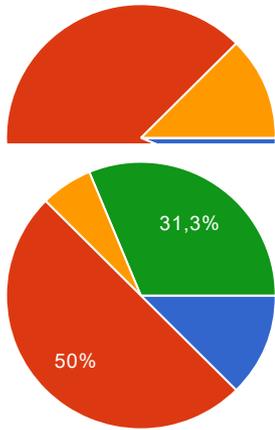
Insuficiente	5	31.3%
Regular	5	31.3%
Bom	3	18.8%
Ótimo	3	18.8%

Práticas esportivas

Insuficiente	1	6.7%
Regular	5	33.3%
Bom	4	26.7%
Ótimo	5	33.3%

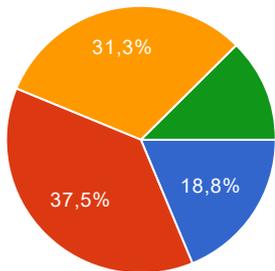
Trabalhos em grupo

Insuficiente	1	6.3%
Regular	13	81.3%
Bom	2	12.5%
Ótimo	0	0%



Insuficiente	2	12.5%
Regular	8	50%
Bom	1	6.3%
Ótimo	5	31.3%

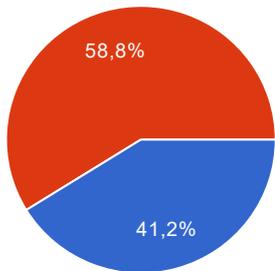
Relaciona o conteúdo das matérias com o cotidiano



Insuficiente	3	18.8%
Regular	6	37.5%
Bom	5	31.3%
Ótimo	2	12.5%

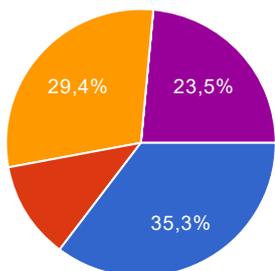
Sobre as aulas de Língua Portuguesa

Quanto à disciplina de Língua Portuguesa



Gosta	7	41.2%
não gosta	10	58.8%

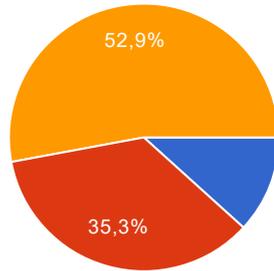
Do que você mais gosta nas aulas de Portugues



Leitura/literatua	6	35.3%
Produção de textos	2	11.8%
Práticas orais	5	29.4%

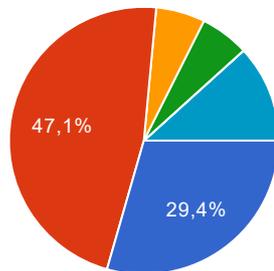
Gramática	0	0%
Outro	4	23.5%

Você tem facilidade para produzir textos?



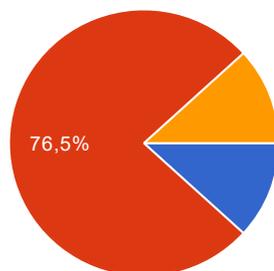
Sim	2	11.8%
Não	6	35.3%
As vezes	9	52.9%

Você tem facilidade de expressar-se oralmente?



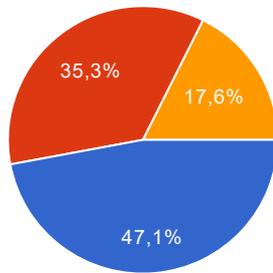
Na sala	5	29.4%
Entre amigos	8	47.1%
Na igreja	1	5.9%
Com a família	1	5.9%
com pessoas letradas	0	0%
Nenhum lugar	2	11.8%

Você tem dificuldade de entender textos lidos em sala?

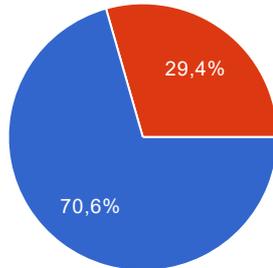


Sim	2	11.8%
Não	13	76.5%
Alguns	2	11.8%

Você participa de discussões orais em sala de aula?

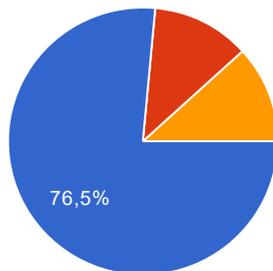


Você conhece o gênero textual "Conto"?



Sim	12	70.6%
Não	5	29.4%

Onde você leu/ouviu?



Na escola	13	76.5%
Em casa	2	11.8%
Em outro lugar	2	11.8%

Número de respostas diárias

